



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO
GRANDE DO SUL
CAMPUS PORTO ALEGRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

RODRIGO NOLTE MARTINS

**ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA FORMAÇÃO HUMANA
INTEGRAL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA**

Porto Alegre

2021

RODRIGO NOLTE MARTINS

(RODRIGO DMART)

**ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA FORMAÇÃO HUMANA
INTEGRAL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Campus Porto Alegre do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Maria Cristina Caminha de Castilhos França

Porto Alegre

2021

M386a Martins, Rodrigo Nolte

Arte, cultura e produção cultural na formação humana integral: concepções e práticas na Educação Profissional e Tecnológica. / Rodrigo Nolte Martins - Porto Alegre, 2021.

90 p.; il. color. ; 29 cm

Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Caminha de Castilhos França

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Porto Alegre, Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT, Porto Alegre, 2021.

1. Educação Profissional e Tecnológica. 2. Formação humana integral. 3. Artes. 4. Produção cultural. I. França, Maria Cristina Caminha de Castilhos. II. Título.

CDU 37:004

RODRIGO NOLTE MARTINS

**ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA FORMAÇÃO HUMANA
INTEGRAL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
E TECNOLÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 30 de novembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Cristina Caminha de Castilhos França
Instituto Federal do Rio Grande do Sul IFRS
Orientadora

Profa. Dra. Luciana Neves Loponte
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense IFSUL

Prof. Dr. João Vicente Ribas
Universidade de Passo Fundo UPF

Prof. Dr. Gabriel Kaplún Hirsz
Universidad de La Republica - Uruguay

RODRIGO NOLTE MARTINS

**ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA EPT: GUIA PARA O
ACESSO E PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS CULTURAIS**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Validado em 30 de novembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Cristina Caminha de Castilhos França
Instituto Federal do Rio Grande do Sul IFRS
Orientadora

Profa. Dra. Luciana Neves Loponte
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense IFSUL

Prof. Dr. João Vicente Ribas
Universidade de Passo Fundo UPF

Prof. Dr. Gabriel Kaplún Hirsz
Universidad de La Republica - Uruguay

Dedicado à Yara Marina Baungarten Bueno.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradecimento à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Cristina Caminha de Castilhos França, pela maestria, paciência e amizade.

Especial agradecimento ao Prof. Dr. Gabriel Kaplún, pela inspiração em seus trabalhos, projetos e trajetória, e pela gentileza em participar desta pesquisa.

Ao mestrado do ProfEPT, ao Instituto Federal do Rio Grande do Sul, à direção, aos colegas de mestrado, professores, técnicos e servidores dos campus Porto Alegre e Osório, e a todos amigos e profissionais que participaram e estimularam o desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO

Esta dissertação trata de reflexões e alternativas para o desenvolvimento e o acesso à produção cultural na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), por meio de dinâmicas educativas, com viés da transversalidade. Esta proposta objetiva que a dimensão cultural na EPT traga estímulos para o processo de profissionalização no universo das artes e das indústrias criativas. Como metodologia, o trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa e de natureza aplicada, através de entrevistas semiestruturadas e interações mediadas tecnologicamente que, por conta da pandemia, focam em educadores e técnico como interlocutores do Campus Osório, do Instituto Federal do Rio Grande do Sul. A proposta metodológica apresenta ainda aprofundamento teórico e pesquisa bibliográfica sobre os diversos elementos implicados na relação da arte e da produção cultural com a EPT. Para balizar o presente estudo, elegem-se os eixos metodológicos a partir de Paulo Freire (1982, 2002) e de Gabriel Kaplún (2003, 2008); e, como aporte de referenciais teóricos na EPT, citam-se Ciavatta (2012), Ramos (2014), Araujo (2015) e Frigotto (2008). A pesquisa resultou no desenvolvimento de um produto educacional, concretizado em um guia sobre indústrias criativas, produção e projetos culturais e artísticos e suas possibilidades na EPT. O produto em questão foi avaliado por sujeitos envolvidos com a EPT, com o campo das artes ou atuantes na produção cultural do Rio Grande do Sul.

Palavras-Chave: Educação Profissional e Tecnológica; Arte e Produção Cultural; Indústria Criativa; Guia; institutos federais; IFRS campus Osório.

ABSTRACT

This dissertation deals with reflections and alternatives for the development and access to cultural production in Professional and Technological Education (EPT in Brazil), through educational dynamics, with a transversality bias. This proposal aims for the cultural dimension in EPT to bring incentive to the professionalization process in the universe of arts and creative industries. As a methodology, the work is configured as a qualitative research of an applied nature, through semi-structured interviews and technologically mediated interactions that, due to the pandemic, focus on educators and technicians as interlocutors of Campus Osório, from the Federal Institute of Rio Grande do Sul. The methodological proposal also presents theoretical deepening and bibliographic research on the various elements involved in the relationship between art and cultural production with EPT. To guide this study are chosen the methodological axes of Paulo Freire (1982, 2002) and Gabriel Kaplún (2003, 2008); and, as a contribution of theoretical references in the EPT are cited Ciavatta (2012), Ramos (2014), Araujo (2015) and Frigotto (2008). The research resulted in the development of an educational product, materialized in a guide on creative industries, production and cultural and artistic projects and their possibilities in the EPT. The product in question was evaluated by people involved with the EPT, with the field of arts or active in cultural production in Rio Grande do Sul, south of Brazil.

Key words: Professional and Technological Education; Art and Cultural Production; Creative Industry; Guide; federal institutes; IFRS Osório campus.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
1.1 JUSTIFICATIVA	14
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	16
1.3 OBJETIVO GERAL	16
1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	17
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1 A CULTURA NA EDUCAÇÃO: EPT, ARTE E CULTURA	18
2.2 CULTURA E JUVENTUDE	24
2.3 INDÚSTRIAS CRIATIVAS, ECONOMIA CRIATIVA, PRODUÇÃO E PROJETOS CULTURAIS	31
2.3.1 O QUE SÃO AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS	33
2.3.2 ECONOMIA CRIATIVA E CRIATIVIDADE	35
2.3.3 PROJETOS CULTURAIS	38
2.4 EIXOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS	40
3 METODOLOGIA	45
3.1 PANDEMIA: CONTEXTO DE TRANSFORMAÇÃO	46
3.2 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO COM A PANDEMIA	47
3.3 METODOLOGIA ORIGINAL	48
3.4 PRIMEIRAS ALTERAÇÕES NA METODOLOGIA	50
3.5 METODOLOGIA FINAL	51
3.6 NUENS DE PALAVRAS: PRODUÇÃO E ANÁLISE DA ENTREVISTAS	52
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	53
4.1 O ESPAÇO DA PESQUISA: CAMPUS OSÓRIO	54
4.2 AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO E PRÁTICAS DOS ENTREVISTADOS	55
4.3 ENTREVISTA COM GABRIEL KAPLÚN	57
4.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS À LUZ DOS EIXOS METODOLÓGICOS DE GABRIEL KAPLÚN	59
5 O PRODUTO EDUCACIONAL	61
5.1. FORMATO E CONTEÚDO	61
5.2 BASES CFONCEITUAIS E UTILIZAÇÃO NA EPT	62
5.3 AVALIAÇÃO E REEDIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL:	63
6 CONCLUSÕES: NOVAS MIRADAS	65
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES	75
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS AVALIADORES DO PRODUTO EDUCACIONAL	81
ANEXO A – NUENS DE PALAVRAS	87
ANEXO B – PRODUTO EDUCACIONAL	90

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo em transformação.

Em 2021, a população global está chegando próximo da marca de 8 bilhões de pessoas¹. A exploração econômica e a expansão demográfica geram desequilíbrios que podem ser irreversíveis ao meio ambiente e a iminente exaustão dos recursos naturais do planeta. Desastres ambientais, poluição, calamidades, epidemias... Ações predatórias que colocam em risco a sobrevivência do próprio homem.

As primeiras décadas do século 21 são marcadas por imensos avanços tecnológicos. O planeta - agora – é interligado em rede, mas as inovações tecnológicas não criaram o equilíbrio para a humanidade. E estamos imersos – e perdidos - em um mar revolto de excesso de informação e de conexões, somos consumidores de conteúdos à deriva.

Já na década de 1960, Edgar Morin apontava que o processo de globalização e a cultura de massa – através de uma “relação entre os conteúdos da civilização burguesa e o sistema técnico-industrial-capitalista, levando à atualização virtualidades inerentes à técnica” (MORIN, 1962, p. 171) - iriam gerar um novo individualismo voltado “unicamente ao gozo do instante (...): a participação do presente no mundo” (p. 176). A cultura de massa e a fluidez do consumo de cultura estão destacados na citação abaixo:

A perpétua incitação a consumir e a mudar (publicidade, modas, vogas e ondas), o perpétuo fluxo dos flashes e do sensacional conjugam-se num ritmo acelerado em que tudo se substitui muito depressa, canções, filmes, geladeiras, amores, carros. Um incessante esvaziamento opera-se pela renovação (...). Ao tempo dito eterno da arte, sucede o tempo fulgurante dos sucessos (...), o fluxo torrencial das atualidades. Um presente sempre novo é irrigado pela cultura de massa. Presente estranho, por ser, ao mesmo tempo, vivido e não vivido; é vivido mentalmente enquanto os corpos sofrem a reputação e a similitude da vida quotidiana (MORIN, 1962, p.177).

Neste panorama de incertezas e velozes mudanças no qual estamos vivendo, faz-se premente investigar o papel da arte e da produção cultural - sob o viés da transversalidade e do diálogo com diferentes elos, conhecimentos e

¹ Informações sobre população mundial online em: <https://www.worldometers.info/br/>.

setores sócio-econômico-culturais - no universo da Educação Profissional e Tecnológica (e, em especial, o Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS).

Esta é uma proposta que dialoga diretamente com os conceitos da Educação Profissional e Tecnológica, também preocupados com o processo de globalização e como isto impacta na educação e no mundo do trabalho. Já no documento “Um Novo Modelo em Educação Profissional e Tecnológica: Concepção e Diretrizes”, publicado pelo Ministério da Educação (2010), a questão cultural surge como um fator preponderante para a superação das adversidades. Assim, a cultura já era considerada uma das bases da EPT, desde 2008, quando foi criada a Lei de reorganização da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e amalgamada, intimamente, aos conceitos que fundamentam a criação dos Institutos Federais.

Não seria suficiente, pois, perceber que os Institutos Federais estão situados numa determinada área geográfica e associados a projetos e programas mais amplos e globais. É preciso estabelecer o vínculo entre o local e o global. É necessário que suas ações conduzam à construção de uma cultura que supere a identidade global a partir de uma identidade sedimentada no sentimento de pertencimento territorial (BRASIL, 2008, p. 23).

O processo de mutação mundial, denominado globalização, se caracteriza por um “fluxo global de mercadorias, serviços e ideias” (MORAES, 1997, p. 7) que, predominantemente, não leva em conta e solapa as particularidades e identidades regionais no planeta. A globalização “consagra o mercado de consumo como eixo do modo de produção hegemônico” (MORAES, 1997, p. 7), ou seja, dá prioridade ao fator econômico em detrimento aos fatores sociais e culturais.

Mas, ao mesmo tempo, no qual os ventos parecem soprar em uma única direção: hegemonia do sistema capitalista de produção global e o tão propagado “fim da história”, garganteando solapar qualquer forma de resistência ou exposição de alternativas, o próprio sistema – traz em si – brechas e oportunidades. Do fatalismo surge esperança; do dualismo, a diversidade... Como postula a dialética marxista: não existe nada eterno, fixo, pois tudo está

em perpétua mutação, tudo está sujeito ao contexto histórico dinâmico da transformação.

Assim, a alegada homogeneização cultural, almejada pela globalização – pautada pelo monopólio e pelo interesse exclusivamente financeiro, paradoxalmente, cria – em um mar de mesmice e mediocridade de caráter universalizante – possibilidades tecnológicas e artísticas, para potencializar vozes e semear redescobertas, explorar novos espaços e gerar conexões. Revalorização. Reação. Diálogo. Multiversos.

“(…) podemos nos perguntar se o universal já não sucumbiu à sua própria massa crítica, e se chegou a se implantar fora dos discursos e das morais oficiais. Em todo caso, para nós, o espelho do universal está quebrado (podemos ver aí de fato alguma coisa como o estágio do espelho da humanidade). Mas, talvez seja uma sorte porque, nos fragmentos do espelho quebrado do universal, as singularidades reaparecem (BAUDRILLARD, 1997, p. 129).

O futuro é incerto. O rumo atual do progresso não trouxe felicidade e completude. Criou medo, espanto, dúvidas, psicoses, neuroses... A velocidade das inovações parece não deixar tempo e espaço para a reflexão. O individualismo sobrepõe-se ao coletivo. A competição vence a colaboração. O mercado explora o trabalhador. O governo reprime o cidadão. As corporações sobrepujam os governos.

Tudo e todos estão atrelados a um sistema capitalista como modo primordial de pensar e fazer a vida. Compartimentada. A fragmentação da vida, dos interesses, do conhecimento foi fruto da revolução industrial que solapou o ideário renascentista do conhecimento integrado e integrador. Uma visão fragmentada sobre o processo de humanização. O que gerou uma cisão entre arte, ciência, trabalho, homem e natureza.

Na contramão desse tsunami de contradições: trabalho, ciência, tecnologia e cultura estão – entrelaçados - no cerne da criação dos Institutos Federais no Brasil; na compreensão de uma educação integrada, na formação de um homem integral. Uma articulação que é “um dos mais importantes diferenciais identitários dos institutos” que possibilita “desenvolvimento local e regional” e “implicará necessariamente em um embate simbólico de significações e ressignificações dos modelos e educação preexistentes na rede” (PACHECO et al, 2012, p.30).

A cultura está na concepção do trabalho como princípio educativo que, somada a outras dimensões, é estruturante para a organização e desenvolvimento curricular da Educação Profissional e Tecnológica. Segundo Marise Nogueira Ramos:

Compreender a relação indissociável entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura significa entender o trabalho como princípio educativo, o que não significa “aprender fazendo”, nem é sinônimo de formar para o exercício do trabalho (RAMOS, 2014, p. 90).

Embora o cenário nefasto, o homem é, naturalmente, um inventor. Um criador de seus próprios meios. Em meios às dificuldades, o homem é um ser que luta e que, de forma geral, busca alternativas e formas de viver, conviver, trabalhar e criar.

Dado que a arte revela o princípio criador que (...) já encontramos no trabalho, o desenvolvimento universal da personalidade exige que todo homem, como ser criador, seja, de certo modo um homem-artista, isto é, um homem situado numa atitude criadora diante do mundo e das coisas (VÁZQUEZ, 1968, p.322).

E a Educação Profissional e Tecnológica, através da criação dos Institutos Federais, em 2008, se torna um espaço privilegiado e fértil para isso, pois busca o homem multidimensional, dono de seu caminho e de sua história. Sujeito, participe, atento ao coletivo.

Os Institutos Federais, em sua concepção, amalgamam trabalho-ciência-tecnologia-cultura na busca de soluções para os problemas de seu tempo, aspectos que necessariamente devem estar em movimento e articulados ao dinamismo histórico da sociedade em seu processo de desenvolvimento (BRASIL, 2010, p. 35).

Para refletirmos sobre estas demandas e possibilidades, apresentamos uma dissertação com cinco capítulos: justificativa, referencial teórico, metodologia, resultados e discussões e produto educacional, além da conclusão, na qual se apresenta algumas das compreensões apreendidas nesta pesquisa. Em cada etapa desta escrita, trazemos o pensamento de teóricos, sociólogos, educadores e as vivências de entrevistados para embasar os temas da EPT, da produção cultural, da arte e da cultura no campo acadêmico.

1.1 JUSTIFICATIVA

A dissertação em questão visou consolidar a dimensão da arte e da produção cultural na Educação Profissional e Tecnológica, por meio de dinâmicas educativas na perspectiva da transversalidade.

A pesquisa foi desenvolvida em consonância com o que apontam Ciavatta e Ramos (2012a) sobre a concepção e fundamentos do ensino médio integrado e a ampliação de horizontes aos jovens.

Ou seja, não se trata somente de integrar um a outro na forma (o ensino médio à educação profissional), mas sim de se constituir o ensino médio como num processo formativo que integre as dimensões estruturantes da vida, trabalho, ciência e cultura, abra novas perspectivas de vida para os jovens e concorra para a superação das desigualdades entre as classes sociais (CIAVATTA e RAMOS, 2012a, p.306).

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, sem ignorar o cenário da produção, tendo o trabalho como seu elemento constituinte, propõem uma educação em que o domínio intelectual da tecnologia firma-se pelo desenvolvimento científico e acadêmico e balizado pela cultura. Isto significa dizer que as propostas de formação estariam contemplando os fundamentos, princípios científicos e linguagens das diversas tecnologias que caracterizam o processo de trabalho contemporâneo, considerados em sua historicidade (BRASIL, 2010, p. 33).

Na compreensão de seu trabalho coletivo, os Institutos Federais reúnem, da diversidade sociocultural, princípios e valores que convergem para fazer valer uma concepção de educação profissional e tecnológica em sintonia com os valores universais do homem, daí a importância de assegurar, nos Institutos Federais, o lugar da arte e da cultura (BRASIL, 2010, p. 21).

O conceito da transversalidade traz a compreensão de diferentes conhecimentos que geram aprendizados de sistemas e realidades. Rompe com a fragmentação do pensamento. Traz de volta o pensamento integral. Vai contra a disciplinarização: a fragmentação dos conteúdos. A compreensão múltipla compreendida como totalidade. É algo que instiga. Perpassa saberes e fazeres. Tem efeito multiplicador. Aproximam-se saberes e fazeres.

Mike Featherstone (2007) aborda as mudanças que vêm ocorrendo na cultura contemporânea em três campos, bem como as aproximações entre cultura, ciência e educação:

1) campos artísticos, intelectuais e acadêmicos (nos modos de teorização, apresentação do trabalho) (...); 2) na esfera cultural mais ampla, envolvendo modos de produção, consumo e circulação de bens simbólicos (...); 3) nas práticas e experiências cotidianas de diferentes grupos (...) usando regimes de significação de diferentes maneiras e estar desenvolvendo novos meios de orientação e estruturas de identidade. (...) A cultura, antes na periferia das disciplinas das ciências sociais (...) está agora sendo empurrada para o centro do campo (...) e barreiras entre ciências sociais e humanidades estão em processo de destruição (FEATHERSTONE, 2007, p. 29 e 30).

Ciavatta (2014, p. 190) traça uma origem da formação integral, na EPT, que é omnilateral:

no sentido de formar o ser humano em sua integridade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica. Foi aí que se originou o grande sonho de uma formação completa para todos conforme queriam os utopistas do Renascimento (...) e, principalmente, os socialistas utópicos da primeira metade do séculos XIX. (...) Finalmente, Karl Marx extrai das próprias contradições da produção social a necessidade de uma formação científica-tecnológica.

A proposta de investigação é atuar na educação (EPT) com a dimensão cultural, semeando sensibilidade e criatividade. Pelo meio da arte e da produção cultural, a intenção é estimular sujeitos a conhecer e apreciar novas realidades – dentro, “juntos” e fora das artes e da educação (economia criativa, direito autoral, administração, etc.), unindo aspectos culturais e sociais, que podem, através da formação omnilateral, gerar ações culturais libertárias e transformadoras, nas quais:

o papel do trabalhador social se desenvolve num domínio mais amplo, no qual a mudança é um dos aspectos (...) da estrutura social. (...) A ação cultural para a libertação e a revolução cultural implicam a comunhão entre os líderes e as massas populares, como sujeitos de transformação da realidade (FREIRE, 2002, p. 44 e 99).

A pesquisa se insere na Linhas de Práticas Educativas na EPT ao apresentar perspectivas de uma profissionalização no mundo das artes e das indústrias criativas. A concepção que almejamos é de uma educação com viés interdisciplinar - aliada à arte e à produção cultural -, considerando este viés enquanto um papel central no sucesso deste processo, a Educação Profissional e Tecnológica, como baluarte e os Institutos Federais, como articuladores.

Vale salientar que no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (2008) são ofertados em EPT, mais de 30 cursos que abordam artes, design, comunicação e que dialogam com o propósito interligar e incrementar as noções e as possibilidades de trabalho com produção cultural e indústrias criativas. Dentre os cursos técnicos oferecidos estão: artes circenses, artes visuais, artesanato,

canto, cenografia, composição e arranjo, dança, design, documentação musical, fabricação de instrumentos musicais, figurino cênico, multimídia, museologia, processos fonográficos e fotográficos, produção em áudio e vídeo, produção em moda, rádio e televisão, regência, teatro, entre outros.

Evidentemente, os cursos presentes no catálogo, compreendem formações específicas. Aqui trata-se de pensar a arte e a produção cultural em um currículo de formação integrada, no qual os estudantes sejam envolvidos também no desenvolvimento de processos artísticos e culturais criativos que venham a despertar novas possibilidades de atuação no mundo do trabalho.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

As escolas e instituições de ensino em geral, enquanto espaços formais de educação (mas também espaços informais e não-formais) têm carência de conhecimentos e de estímulos sobre arte, produção cultural e noções sobre cadeia produtiva da cultura, assim como há falta de recursos, estrutura e informações que tratem sobre criatividade, bem como perspectivas de profissionalização nas indústrias criativas, faz-se, prementemente a questão:

Quais são as possibilidades de ensino em Educação Profissional e Tecnológica que levem à apreensão das noções e conceitos de arte, cultura e produção cultural na perspectiva da transversalidade e da formação integral?

1.3 OBJETIVO GERAL

Contribuir para o desenvolvimento da educação integral através do inter-relacionamento da arte, da criatividade e da produção cultural na dimensão na Educação Profissional e Tecnológica, na perspectiva da transversalidade.

1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar o papel da arte e da cultura na concepção da Educação Profissional e Tecnológica em sintonia com os valores universais do homem.

Detectar nas práticas já adotadas no Campus Osório, do IFRS, as concepções do papel da arte e da cultura na EPT.

Adequar, desenvolver e sugerir atividades com base no papel da arte e da produção cultural na formação omnilateral em EPT.

Instrumentalizar professores e envolver estudantes, servidores públicos e comunidades ligadas à EPT quanto à adoção e reflexão sobre as temáticas e à educação, voltadas ao desenvolvimento da arte, enquanto dimensão cultural e ao domínio do sistema de acesso aos processos de apropriação da produção cultural.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico para a pesquisa está baseado em autores, sociólogos, filósofos, comunicadores, produtores culturais, professores e estudiosos nos campos que são abordados no trabalho: arte, educação, cultura, produção cultural, juventude, economia, mundo do trabalho, entre outros.

Conforme a temática e a configuração das metodologias foram sendo definidas, também foram sendo incorporadas fundamentações e descobertos novos olhares sobre os questionamentos da pesquisa:

- EPT, com bases conceituais, os IFs e a educação integral sedimentadas por Ciavatta (2012), Ramos (2014), Araujo (2015) e Frigotto (2008);
- A educação integral, concebida na noção de politecnicidade em Karl Marx (s/d) e o desenvolvimento das diferentes dimensões humanas, entre elas a cultura, e depois em Saviani (2018);
- Relacionando cultura e arte, com Bourdieu (2007), apoiado em Canclini (2019) e demais autores; sobre sistemas de produção

cultural, com Teixeira Coelho (1999), bem como relatórios internacionais sobre Indústrias culturais e economia criativa;

- Para sustentar os estudos sobre juventude, educação e o espaço escolar, traz-se Martins e Carrano (2011) entre outros;
- No contexto da aplicação metodológica, utiliza-se os eixos pedagógicos de Paulo Freire (1982,2002) e de Gabriel Kaplún (2003,2008), conectados às metodologias ativas de José Morán (2015).

Dito isso, prossegue-se com a aproximação entre a educação profissional e tecnológica, arte e cultura em termos da produção cultural.

2.1 A CULTURA NA EDUCAÇÃO – EPT, ARTE E CULTURA

Neste subcapítulo, procuramos delinear uma sondagem sobre as relações entre arte e de cultura em autores da literatura das bases conceituais da EPT.

Trabalho, ciência, tecnologia e cultura são os quatro pilares que, entrelaçados, compreendem a dimensão do desenvolvimento do homem na EPT. Estes conceitos estão no cerne da criação dos Institutos Federais no Brasil; na compreensão de uma educação integrada para um homem integral. O documento “Um Novo Modelo em Educação Profissional e Tecnológica: Concepção e Diretrizes”, publicado pelo Ministério da Educação (2010), sintetiza estas ideias e ideias que “amalgamam trabalho-ciência-tecnologia-cultura na busca de soluções para os problemas de seu tempo” (p. 35), além, de destacar o papel da arte da cultura neste processo:

Na compreensão de seu trabalho coletivo, os Institutos Federais reúnem, da diversidade sociocultural, princípios e valores que convergem para fazer valer uma concepção de educação profissional e tecnológica em sintonia com os valores universais do homem, daí a importância de assegurar, nos Institutos Federais, o lugar da arte e da cultura. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 21).

A concepção estrutural de cultura pode ser disposta como um dos muitos fenômenos que compõem um mundo sócio-histórico concebido como um campo de significados, uma vez que, segundo John B. Thompson (2007): “os fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em

contextos estruturados; e a análise cultural pode ser pensada como o estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas”.

Já o trabalho, quando Ramos (2014), apresenta-o em seu princípio educativo enquanto ação do homem produtor de sua realidade, interpreta o trabalho como realidade concreta: “nós somos sujeitos de nossa história e de nossa realidade. Em síntese, o trabalho é a primeira mediação entre o homem e a realidade material e social” (p.90).

Assim, temos na EPT tanto aspectos materiais como culturais, ou seja, de conhecimento, relacionados ao trabalho e à educação e como objetivo a Educação Profissional e Tecnológica propõe o homem integral. Uma educação integral: científica, tecnológica, cultural e física (corpo). Para Karl Marx (s/d), a visão que a escola poderia favorecer o desenvolvimento de todas as dimensões do sujeito, simultaneamente. Em Moura (2013), apreendemos os preceitos de Antonio Gramsci, que tratam da dimensão política da educação. São compreensões que contribuem para a busca da educação integral, como afirma Dante Henrique Moura (2013):

As concepções de Gramsci a respeito da escola unitária e de formação humana integral, omnilateral ou politécnica, provenientes de Marx e de Engels, não colidem. Ao contrário, compreende-se que são complementares, tendo quem vista que Gramsci aprofunda um aspecto da politécnica anunciado (...) qual seja: a dimensão intelectual, cultural e humanística. (MOURA, 2013, p. 710).

Pela sua formação, os Institutos Federais, se tornam um espaço privilegiado para unir cultura, trabalho e educação. Inspirado nas reflexões de Gramsci, Dermeval Saviani (2007) apresenta um “esforço de organização do sistema de ensino com base no princípio educativo do trabalho”, vislumbrando a realidade brasileira, primeiramente, focando na escola unitária que equivaleria ao nível fundamental:

não precisa (...) fazer referência direta ao processo de trabalho (...). Aprender a ler, escrever e contar, dominar os rudimentos das ciências naturais e sociais constituem pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive, inclusive para entender a própria incorporação do trabalho dos conhecimentos científicos no âmbito da vida e da sociedade (SAVIANI, 2007, p. 160).

Saviani (2007) pondera que “no ensino médio a relação entre educação e trabalho, entre o conhecimento e a atividade prática deverá ser tratada de maneira explícita e direta” (p. 161). Para isso, o autor fala sobre o conceito da politécnica que – para ele, naquela acepção – significa: “especialização como

domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas utilizadas na produção moderna”. Além disso, o Saviani trata da educação superior, como forma de todos os membros da sociedade ter uma forma de participação plena da vida cultural:

Ora, em lugar de abandonar o desenvolvimento cultural dos trabalhadores a um processo difuso, trata-se de organizá-lo. É necessário, pois, que eles disponham de organizações culturais por meio das quais possam participar, em igualdade de condições com os estudantes universitários, da discussão, em nível superior, dos problemas que afetam toda a sociedade e, portanto, dizem respeito aos interesses de cada cidadão. (SAVIANI, 2007, p.161).

De forma semelhante, Ciavatta e Ramos (2012a) apontam que esta ampliação conceitual da Educação Profissional e Tecnológica não deve ser somente a soma de conhecimentos propedêuticos (formação geral), mas integrado à educação profissional que une e desenvolve as dimensões estruturantes da vida.

Ou seja, não se trata somente de integrar um a outro na forma (o ensino médio à educação profissional), mas sim de se constituir o ensino médio como num processo formativo que integre as dimensões estruturantes da vida, trabalho, ciência e cultura, abra novas perspectivas de vida para os jovens e concorra para a superação das desigualdades entre as classes sociais (CIAVATTA; RAMOS, 2012a, p.306).

Para o entendimento desta pesquisa, considera-se ainda que, como veremos mais adiante e refletido no produto educacional, a EPT e o sistema de produção cultural aliados poderão acrescentar a geração de alternativas de emprego, renda e, além disso, a fruição de entretenimento e arte.

A cultura também faz parte da perspectiva na formação humana integral, conforme está explicitado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) – no 4º inciso do artigo 5º da Resolução CNE/CEB n. 02/2012. Sobre estas Diretrizes, Dante Henrique Moura (2013) traz o seguinte comentário:

A cultura é conceituada como o processo de produção de expressões materiais, símbolos, representações e significados que correspondem a valores éticos, políticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade (MOURA, 2013, p. 718).

Produção, cultura, educação e trabalho. Aí está uma conexão importante que os Institutos Federais realizam e que estão traçados desde sua gênese, aliada a reflexões e preocupações com os avanços científicos, o contexto histórico e o diálogo com a sociedade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010).

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, sem ignorar o cenário da produção, tendo o trabalho como seu elemento constituinte, propõem uma educação em que o domínio intelectual da tecnologia, a partir da cultura, firme-se. Isto significa dizer que as propostas de formação estariam contemplando os fundamentos, princípios científicos e linguagens das diversas tecnologias que caracterizam o processo de trabalho contemporâneo, considerados em sua historicidade (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 33).

Mas os desafios são enormes para alcançar a plenitude dos conceitos e concepções que a Educação Profissional e Tecnológica propõe:

- Trabalho com princípio educativo,
- Educação integral,
- O homem omnilateral,
- Trabalho, educação, ciência, tecnologia, cultura e cidadania.

Para que estratégias tomem forma, requer integração de conhecimentos: interdisciplinaridade. Em Thiesen (2008), encontra-se a reflexão de que a interdisciplinaridade na escola dá ao sujeito acesso à cidadania, à criatividade e à autonomia e, baseado em Freire (1987), Thiesen (2008, p. 97) argumenta que

a interdisciplinaridade é o processo metodológico de construção do conhecimento pelo sujeito com base em sua relação com o contexto, com a realidade, com sua cultura. Busca-se a expressão dessa interdisciplinaridade pela caracterização de dois movimentos dialéticos: a problematização da situação, pela qual se desvela a realidade, e a sistematização dos conhecimentos de forma integrada.

Para Frigotto (2008), a interdisciplinaridade advém de o "homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social", mas pode encontrar dificuldades de aplicação:

O especialismo na formação e o pragmatismo e ativismo que impera no trabalho pedagógico constituem-se em resultado e reforço da formação fragmentária e forças que obstaculizam o trabalho interdisciplinar. Este viés de formação vai situar a questão pedagógica do trabalho interdisciplinar não no processo de produção e reprodução do conhecimento, mas nos métodos e técnicas de transmissão (FRIGOTTO, 2008, p.19).

Outra preocupação constante – encontrada na literatura sobre EPT – trata sobre a tecnologia. O descompasso entre a escola (o ensino) e os avanços tecnológicos - surgidos neste início do século – traz, com urgência, a necessidade de inclusão, estudo e compreensão de novos métodos de educação e de transmissão de conhecimentos.

Efetivamente, mesmo a simples “manutenção” da sociedade atual – o que, considerado o seu dinamismo, é uma hipótese meramente formal – exigiria uma ampla participação de homens técnica e culturalmente capacitados para o controle e promoção das suas atividades; mas a instabilidade tecnológica, as

novas técnicas de que todos falam – cibernética, automação etc. – a inevitável necessidade de estabelecer previsões planejadas, exigem muito mais do que uma escola ou uma aprendizagem tradicionais (MANACORDA, 2007, p. 25 e 26).

Agora, em um mundo frenético, voraz e veloz, as fronteiras se dissipam. Ciência, arte, técnica, produção, consumo, indústria, cultura, economia, tudo caminha junto.

Não obstante, a EPT também está atenta ao processo de globalização, como isso impacta na educação e no mundo do trabalho. Frigotto (2008) por sua vez, vê o processo de capilaridade dos IFs, uma vez que eles estão alocados também em espaços territoriais longínquos dos grandes centros urbanos e têm a tarefa de reafirmar os vínculos culturais locais sem desconsiderar a importância dos processos globais na constituição das identidades. Segundo o autor:

Não seria suficiente, pois, perceber que os Institutos Federais estão situados numa determinada área geográfica e associados a projetos e programas mais amplos e globais. É preciso estabelecer o vínculo entre o local e o global. É necessário que suas ações conduzam à construção de uma cultura que supere a identidade global a partir de uma identidade sedimentada no sentimento de pertencimento territorial (FRIGOTTO, 2008, p.23).

Marise Nogueira Ramos (2014) se preocupa com a relação entre “partietotalidade na proposta curricular” para o desenvolvimento da educação integral. E formula a seguinte indagação:

Como podemos proporcionar compreensões globais, totalizantes da realidade a partir da seleção de componentes e conteúdos curriculares? Como orientar a seleção de conteúdos no currículo da formação integrada? A resposta a tais perguntas implica buscar relacionar partes e totalidade (RAMOS, 2014, p. 106)

A Educação Profissional e Tecnológica busca o homem multidimensional, dono de seu caminho e de sua história. Sujeito, ativo e partícipe, que está atento ao coletivo. Através do trabalho como princípio educativo, a EPT une ciência e arte, saberes e ofícios, técnicas e teorias. Uma educação integral e integradora. Tecnológica e criativa. Sustentável e humanista. Uma sociedade na qual haja justiça e equilíbrio entre economia, trabalho, educação, ciência, tecnologia, arte, natureza e desenvolvimento social e justo. Nesse processo, a arte e a produção cultural podem atuar como uma amálgama – duradoura, dinâmica e sustentável - para conectar, valorizar e dinamizar todos os elos.

Dermeval Saviani, a partir do legado de Marx para a educação, coloca-nos que “a definição do homem como o conjunto das relações sociais indica que o indivíduo se põe como um sujeito histórico e social (...) nas relações cotidianas com os outros homens por meio do processo educativo” (SAVIANI, 2018, p. 80).

Entre as práticas pedagógicas e o ensino integrado no contexto da EPT, os educadores e pesquisadores Ronaldo Araújo e Gaudêncio Frigotto (2015) trazem outra abordagem educacional – ancorada em visadas sociais, éticas e políticas - preocupados com o desenvolvimento de práticas para o ensino integrado, tendo o trabalho como princípio pedagógico. Em particular, os autores abordam, como referência, o trabalho e a obra do educador marxista ucraniano Moisey Mikhaylovich Pistrak (1888-1937), bastante influente nas ideias pedagógicas após a Revolução Russa, em 1917.

Os autores defendem - como ponto nevrálgico – a formação de sujeitos “solidários, críticos e autônomos”, em contraponto às perspectivas reducionistas de ensino que

reservam aos trabalhadores de origem trabalhadora o desenvolvimento de capacidades cognitivas básicas e instrumentais em detrimento ao desenvolvimento de sua força criativa e de sua autonomia intelectual e política (ARAÚJO e FRIGOTTO, 2015, p. 63).

Para eles, o conceito de autonomia (e da auto-organização dos estudantes) que, segundo a ótica de Pistrak (2009), seria revelado em três capacidades:

- a) Habilidade de trabalhar coletivamente;
- b) Habilidade de trabalhar organizadamente cada tarefa;
- c) Desenvolvimento da capacidade criativa.

Para a organização do trabalho pedagógico do ensino integrado são enumeradas diversas variáveis como: condição concreta da formação; conhecimento e maturidade profissional do professor; perfil da turma e o tempo disponível; mas, principalmente, o compromisso docente para a formação integrada e a transformação social. Tudo isso, não somente alicerçado “na perspectiva imediata do mercado, mas tendo como referência a utilidade social” (ARAÚJO e FRIGOTTO, 2015, p. 68).

Araujo e Frigotto (2015) sugerem alguns princípios para orientar a organização de um currículo integrado: contextualização, interdisciplinaridade e compromisso de transformação social. A contextualização trata da articulação dos conteúdos com as realidades sociais e políticas dos trabalhadores (e organizações sociais). A interdisciplinaridade explora as possibilidades da diversidade e da criatividade de cada uma das ciências envolvidas no processo educativo. A transformação social abarca ação material e emancipação dos sujeitos. Para isso, os autores recomendam os procedimentos da problematização (valorização das atividades de docentes e discentes no processo formativo), do trabalho cooperativo (ações solidárias e colaborativas) e auto-organização (autonomia e participação efetiva dos sujeitos envolvidos).

No desenvolvimento da capacidade criativa, citado por Pistrak (2009), propomos na pesquisa de mestrado e no produto educacional que o conhecimento e as práticas da produção cultural são ferramentas que podem alavancar uma compreensão transversal do mundo do trabalho e do mundo da cultura, em consonância ao cotidiano educacional e tecnológico disponibilizado pelos Institutos Federais, que

trazem em seu DNA elementos singulares para sua definição identitária, assumindo um papel representativo de uma verdadeira incubadora de políticas sociais, uma vez que constroem uma rede de saberes que entrelaça cultura, trabalho, ciência e tecnologia em favor da sociedade (SETEC. 2010, p. 19).

A seguir, vamos tratar de refletir sobre os conceitos de juventude, as culturas juvenis e a relação entre as manifestações da juventude e o meio escolar.

2.2 CULTURA E JUVENTUDE

O século 21 traz uma necessidade premente para que a concepção de “juventude” seja analisada a partir de uma visão multifacetada. Em artigo sobre a atuação da escola diante da cultura juvenil, MARTINS e CARRANO (2011) atentam para a importância de tratar os jovens como sujeitos produtores de cultura, alertando para a pouca interação ou “baixa visibilidade” que estas expressões, genuínas e espontâneas, encontram na escola e que vão além de uma fase etária de vida, de transição, de rebeldia, de contestação.

A principal proposta do artigo é ressaltar que os jovens são atores (artífices e criadores) de inúmeras manifestações presentes nas cidades e que conquistam espaços de autonomia, geram produção de identidades, com uma diversidade de “práticas, representações, símbolos e rituais”; mas que, no entanto, pouco ou nada disso encontra reverberação (ou é aproveitado/valorizado) nas instituições escolares (e – quiçá – repercute no seio familiar).

Os Institutos Federais no Brasil oferecem disciplinas e debates estimulantes sobre o tema de Juventude, Trabalho e Escola, tanto em aulas presenciais nos *campi* de ensino médio e superior quanto em atividades em plataformas online como o Ambiente Virtual de Aprendizagem, do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), especificamente em disciplina do Mestrado em rede nacional, do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT).

Ao tratar de diferentes áreas, temáticas e autores, os conteúdos pedagógicos nos IFs confluem para aproximações, reflexões e diálogos. No caso do campo da produção cultural na formação de jovens, é uma oportunidade para vislumbrar e reconhecer algumas das inúmeras variáveis que envolvem jovens, educadores, instituições de ensino, consumo, cultura e o mundo do trabalho na sociedade contemporânea.

O principal texto brasileiro para a proteção e atendimento dos jovens foi publicado como Lei, em 5 de agosto de 2013. O Estatuto da Juventude ainda é um documento recente e, de certa forma, pouco conhecido, se for comparado ao Estatuto da Criança e do Adolescente, de julho de 1990.

Um dos primeiros pontos que o Estatuto da Juventude estabelece é que “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade” (BRASIL, 2013). A lei traz como princípios: promoção da autonomia e emancipação dos jovens, valorização da participação social e política, promoção da criatividade, reconhecimento do jovem como sujeito de direitos universais, respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude, entre outros. A seção “Do Direito à Cultura”, no artigo 21, declara que “o jovem tem direito à cultura, incluindo a livre criação, o acesso aos bens e serviços culturais

e a participação nas decisões de política cultural, à identidade e diversidade cultural e à memória social” (BRASIL, 2013).

Mas, apesar de ser um documento minucioso e relevante, quantos jovens (e adultos) conhecem ou leram, de fato, este documento? E quanto do Estatuto da Juventude é, efetivamente, colocado em prática? Talvez a parte mais reconhecida seja seu artigo 23 que trata da “meia-entrada”:

É assegurado aos jovens de até 29 (vinte e nove) anos pertencentes a famílias de baixa renda e aos estudantes, na forma do regulamento, o acesso a salas de cinema, cineclubes, teatros, espetáculos musicais e circenses, eventos educativos, esportivos, de lazer e entretenimento, em todo o território nacional, promovidos por quaisquer entidades e realizados em estabelecimentos públicos ou particulares, mediante pagamento da metade do preço do ingresso cobrado do público em geral (BRASIL, 2013).

Os estudos no mestrado propiciaram o contato com aspectos socioculturais, como os abordados na publicação “Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional”, organizada por Helena Abramo e Pedro Branco, lançada em 2005, pela Fundação Perseu Abramo e Instituto Cidadania. É uma extensa pesquisa que resultou em uma publicação com 448 páginas para tratar da juventude e sua presença na sociedade contemporânea, focando “tanto nos espaços acadêmicos de discussão e investigação como nas agendas para o desenvolvimento de políticas públicas” em um trabalho que envolveu “3.501 jovens de 15 a 24 anos de idade, em 198 municípios de 25 estados brasileiros”.

Dentre os excertos disponíveis no Ambiente Virtual de Aprendizagem, vale destacar as diferentes conceituações sobre “jovem” e “juventude”: faixa etária entre a infância e a maturidade (entre 15 a 29 anos); período de vida (preparatório/problemático); categoria social e contingente populacional; é sinônimo de geração.

Outro aspecto relevante é o da “moratória social”, a possibilidade de crédito para protelar a entrada na vida adulta, a fim que se obtenha mais experiência e formação que - segundo o texto - deveria ser oferecido através de uma educação pública e de qualidade. Também é evidenciada a dramática contradição entre os universos dos jovens e das escolas e a necessidade do enfrentamento da dicotomia trabalho versus estudo.

Grupos de jovens ligados à música - *rappers* e *funkeiros* - são o tema central do artigo “O jovem como sujeito social”, de Juarez Dayrell, professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O autor enfoca na expressão cultural e na perspectiva de vida de jovens das camadas populares:

Uma primeira imagem que questionam é a juventude vista na sua dimensão de transitoriedade. Esses jovens mostram que viver a juventude não é preparar-se para o futuro, para um possível “vir-a-ser”, entre outras razões porque os horizontes do futuro estão fechados para eles. O tempo da juventude, para eles, localiza-se no aqui e agora, imersos que estão no presente. E um presente vivido no que ele pode oferecer de diversão, de prazer, de encontros e de trocas afetivas, mas também de angústias e incertezas diante da luta da sobrevivência, que se resolve a cada dia (DAYRELL, 2003, p.49).

Em “O jovem como modelo cultural”, Angelina Peralva fala sobre a consolidação (ela chama de “cristalização”) das idades da vida. A autora ressalta que uma ruptura ocorre, a partir da revolução industrial, já a partir do final do século 19, com “a ideia de geração”, o que acarreta a desorganização do modelo ternário do ciclo da vida (jovem/adulto/velho), principalmente, em relação à inclusão das pessoas no mundo do trabalho.

A incidência da transformação das relações de trabalho sobre a representação social do ciclo da vida é naturalmente mais visível ali onde a ação sistemática do Estado mais fortemente contribuiu para institucionalizá-las, o que é o caso na experiência das social-democracias europeias. Ali, a distribuição do trabalho ao longo do ciclo da vida sofreu mudanças significativas nos últimos vinte anos. Os jovens entram mais tardiamente no mercado de trabalho, enquanto os adultos saem mais cedo, exatamente em um momento em que o ciclo biológico também se alterou, pelo prolongamento da esperança de vida (PERALVA, 1997, p.21).

A jornalista e doutora em antropologia Ana Lucia Enne analisa o processo histórico e as mudanças no significado da “ideia de juventude” - renovação, ruptura e movimento - desde a popularização do termo, a partir dos anos 1950, no artigo “Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade”. Um trabalho denso que perpassa conceitos de pensadores, historiadores e pesquisadores como Jean Baudrillard, Pierre Bourdieu, Paulo Freire, Guy Debord, Eric Hobsbawn, Edgar Morin, Gilles Lipovetsky, entre outros.

Enne (2010) destaca que, dentre os valores associados ao estilo de vida jovem, “o da contestação tenha se constituído no mais ambíguo e escorregadio”, mas que pode assumir “múltiplas formas de resistência e re-existência”. De acordo com a autora:

percebemos muitas vezes formas diversas de resistência, que se não estão presas aos modelos de contestação dos anos 60, o fazem dentro de outros formatos, usando talvez menos o combate direto e mais os recursos discursivos, as paródias, a carnavalização, o humor (FREIRE FILHO e CABRAL, 2007), e as novas tecnologias de comunicação e informação, em especial a internet e o celular (ENNE, 2008), dentre outras estratégias e táticas (ENNE, 2010, p. 32).

José Machado Pais apresenta uma fluída e detalhada narrativa antropológica em “Lazer e sociabilidades juvenis - um ensaio de análise etnográfica” trazendo diversas facetas de práticas culturais e de sociabilidade em Portugal. Entre outros temas, o autor analisa as festas e bailes de debutante, o lazer de burgueses e operários no Café Tourada, na cidade de Rio Cinza, a “curtição dos Arcades” (os fliperamas, no Brasil), bem como o consumo de drogas e as práticas sexuais entre jovens, em meados dos anos 1980.

O artigo “A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar”, de Carlos Henrique dos Santos Martins e Paulo Cesar Rodrigues Carrano, traz diversos olhares e reflexões sobre as relações entre grupos juvenis, cultura, consumo e globalização na sociedade contemporânea. O trabalho avalia a necessidade premente de uma visão multifacetada sobre as concepções de “juventude” – para além de uma fase etária de vida, de transição, de rebeldia, de contestação – para tratar os jovens como sujeitos produtores de cultura, alertando para a pouca interação ou “baixa visibilidade” que estas expressões, genuínas e espontâneas, encontram na escola.

Sobre o artigo “Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência”, de Paulo Carrano, destaca-se as noções de identidade contemporânea, nas quais “ser jovem é uma escolha para a transformação da vida” e estão baseadas nas “diferenças com as quais são reconhecidas socialmente” (CARRANO, 2011).

O texto apresenta ainda o embate das responsabilidades de jovens perante uma “vida adulta” e denota que, nas sociedades ocidentais, esta passagem se relaciona a ser um “sujeito de direito” mas também um “sujeito de

consumo” na criação de um tipo ideal de juventude focado no lazer e nos estudos que não está - necessariamente - acessível a todos.

As desigualdades educacionais, caracterizadas principalmente pelas baixas taxas de universalização de educação média e superior no Brasil, acentuam a heterogeneidade do que pode ser denominado de “estruturas de transições”. A trajetória de busca e inserção no mundo do trabalho dos jovens, especialmente os das famílias mais pobres, é incerta, ou seja, esses ocupam as ofertas de trabalho disponíveis que, precárias e desprotegidas em sua maioria, permitem pouca ou nenhuma possibilidade de iniciar ou progredir numa carreira profissional (CARRANO, 2011, pp. 11 e 12).

Suzana Feldens Schwertner e Rosa Maria Bueno Fischer no artigo “Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades” investigam o uso do tempo dos jovens em relação ao consumo cultural, em uma análise multidisciplinar, que perpassa da psicanálise ao direito, da comunicação à educação, mostrando a interação destes com as diversas mídias e artes.

O objeto desta pesquisa ocorreu no Colégio de Aplicação da UFRGS, uma escola pública situada em Porto Alegre, e buscou entender o uso do tempo por parte de jovens estudantes, com idades entre 13 e 14 anos, e analisou as práticas de “consumo cultural” referente à “leitura, uso da internet, hábitos relativos a cinema, música e televisão”.

Sendo que uma das percepções das autores é que “quanto mais repleta de nuances se torna a relação intergeracional, mais complexos se fazem os conteúdos culturais, mais nebulosa é a experiência e a compreensão do tempo, tanto para as crianças e para os jovens, quanto para os adultos” (SCHWERTNER, FISCHER, 2012, p. 404).

Já no artigo “Ondas, cenas e microculturas juvenis”, o pesquisador Vitor Sérgio Ferreira apresenta um relato sobre a apropriação cultural através do consumo da música, em Portugal. Segundo ele, esta apropriação se dá pela fruição da escuta e pelo polo da produção musical, amadora ou profissional, em pesquisa como jovens em idades entre 20 e 40 anos (vale salientar esta dilatação da faixa etária pelo autor).

Ferreira evidencia da música o seu sentido lúdico e de convívio, que podem gerar reflexo nas futuras escolhas profissionais e das trajetórias de vida relacionadas “às cenas ou ondas juvenis” das quais estes entrevistados fizeram parte.

A música não só domina os tempos como também as relações desses jovens, sendo um recurso cultural em torno do qual, em grande medida, se estruturam as densas redes de sociabilidade de que participam. Constitui efetivamente o principal elo de comunhão e afinidade eletiva no âmbito destas, laços sociais que se traduzem na audição partilhada em contexto domiciliar ou em shows, na troca de informações, opiniões, discos, na criação e exibição coletiva de material sonoro (FERREIRA, 2008, p. 103).

De forma geral, os artigos e os materiais audiovisuais encontrados nesta pesquisa refletem certa dissonância e a falta de diálogo entre os universos escolares e dos jovens. Abismos sociais e culturais que se acentuam mais ainda com os avanços tecnológicos, com os quais os jovens já nascem habituados e os educadores e as instituições precisam se integrar.

A escola se torna um espaço onde a juventude não se vê espelhada. E esta crise se desdobra em mazelas como a evasão escolar, a escalada de violência e de intolerância, o abuso de uso de drogas. Os jovens não percebem significado no estudo e na busca de conhecimento; não veem perspectiva para a vida e encontram dificuldades de inserção no mundo do trabalho. Tudo isso, enquanto a juventude (e sociedade atual) está imersa em um acachapante fluxo de informação e de propaganda das maravilhas tecnológicas e do “museu de velhas novidades” gerada pela globalização e pela sociedade de consumo. A sedução. O brilho. A velocidade. E a distração.

Retornamos a CARRANO e MARTINS (2011), que enfatizam a necessidade de a escola reconhecer, valorizar e agregar (em seu cotidiano de ensino e aprendizagem) as inúmeras manifestações das culturas juvenis. Os autores compreendem que a escola precisa admitir a existência da diversidade em práticas coletivas da juventude (calcada em multiplicidade de territórios de expressão e na hibridização cultural (CARRANO, 2011), enquanto que – ainda – em geral, a escola se utiliza de mecanismos de silenciamento e trata o jovem de forma homogeneizada.

José Machado Pais (1990) enfatiza que a juventude tem duas tendências de análise sob o ponto de vista da Sociologia: a primeira relacionada a uma fase da vida (transitória, de preparação, do “longo rito de passagem” para se tornar um adulto); e a segunda, a cada grupo juvenil constituído por diferentes realidades sociais (questões de classe e de poder, inserções sociais, econômicas, políticas e culturais).

Os conceitos da construção sociológica de juventude são marcados de acordo com “o lugar de onde se fala”, avaliam CARRANO E MARTINS (2011); em um mundo onde os jovens não são ouvidos para a solução de problemas; e onde sua expressão é, simplesmente, considerada atos de rebeldia, de resistência e de provocação. O artigo finaliza com uma certa “conclamação” dos autores para que a escola e a família dos estudantes ofereçam novas formas para que os jovens possam compartilhar expressões e assuntos que, realmente, dialoguem com suas expectativa e interesses em relação à vida e ao futuro - que são diferentes das gerações anteriores: mais complexas, desafiadoras, diversificadas e, quiçá, criativas e esperançosas.

A partir das questões relacionadas à cultura e à juventude, passamos aos conceitos das indústrias criativas e produção cultural.

2.3 INDÚSTRIAS CRIATIVAS, ECONOMIA CRIATIVA, PRODUÇÃO E PROJETOS CULTURAIS

Existindo a possibilidade de conhecer a realidade da educação profissional e tecnológica e o contexto de juventude no qual se insere a EPT, foi-se criando noções de conteúdos e de público-alvo para a pesquisa e para a concretização do produto educacional vinculado a ela.

Com isso, construiu-se uma narrativa sobre a indústria criativa que perpassa, além da trajetória artística deste pesquisador, por noções e conceitos sobre a economia cultural e os projetos culturais, realizados na produção cultural, tendo em vista que, como afirma CANCLINI,

as experimentações transculturais engendraram renovações na linguagem, no design, nas formas de urbanidade e nos hábitos da juventude. (...) o primado da forma sobre a função, da forma de dizer sobre o que se diz, exige do espectador uma disposição cada vez mais cultivada para compreender o sentido (2019, pp. 49-50).

A economia da cultura e a indústria criativa cultural se estabelecem, no viés do fenômeno cultural apontado por Jameson (2001), como geradoras de renda, lucro e empregos, alvos de estudos e produção acadêmica e equalizadora entre a fruição do bem de consumo e a aquisição de novas sensibilidades.

Dito isso, podemos afirmar que um olhar mais apurado e reflexivo sobre a produção de conteúdos, produtos e serviços nas áreas de arte, cultura e lazer tem sido exercido há décadas por pesquisadores e acadêmicos que percebem no setor cultural vieses entre a administração, a economia, a sociologia, a comunicação social e as artes aplicadas. Segundo Alexandre Barreto, em entrevista, afirma que no campo da administração, desde os anos 1950, o termo economia da cultura é vinculado ao potencial de gestão, sustentabilidade e criação de emprego e renda das artes e afins.

No sentido da produção destes bens e serviços culturais, estes são mensuráveis em consumo, geração de emprego e renda, critérios financeiros e de desenvolvimento social e, importante destacar, são também fruto da criatividade, do imaginário, da sensibilidade, do pensamento e da conquista técnica e tecnológica.

Entre os conceitos mais aplicados para a intersecção entre uso de técnica e consumo generalizado de bens culturais, o termo da indústria cultural foi desenvolvido com aplicação pela Escola de Frankfurt, encabeçada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, por volta de 1944.

À época, a terminologia enaltecia e legitimava a alta cultura em detrimento à padronização do processo tecnológico de consumo de música, teatro, leitura, que imputava mais prazer do que reflexão – a cultura popular, acessível à população, segundo os autores (2006). Para os pensadores, a indústria cultural “importa métodos de reprodução que tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais” (2006, p. 100).

Na concepção de Néstor Garcia Canclini (2019),

a intenção do culto com os gostos populares, com a estrutura industrial da produção e circulação de quase todos os bens simbólicos, com os padrões empresariais de custo e eficácia, está mudando velozmente os dispositivos organizadores do que agora se entende por “ser culto” na modernidade (p. 63).

Com o passar dos anos, a estruturação do trabalho cultural e as atividades em torno dele foram se mostrando potenciais indústrias, em maior ou menor porte. E a cultura popular também recebeu, gradualmente, valorização com as manifestações e expressões de artífices, detentores de memória oral, *griots* e

tantos outros mestres. A incorporação do popular da contemporaneidade que pode trazer a derrubada de “distinções e hierarquias simbólicas entre a polarização da alta-cultura e a cultura popular” (p. 71), segundo afirmou Featherstone (1995).

2.3.1 O QUE SÃO AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS

As indústrias criativas são os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade e capital intelectual como estímulo primário. Em 2008, a UNCTAD, a Conferência da ONU para Comércio e Desenvolvimento, publica um relatório sobre a economia criativa que apresenta a definição acima, para o termo nascido na Austrália, em 1994, com o documento *Creative Nation* (DALLA COSTA, SOUZA SANTOS, 2011).

Para o contexto da criatividade, a UNCTAD (2008) propõe que a criação advém da arte, da cultura, da ciência, da tecnologia, da educação, da economia, da pesquisa acadêmica e que todas interajam transversalmente.

A partir da década de 1970, a temática da criatividade em relação aos critérios de avaliação dos campos das artes e economia aflora pela percepção da influência da cultura na vida cotidiana e no desenvolvimento de grandes cidades americanas e europeias. Nos anos 1990, têm-se as primeiras análises da economia criativa com o “impacto da indústria cultural e da ‘classe criativa’ na economia regional” (DALLA COSTA, SOUZA SANTOS, 2011, p. 2).

As pessoas com ocupação no sistema da indústria de bens e serviços culturais são, segundo FEATHERSTONE (1995), as que

“dedicam-se à oferta dos bens e serviços simbólicos aos quais nos referimos. (...) adotam uma atitude de aprendizes perante a vida (...) eles promovem e transmitem o estilo de vida dos intelectuais a um público mais amplo e se aliam aos intelectuais para converter temas como esporte, moda, música popular e cultura popular em campos legítimos de análise intelectual” (p. 71).

Para o autor, o posicionamento social da classe criativa traz ainda um gerenciamento por negociação, onde grupos se reúnem e passam a discutir novos critérios e inserções válidas – de base geracional, racial, de gênero (FEATHERSTONE, 1995, p.71).

Nas últimas décadas dos anos 1900, ocorre a chamada “culturalização do espaço da cidade (...) Os museus se repensam, as cidades se tornam grandes museus históricos, a cultura de massa de sofisticada, a de elite procura novas estratégias para acelerar o acesso e a democratização de seu consumo” (HOLLANDA, 2002, p. 31).

No que Heloísa Buarque de Hollanda chama de transnacionalização do mercado cultural e Renato Ortiz aponta como mundialização da cultura, encontram-se ‘dinâmicas para a produção e circulação dos produtos culturais’ (HOLLANDA, 2002, p. 31), a partir da década de 1990.

A propósito da presente dissertação, a arte e a produção cultural nos procedimentos dos percursos pedagógicos da educação são os elos pertinentes da investigação. Ao fundamentar os conceitos de Karl Marx sobre as artes, Vásquez apresenta que

A arte não é propriamente imitação de uma realidade natural, mas criação de uma nova realidade (humana ou humanizada). O valor supremo da obra de arte, seu valor estético, o artista o alcança na medida em que é capaz de imprimir uma forma determinada a uma matéria, a fim de objetivar um determinado conteúdo ideológico e emocional humano, como resultado do qual o homem amplia sua própria realidade (VÁZQUEZ, 1968, p. 124).

Mundialmente, a indústria cultural norte-americana tem produtos que podem ser reconhecidos com facilidade mundialmente, das artes cinematográficas ao modo de falar e vestir. A arte e entretenimento fazem parte da estratégia de dominação geopolítica dos EUA, agregando e exportando valores e serviços, de modo que a área, em 2012, representou um total de 1 trilhão de dólares do PIB do país. Em termos de EPT, nos Estados Unidos, a taxa de procura pelo ensino profissional e tecnológico aumentou 10% na primeira quinzena dos anos 2000, segundo estudo do Governo dos EUA (2017).

Mas a dinâmica de ação do trabalho cultural está presente em muitos países. Na França, por exemplo, a definição é de “um conjunto de atividades econômicas que combine as funções de criação, concepção e produção de cultura com mais funções industriais de larga escala e comercialização de produtos” (repositório IPEA – Panorama da Economia Criativa do Brasil, 2013). No Brasil, o mapeamento da cadeia produtiva do Carnaval do Rio de Janeiro revela o envolvimento de 80 mil profissionais, por ano (UNCTAD, 2010).

Segundo IPEA (2013), no Brasil, o número de trabalhadores da economia criativa se situa em torno de 2%. No recorte ocupacional, a economia criativa empregou 575 mil trabalhadores formais em 2010; de acordo com o critério setorial, foram 583 mil empregados. Do ponto de vista espacial, a maior parte dos trabalhadores está no estado e na cidade de São Paulo. Com efeito, a cidade de São Paulo emprega mais de 80 mil trabalhadores criativos. No entanto, as cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília e Campo Grande empregam, cada uma delas, mais de 10 mil trabalhadores criativos.

No Rio Grande do Sul, uma pesquisa desenvolvida pelo Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE), em 2019, aponta que o setor da Economia Criativa é responsável por 130 mil empregos formais, o que faria o setor ultrapassar segmentos como o da indústria calçadista e automobilística no Estado.

2.3.2 ECONOMIA CRIATIVA E CRIATIVIDADE

Em 2021, a UNESCO declarou o Ano Internacional da Economia Criativa para o Desenvolvimento Sustentável. Para a agência, “as indústrias culturais e criativas se tornaram essenciais para o crescimento econômico inclusivo, reduzindo as desigualdades e colaborando para o desenvolvimento sustentável” (UNESCO, 2021).

No Brasil, a indústria criativa tem representado cerca de 2,6% do PIB, em um número constante desde 2015. De acordo com o SENAI e Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, em relatório de 2019, o percentual estava avaliado em cerca de 180 bilhões de reais e equivalia a quase 900 mil empregos formais.

É evidente que o impacto da pandemia de covid-19, de maneira global, e mudanças na legislação trabalhista, na esfera nacional, afetaram esses números durante os anos de 2020 e 2021, quando o fechamento de empregos de setores especializados em cultura reduziu a formalidade em 50% das vagas (Itaú Cultural/IBGE, 2020).

Um cenário de recuperação é esperado na retomada das atividades presenciais, em dados que apontam que o trabalhador da indústria criativa do

Rio Grande do Sul é jovem, na faixa dos 25 anos, com representatividade entre os gêneros, majoritariamente branca (mais de 65%), 80% tem o ensino médio completo; é um público empreendedor que não tem formação específica em produção cultural, criativa ou de negócios (II Mapa da Economia Criativa, SEDACRS/SEBRAE, 2019).

A Educação Profissional e Tecnológica, através da criação dos Institutos Federais, em 2008, se torna um espaço privilegiado e fértil para isso, pois busca o homem multidimensional, produtor de seu caminho e de sua história.

Pierre Bourdieu e Darbel (2007) focam os holofotes na importância do papel da arte e da cultura, no humano que percebe e domine os capitais – social, científico, político, cultural:

Quem não recebeu da família ou da Escola os instrumentos, que somente a familiaridade pode proporcionar, está condenado a uma percepção da arte que toma empréstimo suas categorias à experiência cotidiana e termina no simples reconhecimento do objeto representado (...) Qualquer bem cultural, desde a cozinha até música serial, passando pelos filmes de faroeste, pode ser objeto de apreensões que vão da simples sensação atual até o deleite erudito, armado com o conhecimento das tradições e das regras do gênero (BOURDIEU & DARBEL, 2007, p. 79 e 81).

As instituições de ensino técnico-científicas, de formação profissional são espaços primordiais para fruição de arte e criatividade, e são base do sistema proposto pelos pesquisadores espanhóis Correia e Costa como formas de operacionalizar a cadeia da produção de cultura na União Europeia. Entre os parâmetros de medição para o incremento dos conceitos de criatividade, CORREIA e COSTA (2014) destacam 10 pilares: educação, diversidade e tolerância, cultura e turismo, tecnologia e inovação, políticas de financiamento, emprego, empreendedorismo, infraestrutura e acessibilidade, habitação, indústria.

Assim, constata-se que as atividades do setor cultural agora contam com 6,1% da economia mundial. Elas geram “renda anual de 2,25 bilhões de dólares e quase 30 milhões de empregos no mundo, empregando mais pessoas com idades entre 15 e 29 que qualquer outro setor”, segundo relatório da UNESCO sobre “Cultura e desenvolvimento no Brasil” (2021).

Primeira nos pilares citados, a educação precisa de conceitos, metodologias e recursos apropriados. No Brasil, os Institutos Federais são

espaços para propostas educativas inovadoras, debates críticos e reflexões sobre experimentações e práticas também inseridas no processo de profissionalização.

Os campos da arte, cultura e produção cultural nos IFs encontram espaço no ensino, pesquisa e extensão, como o Campus Osório, no Rio Grande do Sul serve de parâmetro, e ainda, com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (2008), que oferta em EPT, cerca de 30 cursos de cultura, arte, design, comunicação e patrimônio.

A profissão de produtor cultural integra os campos da elaboração e execução de projetos culturais e que realiza a interlocução entre artistas, governos, instituições e demais elos da cadeia produtiva da cultura. Os produtores culturais têm características e interesses multifacetados, com trajetória e repertório de projetos bastante construídos nas práticas e nas oportunidades, como afirma Alexandre Barreto em entrevista concedida à pesquisa:

Estruturar as vontades, as qualidades, a vocação e as demandas da carreira com as aptidões e os anseios da arte e da vida. Para que tenha segurança e conforto, que saiba no que está se qualificando em ensino, mestrado ou outros cursos. Hoje, na cultura, o empreendedorismo é um caminho muito presente.

Para uma formação curricular, a produção cultural é um campo acadêmico recente, e as pessoas atuantes vêm de áreas relacionadas como comunicação social, artes cênicas e visuais, música, administração, entre outros.

Como carreira, a produção cultural pode ainda ser subdividida em inúmeras atividades, das quais mais se destacam: produção executiva de projetos, produção artística de carreira, produção de shows (agenciamento), produção de palco de espetáculos de teatro e eventos, produção de rádio, TV, cinema e áudio, captador de recursos, analista de projetos culturais, conforme Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

Prosseguindo na abordagem sobre os temas pertinentes à produção cultural, aludimos agora sobre os projetos de cunho cultural e à sua maneira de organização em relação à realidade brasileira.

2.3.3 PROJETOS CULTURAIS

Esta dissertação aborda a pesquisa relacionada com arte, cultura e produção cultural em EPT, bem como seu produto educacional convergente. Citamos aqui o produto educacional, em especial, lembrando que teremos a seguir um capítulo com análise exclusiva para ele, por conta de que o estudo e a compilação de materiais sobre projetos culturais advêm de uma demanda imediata da concepção de nosso produto, de um guia para a produção cultural na EPT, intitulado “Arte, Cultura e Produção Cultural na EPT: Guia para o Acesso e o Desenvolvimento de Projetos Culturais”.

Como já mencionado, outro resultado que aqui já se demonstra é a primeira constatação de público-alvo de tal produto, sendo dirigido para professores da EPT para aplicação em disciplinas e/ou atividades de extensão, como forma de estimular estudantes com noções sobre arte e produção cultural, apresentando conexões entre cultura, indústria criativa e o mundo do trabalho.

Para esta determinação de público, a concepção de um guia e seu desenvolvimento foi fundamentada pela ideia de que montagem ou formatação do projeto cultural é “a mais importante fase da concepção do produto cultural. É nela que são definidos todos os aspectos do produto final, as estratégias de ação para chegar ao produto pronto” (CESNIK, 2007, p. 38).

O resultado é um documento – em formato de formulário, planilha, portfólio ou ofício – que contém todos os elementos possíveis e as demandas do projeto para, por exemplo: apresentação em editais, concorrência em licitação, explanação de conceitos e ideias, captação de recursos financeiros em fundos, leis de incentivo, patrocínios, defesas em pitch (reuniões ou encontros de explanação de conteúdo).

Teixeira Coelho (1997), conceitua sistema de produção cultural como:

um esquema de representação baseado nos estudos de economia política que propõe a análise da dinâmica cultural a partir de quatro estágios ou fases: 1) a fase da produção propriamente dita do objeto cultural (preparação do roteiro, filmagem (...), impressão de um livro, montagem de uma peça teatral, realização de um desfile de carnaval); 2) a distribuição desse produto a seus consumidores finais ou aos intermediários (...) que permitirão o acesso do (...) (filme pronto às salas de exibição (...), do livro às livrarias e pontos de venda); 3) a troca ou permuta do direito de acesso ao produto cultural por um valor em moeda; 4) o

uso: momento de exposição direta do produto cultural àqueles a quem se destina e de sua apropriação por parte do público (COELHO, 1997, p.345).

Cada um dos Institutos Federais possui diretrizes próprias para orientação, promoção e desenvolvimento do campo da arte e da cultura através de bolsas e de editais. Professores, técnicos e estudantes podem acessar informações através dos sites e das secretarias dos IFs no âmbito de ações de ensino, pesquisa e extensão.

Para além dos muros escolares, há um espaço profissional para a elaboração e produção de projetos culturais, desde a iniciativa privada (contratações e patrocínios diretos) às diferentes formas incentivo e de patrocínio, tais como, bolsas, leis, editais e - até mesmo - financiamento coletivo (*crowdfunding*)².

Entre as formas de fundo e de incentivos gerenciadas pela área pública, existem, por exemplo, no Rio Grande do Sul: Lei de Incentivo à Cultura (LIC-RS), Fundo de Apoio à Cultura (FAC), ambos geridos pela Secretaria de Cultura do RS, além dos fundos municipais de apoio à produção artístico: Procultura, de Pelotas, PIC, de Canoas, Fumproarte, de Porto Alegre, Fundo Municipal de Cultura, de Novo Hamburgo, o Financiarte, de Caxias do Sul, e o Funcultura, de Santa Maria).

Na esfera federal, o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) é o responsável por captar e canalizar recursos para o setor, através da lei incentivo à cultura, mais conhecida como Lei Rouanet, criada em dezembro de 1991. Outros órgãos nacionais, como a Funarte e Fundação Palmares, lançam editais específicos de fomento para produção artística e cultural.

Nas leis de incentivo federais, a proposta cultural é aceita como projeto cultural após análises de admissão, cumprindo o descrito como “Programas,

² O financiamento coletivo é um meio bastante difundido para auxiliar as artes e as causas sociais. Pela internet, a estruturação do crowdfunding digital começou a partir dos anos 2000 em projetos internacionais como Kickstarter, que em 2021 já arrecadou mais de 5 bilhões de dólares em projetos incentivados. No Brasil, o boom das plataformas digitais de financiamento online acontece a partir de 2011, com lançamento de inúmeros endereços, entre eles o catarse.me, que tem sua gênese no Rio Grande do Sul e, em 10 anos de atividades está alcançando a cifra dos R\$ 170 milhões de reais captados, em mais de 15 mil projetos inscritos. Dois dos projetos com mais doações na rede Catarse também são gaúchos, um sobre RPG, promovido pela Jambô Editora, e outro sobre artes visuais, o QueerMuseu, e ambos ultrapassaram 1 milhão de colaboradores.

planos, ações ou conjunto de ações inter-relacionadas para alcançar objetivos específicos, dentro dos limites de um orçamento e tempo delimitados” (Pronac – Inciso II do art. 3º - IN 01/24/06/2013).

2.4 EIXOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS

Ainda na sequência da estruturação da metodologia de pesquisa para a dissertação e para a composição do produto educacional, estudamos e entrelaçamos os conceitos e métodos de três educadores que apresentamos com aprofundamento agora: o brasileiro Paulo Freire, o uruguaio Gabriel Kaplún e o espanhol José Morán.

Partimos da premissa freireana de que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, que ensinar é também aprender, trocar experiências, dialogar, e que há uma “existência *em e com* o mundo” (FREIRE, 2002, p. 77), na qual “o conhecimento envolve a constante unidade entre a ação e reflexão sobre a realidade” (idem, p. 103).

Com estas miradas, tem-se na Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire, e em demais de seus escritos, a escolha de três eixos conceituais para balizar os próximos passos de pesquisa - problematização, contextualização e dialogicidade - e pensadas nos seguintes processos de reflexão quanto ao produto educacional:

- Problematização (como ponto de partida da ação pedagógica): qual(uais) é(são) a(s) problematização(ões) suscitadas em seu produto educacional?
- Contextualização (como relação entre a realidade e a educação profissional e tecnológica): qual é a realidade em que seu produto está inserido e como ele se relaciona com a educação profissional e tecnológica?
- Dialogicidade (como base para o processo educativo): metodologicamente, como pretende aplicar o seu produto, tomando por base o diálogo?

E, ainda, com estes eixos relacionados à pesquisa determinada pelo foco gerador em arte, cultura e produção cultural em EPT, pretendíamos desenvolver e aplicar o produto no IFRS - Campus Osório (no entanto, a pandemia não permitiu esta ação), como seguem:

- **Problematização:**

O projeto parte da reflexão sobre as possibilidades de ensino em Educação Profissional e Tecnológica que levem (podem levar) à apreensão das noções e conceitos de arte, cultura e produção cultural por meio de dinâmicas educativas na perspectiva da transversalidade.

- **Contextualização:**

O universo de pesquisa previsto no projeto é o Campus Osório, do IFRS, de forma que instrumentalize professores e envolva estudantes do ensino médio integrado, servidores e comunidades ligadas à EPT, quanto à adoção e reflexão de dinâmicas educativas, voltadas ao desenvolvimento da arte, enquanto dimensão cultural, e ao domínio do processo da cadeia criativa da cultura.

- **Dialogicidade:**

É uma proposta que quer contribuir com a compreensão do sistema cultural e o inter-relacionamento da arte e da produção cultural na Educação Profissional e Tecnológica, através de diálogo com professores, profissionais, demais pessoas envolvidas no cotidiano da educação e produção cultural.

Para a aplicação dos conceitos de Freire nesta pesquisa acadêmica, propomos sua conjunção com a metodologia empregada na práxis acadêmica e educativa de Gabriel Kaplún (2003), que propõe três eixos metodológicos para a reflexão e a produção de produtos educativos, que chama também de “mensagens educativas”: conceitual (o tema), pedagógico (o itinerário formativo) e o comunicacional (a forma midiática).

Kaplún (2003,2008,2021) salienta que esses eixos se realizam através de processos interdependentes, dialógicos e cíclicos; ou seja, cada eixo ou etapa

influencia e/ou é influenciada pela anterior ou seguinte, ou até mesmo, se produzem, em certa medida, ao mesmo tempo. Tudo se inter-relaciona.

Outro aspecto – fundamental segundo Kaplún – é a conversa e o diálogo com as pessoas com as quais se queira trabalhar este produto educativo. Característica importante, principalmente, no eixo conceitual da proposta, no qual é: “preciso escolher as ideias centrais que serão abordadas pelo material, bem como o tema ou temas principais através dos quais se procurará gerar uma experiência de aprendizado” (KAPLÚN, 2003, p. 48).

Ou seja, a questão conceitual (temática) do produto – como afirma Kaplún - precisa estar relacionada - intimamente - ao contexto e aos sujeitos. Não há como realizar, com sucesso, um produto educativo sem conversas e diálogos, sem conhecer as motivações, os desejos e as necessidades das comunidades às quais estes materiais se destinam.

Ainda sobre o eixo conceitual, Kaplún nos propõe – em termos de criação de do material educativo, dois tipos de pesquisa: diagnóstico (“conhecer a fundo a matéria em questão”) e temático (já abordado acima). Uma ação que também se conecta com as ideias de Paulo Freire no qual “o diálogo começa na busca do conteúdo programático”, como aponta Marco Antônio Moreira (2014, p. 151).

O eixo pedagógico trata dos itinerários. Kaplún aponta que é a proposição “de um ponto de partida e de um ponto de chegada” em um caminho o qual o sujeito é “convidado a percorrer em uma nova perspectiva (...) que lhe propomos que descobre. Um aspecto interessante é que não há afirmar que o sujeito seja mudado ou tenha aprendido algo durante esta jornada, mas que “pelo menos a possibilidade estará aberta” (KAPLÚN, 2003, p. 49).

Kaplún chama de “Jogos” o eixo comunicacional, como uma brincadeira que se pode propor aos sujeitos participar, na tentativa de integrar ludicidade ao educativo. É a concretização dos eixos da pedagogia e dos conceitos através de aspectos visuais, interativos e comunicacionais.

E como despertar a atenção? A escolha dos formatos (linguagens artísticas ou mídias) está relacionada aos eixos propostos (e aos diálogos

estabelecidos). O processo é cíclico --- e se realimenta e se realinha durante a jornada.

A pesquisa que se apresenta nesta dissertação teve como fatos condicionantes para as suas atividades presenciais as restrições impostas pela pandemia de Covid-19, principalmente os decretos regionais de distanciamento social e as determinações das instituições de ensino federal pelas atividades síncronas e assíncronas online. A realidade de pesquisa apresentada pelo cotidiano mundial trouxe a aproximação das práticas das metodologias ativas.

Mesmo antes da eclosão da pandemia – e, vale sublinhar, alinhado, de forma inconsciente, com as alterações metodológicas que propomos como alternativa na presente pesquisa -, já em 2015, José Morán apontava que:

a educação formal está num impasse diante de tantas mudanças na sociedade: como evoluir para tornar-se relevante e conseguir que todos aprendam de forma competente a conhecer, a construir seus projetos de vida (MORÁN, 2015, p. 15).

Morán tece uma crítica sobre esta escola padronizada (tradicional) que avalia de forma igual e exige “resultados previsíveis”, enquanto ignora a sociedade do conhecimento que inclui competências cognitivas (pessoais e sociais), proatividade, colaboração, personalização e visão empreendedora. Como uma forma de enfrentar este desafio, o autor desenvolve o conceito de “metodologias ativas”, método que, primordialmente, alia a evolução tecnológica ao processo educativo:

o que a tecnologia traz hoje é a integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e o aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital (MORÁN, 2015, p. 16).

O educador afirma que, mesmo suavemente, a educação formal (ou tradicional) já trafega rumo a uma metodologia “blended” (misturada, híbrida), na busca de uma mescla entre a sala de aula e os ambientes virtuais, mas – destaca – só isso não é suficiente.

Para Alexandre Barreto, em entrevista afirma que as metodologias ativas precisam ir além da gamificação: *“temos que destacar a ludicidade e sua história social e sua transversalidade com a arte e, ainda, as propostas de protagonismo em tecnologia para alunos e professores no ambiente digital”*.

Morán aponta que as instituições educacionais trilham, em geral, dois caminhos: através de mudanças progressivas (modelo curricular disciplinar que prioriza um maior envolvimento do aluno, com projetos de forma mais interdisciplinar) ou mudanças profundas (modelos mais inovadores, disruptivos, sem disciplinas, baseado em jogos e atividades, no qual o aluno aprende no seu ritmo – individual ou coletivamente – com supervisão de professores orientadores).

O pesquisador advoga que “quanto mais aprendemos próximos da vida, melhor” (MORÁN, 2015, p. 18) e que é primordial o envolvimento do aluno no ato de aprender, de pesquisar e de colaborar, através de diálogo, reflexão, integração cognitiva e motivação. Para isso, o educador cita – como referências teóricas – John Dewey (pragmatismo na educação), Paulo Freire (dialogicidade e pedagogia da autonomia e libertação), Carl Rogers (abordagem centrada na pessoa) e Joseph Novack (teoria do mapa conceitual).

O autor discorre ainda sobre formas de “metodologias ativas”, como Aprendizagem por Pares (Peer Instruction), Aprendizagem por Projetos ou Problemas (Project Based Learning – PBL), Aprendizagem por Times (Team-based Learning – TBL), Escrita por Meio das Disciplinas (Writing Across the Curriculum – WAC) e estudo de caso (Study Case).

Cabe trazer um exemplo prático das metodologias ativas através do exemplo de “espaços makers” que indicam “mãos na massa”. Esses espaços são ambientes criados com o propósito de incentivar no estudante a criatividade, a autonomia e o estímulo por meio de desafios à busca de soluções para um dado problema. A ideia central é que o estudante seja o protagonista no processo de aprendizagem. O importante nessa proposta é a adoção da interdisciplinaridade com o envolvimento de temáticas desenvolvidas por diferentes áreas do conhecimento que, juntas, encontrem soluções de situações problema. Em diálogo sistemático, as diferentes áreas podem suscitar soluções das quais resultam, em paralelo, o estímulo à autonomia, à comunicação e à expressão, à criatividade, entre outras. Nesse sentido, a integralidade das áreas reforça nos estudantes o que se espera do Ensino Integrado em EPT.

A condição da metodologia ativa conforme Morán, apesar de ser parte do percurso metodológico, não pode ser empregada nesta pesquisa. No caso deste trabalho, a condução de todas as atividades se deu mediada pela ativação computacional, através de entrevistas semiestruturadas, e a entrega do produto educacional em termos de um guia também reflete este cenário. O emprego dos eixos metodológicos e os conceitos de fundamentação da pesquisa para as atividades relacionadas é o que se vê no capítulo a seguir.

3. METODOLOGIA

Como metodologia, o trabalho se configurou como uma pesquisa qualitativa e de natureza aplicada, usando entrevistas semiestruturadas e uma densa revisão bibliográfica apoiadas no que preconiza a EPT e que, como destaca Kaplún (2021) “tem uma grande vantagem e potência em relação à educação, de forma geral, que é o vínculo com o mundo do trabalho de modo explícito”.

Por conta da pandemia da Covid-19, podemos avaliar que ocorreu um percurso metodológico, ocorrendo alterações significativas na proposta da presente pesquisa. Abaixo, vamos falar sobre o contexto da pandemia, alteração na vida acadêmica, a metodologia inicial e as mudanças na pesquisa e no produto educacional. Mas, em linhas gerais, ocorreu o seguinte impacto:

- a pandemia impossibilitou a visita presencial ao espaço da pesquisa, o Campus Osório, bem como a realização de atividades presenciais;
- do presencial para o virtual: mudança de técnicas e procedimentos de observação participação para uso de entrevistas semiestruturadas mediadas pelo computador;
- restringiu-se os interlocutores aos professores e ao técnico que trabalham com arte no Campus, ao invés de um público mais amplo que abrangeria, principalmente, os estudantes, além da direção, funcionários e comunidade escolar;
- decisão de entrevistar o pesquisador e professor Gabriel Kaplún, umas das referências da pesquisa;

- produto educacional se alterou de uma sequência didática para um guia sobre produção e projetos culturais;
- no produto educacional, ainda, exclusão das experiências narrativas e foco nas indústrias criativas.

3.1 PANDEMIA: CONTEXTO DE TRANSFORMAÇÃO

A eclosão da pandemia de COVID-19, no primeiro semestre de 2020, modificou a vida no planeta, desafiando a humanidade para encontrar alternativas para resistir e trabalhar nesta nova realidade. Um processo – agora, interconectado e planetário - para encontrar novas formas de adaptação a uma situação para a qual ninguém estava preparado. Vivemos uma busca incessante por novas formas de produção, comunicação, convivência e, principalmente, sobrevivência.

Pessoas, governos, instituições, empresas e países – todos - tiveram que se adaptar a um cotidiano diferente - distanciado, fechado, mediado - com regras sanitárias rígidas. Multidões de mascarados tentando lidar com novos hábitos para seguir o cotidiano e encarar o medo que a pandemia trouxe a reboque (além da possibilidade real da morte, a exclusão de interação física e convivência com seus pares, colegas e familiares).

Enfrentamos uma situação excepcional, com impacto na realidade global e nas diversas comunidades regionais, que não vai se modificar até que se encontre uma solução verdadeira: com a criação de uma vacina eficaz contra o coronavírus (no Brasil, as primeiras vacinas começaram a ser aplicadas, massivamente, a partir de março de 2021). No início de novembro de 2021, dados do governo brasileiro, estimam a morte de mais de 600 mil pessoas; enquanto, no mundo, os óbitos relacionados ao Covid-19 ultrapassam 5 milhões de pessoas.

É um fenômeno que afetou radicalmente e gerou reflexos em todas as áreas e facetas na sociedade mundialmente: na economia, na saúde, na política, na indústria, no comércio, no consumo, na segurança, na ciência, na cultura e, evidentemente, na educação.

3.2 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO COM A PANDEMIA

Global e regionalmente, na área de educação foram tomadas diferentes medidas para promover o estudo e o conhecimento durante a pandemia, tanto nas áreas públicas e privadas do ensino. Algumas instituições pararam ou, até mesmo, fecharam as portas; outras buscaram contornar o distanciamento social e as novas regras sanitárias impostas com atividades não presenciais, utilizando a internet (e suas inúmeras interfaces) como plataforma para o processo educativo. Escolas, professores e estudantes em forçosa adaptação, súbita e necessária.

Com o distanciamento social imposto pela pandemia, saímos da sala de aula para nos embrenhar – a “toque de caixa” - no ambiente virtual, em milhares de *lives*, webinários, uso de aplicativos de comunicação e ferramentas digitais, cursos online e educação a distância.

Assim, no mestrado do ProfEPT, no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, para cursar as disciplinas do mestrado, durante 2020 e 2021, migramos para o uso da plataforma do Moodle (bastante instável e em frequente atualização pelo uso inusitado), com atividades assíncronas e síncronas, através de encontros semanais via conferências web – com produção de vídeos, leituras de resenhas, artigos, exibição de documentários, trabalhos em grupo, apresentações e debates virtuais, etc.

Vale ainda salientar o grande esforço e aflição dos Institutos Federais – como bom exemplo organizacional - para conservar os trabalhos e garantir a proteção de alunos, professores e servidores, ainda mantendo o foco na construção do homem omnilateral e conservar a missão na promoção da educação integral, como um todo. Para isso, por exemplo, uma das ações estratégicas do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) foi o lançamento de um Guia para Estudantes³ com o objetivo de esclarecer dúvidas e auxiliar os estudantes na realização das Atividades Pedagógicas não Presenciais (APNPs), com perguntas e respostas, dicas e orientações para lidar com esta nova situação.

³ Guia para Estudantes do IFRS: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2020/09/APNPS-aluno.pdf>

3.3 METODOLOGIA ORIGINAL

Conforme já citado, este trabalho se desenvolveu por meio de uma pesquisa qualitativa e de natureza aplicada. A proposta inicial era contribuir com a compreensão do sistema cultural e o inter-relacionamento da arte e da produção cultural na Educação Profissional e Tecnológica, por meio de dinâmicas educativas na perspectiva da transversalidade.

O universo de pesquisa previsto no projeto é o Campus Osório, do IFRS, de forma de dialogar com professores, técnicos e estudantes do ensino médio integrado, também servidores e comunidades ligadas à EPT, quanto à adoção e reflexão de dinâmicas educativas, voltadas ao desenvolvimento da arte, enquanto dimensão cultural, e ao domínio do processo da cadeia criativa da cultura.

A proposta iria utilizar técnicas e procedimentos de observação participante, entrevistas semiestruturadas, além da construção e aplicação de dinâmicas educativas (experiências narrativas). O intuito é também aproveitar a estrutura e o terreno fértil pelo trabalho já desenvolvidos na área de conhecimento artístico no Campus Osório do IFRS, onde estudantes e professores desenvolvem projetos e atividades criativas em música, dança, teatro e audiovisual.

Na primeira etapa – a técnica de observação participante – o objetivo seria realizar uma primeira aproximação com a instituição, sondagem do espaço (Campus Osório) e dos arredores (comunidade, cidade, etc.), apresentação, diálogo com estudantes, professores, profissionais, demais pessoas envolvidas no cotidiano. Conversas informais. Caderno de campo. Oportunidade de conhecer histórias e peculiaridades locais. Seria um momento de também ser reconhecido; de tornar-me, um pouco, um cidadão daquele lugar.

A fase seguinte constituiria em realizar entrevistas semiestruturadas. A finalidade seria detectar quais são as concepções do papel da arte e da cultura e as práticas já adotadas no Campus Osório, do IFRS; descobrir quais são as

motivações, os anseios, os sonhos que se relacionam entre educação, arte, cultura e o mundo do trabalho naquela comunidade.

A meta seria alcançar uma amostragem de 15 pessoas, com entrevistas que incluísse – de forma equilibrada - estudantes, professores, servidores, direção, técnicos, mas a ênfase principal seria nos estudantes e nos professores (cerca de 70% dos entrevistados). As etapas de observação participante e entrevistas semiestruturadas estariam previstas para serem realizadas durante quatro visitas de um dia inteiro ao Campus de Osório, ainda no primeiro semestre de 2020.

A terceira etapa envolveria adequar (a partir da avaliação dos resultados obtidos nas etapas anteriores), desenvolver e aplicar dinâmicas educacionais com estudantes e professores no Campus de Osório. Nesta fase, a proposta seria realizar uma série de oficinas teórico-práticas, trabalhando com dois grupos: 16 professores e 16 estudantes (principalmente, alunos que estivessem ligados às diferentes linguagens artísticas e midiáticas já desenvolvidas na instituição). Estas ações visariam um processo de profissionalização e de aproximação destes sujeitos com a cadeia produtiva da cultura e com o mundo da arte.

Para ambos os grupos, seriam oferecidas três oficinas com os seguintes eixos:

- Arte, Artistas, Linguagens Artísticas e Diversidade Cultural;
- Intermediários Culturais, Produção cultural, Mídia, Promoção e Sociedade de Consumo;
- Cadeia Produtiva da Cultura, Economia Criativa, Direito Autoral, Financiamento Artístico e Ações Educativas.

Para estas atividades, estariam previstos três encontros em cada turno, em três semanas (para estudantes e professores, em separado), a se realizar no início do segundo semestre de 2020. E uma quarta oficina seria, exclusivamente, direcionada aos estudantes com a temática de experiências narrativas. Para esta ação estavam previstos quatro encontros de um turno, durante quatro semanas, para o desenvolvimento de uma narrativa integrada e multimídia.

Estas dinâmicas educativas teriam o apoio de teorias voltadas a narrativas sob a perspectiva da transversalidade, fruto da participação nos componentes curriculares do Mestrado: Práticas Educativas na EPT e Teorias e Práticas do Ensino e Aprendizagem. As atividades girariam em torno das histórias dos livros ficcionais, lançados pelo pesquisador, e perpassariam as mesmas em um processo que motivasse a criatividade dos grupos.

Ainda sob a perspectiva do projeto original, o produto educacional seria uma sequência didática. Ferramenta surgiria através da participação nas disciplinas citadas e nas etapas da pesquisa. Prevíamos a publicação - em formato digital (PDF) – de um conteúdo chamado, provisoriamente, de: “Itinerários Formativos: Arte, Cultura e Produção Cultural na EPT”.

3.4 PRIMEIRAS ALTERAÇÕES NA METODOLOGIA

Neste período, entre primeiro semestre de 2020 e meados de 2021, vale enumerar que realizamos várias atividades: dezenas de trocas de e-mails, mensagens e reuniões virtuais para orientação de projeto, contatos com a instituição da pesquisa (direção do Campus Osório, do IFRS) e com o educador uruguaio Gabriel Kaplún, pesquisa e leitura de textos e artigos, edição e envio de artigo para revista acadêmica, avaliação da proposta na qualificação.

No período, elencamos as seguintes etapas para a realização da pesquisa:

- Fazer entrevistas (conversas preliminares e exploratórias com direção e educadores do IFRS Campus Osório);
- Pesquisar e expandir a rede de colaboradores (para outros educadores e estudantes);
- Produzir, conduzir e realizar ações educativas e interativas online (conversas, palestras, webinários) através de “apps” de comunicação virtual;
- Analisar encontros, entrevistas e ações educativas e criativas com base no método ATD – Análise Textual Discursiva;

- Desenvolver e aplicar o protótipo do produto educativo (sequência didática);
- A avaliação pelo público definido e as adequações sugeridas seria, enfim, a etapa final de produto educativo;
- Escrever a dissertação.

3.5 METODOLOGIA FINAL

Desta forma, primordialmente, migramos de ações presenciais para atividades remotas, mediadas por aparatos de comunicação ou pela internet (síncronas ou assíncronas). Saímos das técnicas e dos procedimentos de observação participante para interações mediadas tecnologicamente.

Excepcionalmente, nos afastamos de processos ideais para abraçar processos possíveis; e, ainda assim, mantivemos, metodologicamente, de uma pesquisa qualitativa e de natureza aplicada, com utilização de entrevistas semiestruturadas e o aprofundamento teórico sobre os diversos elementos implicados na relação da arte e da produção cultural com a EPT.

Conforme descrito no capítulo anterior, após as várias alterações metodológicas, houve a decisão de nortear o desenvolvimento da pesquisa nas seguintes etapas:

- Restringir e realizar as entrevistas semiestruturadas focando, somente, educadores e técnico do IFRS Campus Osório, envolvidos com o ensino de Artes e Projetos Extensionistas, excluindo, infelizmente, a participação de estudantes, direção e outros agentes da comunidade escolar;
- Desenvolver o aprofundamento teórico pautado na relação da EPT com a arte e a produção cultural, considerando a perspectiva de profissionalização/inserção no mundo do trabalho;
- Analisar as entrevistas e narrativas que ocorreram em encontros fortuitos com o Prof. Estevão, para compreender as demandas dos entrevistados do IFRS Campus Osório (nuvens de palavras/temas geradores);

- Analisar as entrevistas de Gabriel Kaplún, concedidas ao pesquisador e disponíveis nas redes midiáticas;
- Criar e enviar o protótipo do produto educacional - “Arte, Cultura e Produção Cultural na EPT: Guia para o Acesso e o Desenvolvimento de Projetos Culturais” (Anexo B) - para avaliação;
- Realizar a adequação do Produto educacional após a análise das avaliações;
- Elaborar a descrição do produto (formas de aplicação / processo criativo);
- Escrever a dissertação.

3.6 NUENS DE PALAVRAS: PRODUÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Inicialmente, foram feitos convites para participação na pesquisa com os três profissionais da educação que ensinam, fomentam e criam ações artísticas e projetos culturais no Campus Osório do IFRS: os professores Agnes Schmeling (música), Estevão Haeser (artes visuais) e o técnico Bruno Acosta (teatro e audiovisual).

Após este contato preliminar, foi enviado um questionário inicial, na forma de formulário online (Google Forms), para coletar os primeiros dados com estes interlocutores. Neste questionário, foram elaboradas quinze perguntas que tratavam sobre arte, linguagens artísticas, arte integrada à escola, projetos artísticos e culturais, criatividade, elos entre arte, educação e mundo do trabalho e o cotidiano da arte no meio escolar.

Depois deste questionário, o passo seguinte foi a leitura dos retornos e, na sequência, a geração de uma nuvem de palavras, a fim de identificar as palavras e os temas que eram mais relevantes e constantes. Para isso, foram subtraídas as perguntas, os títulos e outros elementos textuais do questionário, ficando somente as respostas dos participantes que foram copiadas e compiladas em um outro arquivo.

Com este material editado, foi utilizada uma ferramenta online WordArt.com⁴, site que permite a criação de nuvens de palavras. Para gerar os gráficos foi copiado o conteúdo textual compilado do questionário que, de forma geral, priorizou substantivos, verbos e adjetivos, e subtraiu artigos, pronomes, advérbios e preposições. Assim, usando o questionário como ponto inicial da narrativa, foram geradas quatro diferentes artes de nuvens de palavras, que podem ser conferidas no Anexo A desta dissertação. O questionário enviado para os professores está inserido no Apêndice A.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar este material das nuvens de palavras, os termos que se destacaram pela constância foram: arte(s), projeto(s), teatro, música, produção, cultural, identificação, escola, alunos, IFRS, expressão, trabalho, vida, Osório, dança, visuais, cinema, escola, profissional, ser, participar, fazer, cultura. São palavras que foram motivadas, evidentemente, pelo encaminhamento das perguntas formuladas, mas que se tornaram temas geradores.

A partir destas palavras e da leitura crítica das respostas do questionário, foi elaborada uma entrevista semiestruturada que foi utilizada na etapa seguinte: conversas mais aprofundadas com os interlocutores do Campus Osório (os servidores Agnes, Estevão e Bruno) através do Zoom Meetings, programa de software de teleconferência de vídeo. Trabalho que resultou em mais de seis horas de entrevistas que foram gravadas e transcritas para a pesquisa.

Vale salientar que o mesmo programa, Zoom, foi utilizado para registrar as entrevistas com Gabriel Kaplún, que cedeu depoimento desde Montevideu (Uruguai), e Alexandre Barreto, em Rio Branco, no Acre. Material que também incrementou a proposta e o conteúdo da pesquisa.

Com as entrevistas com os servidores feitas e transcritas pode-se ter um panorama do cotidiano do trabalho artístico e pedagógico no Campus Osório, como veremos a seguir.

⁴ Site na internet: <https://wordart.com/create>

4.1 O ESPAÇO DA PESQUISA: CAMPUS OSÓRIO

Desde a criação, em 2010, o Campus Osório do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) se notabiliza pela atuação no campo artístico, desenvolvendo inúmeros projetos de extensão nas áreas de música, dança, teatro, artes visuais e audiovisual, envolvendo estudantes em ações educativas e culturais.

Outro fator é a localização do Campus: a cidade de Osório é um polo regional. Assim, o Campus abarca estudantes oriundos de municípios da toda a região, como Tramandaí, Imbé, Terra de Areia, Cidreira, Capivari do Sul, Santo Antônio da Patrulha, Caraá, Maquiné e Xangri-lá. Então, é uma possibilidade de conhecer e dialogar com a cultura e a sociedade regionalmente.

A questão do espaço é cara a Gabriel Kaplún (2008) através de termos como “miradas, cartografias, itinerários” e com suas pesquisas com ações educativas e investigações que aproximam educação, arte e culturas jovens:

Os espaços educativos são lugares de encontros e desencontros, conflitos e lutas de poder. Ali confluem, entre outros atores, docentes e estudantes, com culturas e identidades próprias, em permanente construção (KAPLÚN, 2008, p. 23).

Entre os cursos técnicos, subsequentes e superiores oferecidos no IFRS Campus Osório estão administração, informática, panificação, eventos, letras, matemática, análise e desenvolvimento de sistemas e processos gerenciais, além de um pós graduação em educação básica e profissional. O Campus Osório conta ainda, na sua diretoria de Extensão, atividades que fomentam artes, esportes, tecnologia, saúde, natureza, sociedade, acessibilidade e outros temas e, ainda, um Núcleo de Memória (NuMem), um Núcleo de Ações Afirmativas com Núcleo de Estudo e Pesquisa em Gênero e Sexualidade (Nepgs), Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (Napne) e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabi), em concordância com a estrutura prevista para os IFs em todo o território nacional.

A efervescência que pode ser vista no campus - unindo arte e EPT - conta com o apoio institucional, da direção, da Reitoria do IFRS e da própria comunidade onde está inserida, na cidade de Osório, no litoral norte gaúcho. No

cerne deste clima cultural está o trabalho persistente dos três profissionais da educação que concederam entrevistas à pesquisa - os professores Ma. Agnes Schmeling (música), Me. Estevão Haeser (artes visuais) e o técnico de Assistência Estudantil, Esp. Bruno Acosta (cinema e audiovisual) - que, em grupo ou individualmente, ensinam, fomentam e criam ações artísticas junto com os estudantes, em atividades curriculares ou de extensão, tais como os espetáculos musicais "Um Pouquinho de Brasil", "Som da Liberdade" e "Elas", projeto musical "Autoral Afrobeat", projeto de cinema "Curta IFRS", entre outros.

Segundo a assessoria de imprensa do Campus Osório, o ensino de arte é fundamento da sua estrutura:

A arte no currículo da educação básica é prevista em lei há 25 anos (LDB Nº 9.394/96). Mas ainda é um desafio desenvolver em sala de aula ações que ultrapassem os tradicionais desenhos e pinturas e façam os estudantes tomarem gosto pela área, ampliando seu repertório cultural e estético. Mas, no Campus Osório, isso é realidade desde sua criação, em 2010: com atuação na música, teatro, dança e artes visuais (via ASSESSORIA DE IMPRENSA DO CAMPUS OSÓRIO, 2021)⁵.

Importante ressaltar ainda que, dentro dos currículos oferecidos pelo Campus Osório, existem outras áreas afins que são interligadas à gestão cultural e ao desenvolvimento de projetos em arte e cultura, como a administração e a área de eventos, esta última conectada ao campo do turismo, lazer e cultura, como vertente na recepção, organização e cerimonial de eventos.

Como um ramo em expansão, vale o destaque para as pesquisas temáticas que abordam a produção cultural entre Osório e demais municípios do Litoral Norte gaúcho, com coordenação do professor da administração Márcio Rogério Olivato Pozzer e trabalho do corpo discente.

4.2 AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO E PRÁTICAS DOS ENTREVISTADOS

Como visto no histórico do Campus Osório, a instituição possui pouco mais de 10 anos de atuação na região e alguns de seus professores conhecem toda essa trajetória.

⁵ Link para notícia: <https://ifrs.edu.br/osorio/projeto-de-extensao-culmina-na-exposicao-desobeciencia-no-margs/>

Este é o caso da Profa. Ma. Agnes Schmeling, que é precursora dos trabalhos em arte no campus. Com sua atuação integrada ao ensino médio, a professora implementou atividades educativas e artísticas na área da música também pelo formato dos cursos de extensão, despertando assim o interesse dos estudantes:

O Campus Osório não tem curso de música, mas, ao mesmo tempo, é reconhecido pelos espetáculos de música e de teatro. (...) Paralelo à disciplina de música dentro do currículo, oferecemos diversas atividades: oficinas, aulas de instrumentos, formação de grupos instrumentais.

E os currículos e os planos de trabalho em aula também são contemplados por projetos integradores, com artes e outros temas da sociedade contemporânea, no viés da formação integral, pois "a partir destes projetos, e das próprias aulas, independentemente do estudante cursar administração ou informática, a gente trabalho arte pois são aspectos culturais que vão ficar pra sempre, na formação deste aluno". Como destaca a professora:

Algumas disciplinas se unem e a gente desenvolve um projeto, por exemplo, com temática indígena. Além da música, unimos português, educação física e história com este tema norteador. Daí, temos falas, palestras, vídeos, que servem de material base. Cada disciplina aborda, pelo seu viés, esta temática. Depois, temos um trabalho avaliativo em comum.

Destacando a inserção do Campus Osório em uma cidade de médio para pequeno porte, e fora do eixo da Capital Porto Alegre, o Prof. Me. Estêvão Hauser está inserido nas artes visuais e elabora e conduz projetos de arte, música e transmidiáticos em Osório. Em um percurso como professor de redes privadas e agora no ensino público da EPT, o professor destaca a possibilidade de realizar trabalhos "globais e articulados, no Brasil, Argentina, Estônia, Portugal", possibilitando intercâmbios e oportunidades para os discentes em outros estados brasileiros e no exterior. Complementa, dizendo que:

o retorno dos alunos é incrível. Uma relação de via dupla. Hoje, eu me sinto um melhor professor, desde que entrei no IF. Porque mesmo que ainda tenha gente que não acredite (no trabalho artístico), o resultado aparece no final.

Desde 2018, o professor Estêvão coordena o projeto de extensão Autoral Afrobeat, "que valorizasse a cultura africana e afro-brasileira, unindo música: reggae, rap, funk, samba... Afro-centrado, sobre o Afrobeat e o que surge a partir disso, na MPB, ritmos ijexá, samba, maracatu....". Na sequência das atividades,

o professor esteve em um congresso em Coimbra, em Portugal, e pôde apresentar o projeto Autoral Afrobeat. A iniciativa rendeu um convite da Escola Politécnica portuguesa para o grupo ser objeto de trabalho de estudantes, com gravação dos trabalhos: “Lá eles tem estúdios profissionais de áudio e vídeo. 50 mil para passagens e estadia de estudantes lá, pra passar 10 a 15 dias gravando”. A internacionalização precisou ser adiada por ora, por conta da pandemia.

O terceiro entrevistado para a pesquisa no Campus Osório é o Técnico Espec. Bruno Acosta. Atualmente afastado das atividades profissionais do Campus para a realização de um mestrado na área de cinema em Portugal, Bruno concedeu de lá sua entrevista: “o trabalho no IF me fez enxergar a arte como algo educativo e educador para a vida, para outros universos”.

Tendo atuado no teatro e na música anteriormente, no IFRS seu campo de trabalho é o audiovisual, no qual vê possibilidade na profissionalização na arte: “Através do projeto de extensão, que eu coordenei, de cinema Curta IFRS, eu percebo vários alunos que me procuram para contar que foram buscar o cinema como carreira”.

A chegada do técnico em Osório aconteceu em 2014, quando percebeu um clima cultural muito bom e, somando sua experiência de trabalhar na realização de eventos, nos chamados *backstages*, com a trajetória acadêmica e participativa da professora Agnes Schmeling, houve a junção temática de teatro e música, com registros audiovisuais, que resultou em espetáculos como “Um Pouquinho de Brasil Iaiá”, que circulou pelo RS e Argentina, o musical “Som da Liberdade”, focado na necessidade das crianças na área musical, em envolver dança e teatro e, em 2017, “Elas”, “melhor definido como espetáculo, no qual eu era técnico de som e luz, e tocava em cena”.

4.3 ENTREVISTA COM GABRIEL KAPLÚN

O Prof. Dr. Gabriel Kaplún é comunicador e educador, pesquisador e docente na Universidad de la República (Uruguai), mestre em educação e doutor em estudos culturais. Autor de diversos livros na área, presta consultoria em

comunicação educativa e organizacional para a UNESCO e Organização Internacional do Trabalho (OIT). Gentilmente, o professor cedeu entrevista em vídeo online para o uso neste trabalho.

Kaplún (2021) enxerga grande vantagem na EPT em relação à educação, de forma geral, por conta do vínculo direto com o mundo trabalho, mas apresenta ressalvas no sentido de que “o sistema educativo nunca tem um ajuste perfeito com o sistema de trabalho, sobretudo com o emprego, que são duas coisas distintas. Uma coisa é saber trabalhar (como pedreiro, carpinteiro, o que seja), outra é ter emprego na área”.

O pesquisador vê com bons olhos a articulação entre arte e EPT:

Há a necessidade de articular o aspecto artístico com o ensino técnico, porque senão a formação se torna plana (unidimensional), sem a densidade que necessita para formar uma pessoa com a visão crítica e humanística. Aqueles com capacidade para perceber o artístico e produzir arte em alguma medida, saem com mais aptidão para ver melhor os objetos concretos que produzem, pensar nos usos desses objetos.

O pesquisador considera que a arte deveria ser parte integrante de qualquer formação, principalmente, porque auxilia a desenvolver dois aspectos importantes: a imaginação e a expressão.

A arte e o artístico permitem imaginar. Faz arte, imagina! Imagina mundos possíveis. Se imagina o que não existe. Ou até mesmo, aquilo que não haverá nunca, mas que se põe no horizonte de possibilidades. E permite romper com o que já está estabelecido. Sem imaginação, a educação se transforma em reprodução e formamos agentes somente capazes de reproduzir modelos já existentes, nunca capazes de imaginar coisas novas.

Kaplún atenta que a arte permite desenvolver a expressão, mas, nem sempre, o meio escolar abre espaço para o uso mais amplo de linguagens:

a possibilidade de expressão para jovens e crianças, em processo de formação, é a chave para a própria formação, mas também para pensar seu projeto de vida. Construir projeto de vida precisa de expressão, mas nem todos falam com palavras escritas ou faladas, mas com imagens, sons, teatro, dança.

Muitas destas experiências - sobre linguagens, culturais juvenis, itinerários pedagógicos - foram fruto do trabalho junto a jovens, em várias regiões do Uruguai, e que estão publicadas no livro “Educar ya Fue? Culturas Juveniles y Educación” (2008).

Há muitas coisas que, muitas vezes, não se pode expressar em uma só linguagem. Toda escola, a escola básica, a média e também as universidades priorizam duas linguagens: a escrita e a verbal. E quase nada de outras: musical, gráfica, pintura, dança, corporal... Quase tudo isso fica de fora. E são coisas que muitas vezes não podemos dizer com a palavra.

Sobre a elaboração de projetos e trabalhos em zonas mais carentes, o pesquisador aconselha o foco em aspectos positivos destas comunidades:

Quando se trabalha em regiões mais pobres, há uma tendência dos educadores em buscar os problemas (o que está mal, a pobreza, a morte, a falta de trabalho), mas, muito menos, buscar o que há de criação, de alegria, de festa, de arte, de potência.

Sobre a elaboração do produto educacional, Gabriel Kaplún sugere a inversão dos eixos pedagógicos, iniciando pelo comunicacional, depois, o conceitual, e por fim, o aspecto pedagógico.

Sugiro que comece pelo eixo comunicacional, pelas histórias que querem contar. Depois, saber porque querem contar e discutir sobre estas histórias. Começar pelo mundo deles, pelo lugar onde estão, como o tema-gerador de Freire. Se começar – teu mundo não vale, tua cultura não vale – não há diálogo possível.

No trecho subsequente, apresenta-se relações entre os estudos de Gabriel Kaplún e as entrevistas realizadas para a pesquisa com os interlocutores.

4.4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS À LUZ DOS EIXOS METODOLÓGICOS DE GABRIEL KAPLÚN

As entrevistas semiestruturadas com os servidores do IFRS - Campus Osório foram também analisadas pelo viés da compreensão de ensino de Gabriel Kaplún que, para a criação de produtos educacionais (que, como dito anteriormente, também chama de “mensagens educativas”), destaca três eixos fundamentais: conceitual (o tema), pedagógico (o itinerário formativo) e o comunicacional (a forma midiática).

A professora Agnes Schmeling reflete sobre uma proposta de itinerário formativo integrado que aplica a arte na EPT:

Eu vejo como algo muito promissor, mas que ainda não está acontecendo na íntegra. Através da arte, o aluno é levado a unir diversos conhecimentos (...) Este projeto integrado seria maravilhoso se fosse desenvolvido por todos ou pela grande maioria das disciplinas. Por exemplo, se os conhecimentos da informática se juntassem ao audiovisual. Para trabalhar aspectos estéticos de cultura, a

transversalidade da educação. Temos este sonho. Mas temos que integrar o corpo docente com um todo. Trabalhar neste sentido.

Em consonância ao destacado na entrevista com Gabriel Kaplún, o quesito das múltiplas linguagens e sua integração para o trabalho do eixo pedagógico é uma vertente de trabalho e também anseio dos discentes, segundo afirma Agnes:

poderia trabalhar histórias sonorizadas. Tem a narrativa, as artes visuais, poderia produzir vídeos. Poder trabalhar cada linguagem de arte, unir literatura, unir informática. Interessante quando se dá abertura para os alunos, para eles optarem pelas linguagens que mais se identificam... E unirem, depois, fica muito interessante. Além dos ebooks, filmes e vídeos... Por outro lado, livros digitais cativam novamente para voltar à leitura, para o livro, para escrita... Fala, escrita, expressão corporal, música.

Em Osório, unindo os eixos comunicacional e conceitual, o professor Estevão tem trabalhado na valorização da cultura africana e afro-brasileira, de forte presença na região. Em projetos multimídia de artes visuais, o educador integra sociologia, administração, informática, meio ambiente e produção de áudio e vídeo, que têm sido expostas em museus brasileiros⁶. Estas atividades perpassam o acesso à informação e aos recursos disponíveis, no sentido de que:

olhar para arte e cultura como trabalho, como profissão é um olhar de respeito. Eu tenho que mostrar esta possibilidade para os estudantes, para que eles percebam que arte é trabalho. Sei que não é um mar de rosas. A gente sabe que não é um mar de rosas. Mas mostrar para eles que existem editais, recursos, meios. Eu já ganhei editais...

Sobre o desenvolvimento de um produto educacional para estimular a elaboração de projetos culturais, a partir dos eixos comunicacionais e pedagógicos de Kaplún, Estevão Haeser declara que:

Dentro da realidade da EPT nos IFs, essa perspectiva dos projetos culturais seriam os professores e os estudantes estarem antenados e serem capazes de acessar recursos (...) para criar projetos e desenvolver atividades diversas.

O técnico em audiovisual Bruno Acosta (2021) acredita que na comunicação entre os pares está a forma de estabelecer uma pedagogia dialógica e transversal, condizente com o eixo pedagógico explicitado por Kaplún (2003):

⁶ Notícia sobre a exposição “Desobediência”, de Estevão Haeser: <https://ifrs.edu.br/osorio/projeto-de-extensao-culmina-na-exposicao-desobediencia-no-margs/>

no processo de arte, ter trabalhos teórico-práticos. O professor precisa ouvir e lidar com as expressões dos alunos, com as ideias que eles trazem, para se moldar a um processo, gerando troca de conhecimentos" para "criar um grupo unido, não segregar por qualidade e entender a importância de tratar todos iguais.

5. O PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional “Arte, Cultura e Produção Cultural na EPT: Guia para o Acesso e o Desenvolvimento de Projetos Culturais” é um guia sobre arte, criatividade, produção cultural e suas possibilidades na EPT. O conteúdo do guia foi dividido em sete capítulos:

- Introdução;
- EPT, pesquisa e eixos pedagógicos;
- Indústrias criativas;
- Campus Osório;
- Projetos culturais;
- Conclusão e referências;
- Sugestões e contatos.

O guia é uma publicação digital, com 25 páginas, é em formato de revista (tamanho A4: 21 x 29,7 cm), colorida, com texto e imagens (fotografias, ilustrações e gráficos), gerada para leitura em arquivo PDF (hoje, um padrão aberto e acessível universalmente em quaisquer tipos de aparelhos ou computadores). Na sua versão final, inclui “QR Codes”, com links para entrevistas, relatórios, vídeos e sites, como uma forma de ampliar e enriquecer o conteúdo do guia. O produto educacional encontra-se no Anexo B.

5.1. FORMATO E CONTEÚDO

A opção pelo formato de revista foi escolhida para buscar uma maior atratividade para diferentes públicos e conferir leveza na leitura, com um design colorido e contemporâneo, dialogando com o conteúdo artístico e criativo. O tamanho A4 e o arquivo PDF em folha simples, permite, além da facilidade de leitura em aparelhos celulares, a possibilidade de impressão do material, pois o

tamanho A4 é um dos mais comuns para uso em impressoras, em residências, escritórios ou mesmo, em gráficas expressas.

No quesito acessibilidade, o formato de paginação simples garante a leitura para pessoas com diferenciados níveis de visão e a publicação de conteúdo por parte do IFRS em formato aberto do PDF trará possibilidade de uso de ferramentas de leitura do material por parte de portadores de baixa visão ou níveis de cegueira.

Tanto o conteúdo textual quanto o projeto gráfico do guia foi criado pelo próprio pesquisador, utilizando sua experiência profissional em edição e design de publicações ficcionais, artísticas, didáticas e científicas. Os softwares utilizados foram os programas Word, para texto, e InDesign e PhotoShop, para tratamento de imagens e elaboração do projeto gráfico. Vale salientar que o roteiro do guia é uma realizado em co-autoria, entre o pesquisador e sua orientadora, Maria Cristina Caminha de Castilhos França.

A maior parte das imagens utilizadas no guia (fotografias, ilustrações, obras digitais) são de autoria do pesquisador e registros de projetos culturais dele e do ateliê de produção cultural Imagina Conteúdo Criativo. Imagens que foram incluídas para uso exclusivo nesta versão do produto educacional para o mestrado do ProfEPT, no Instituto Federal do Rio Grande do Sul.

Outro aspecto determinante para a acessibilidade foi o volume do guia: número de páginas, não maior que 30 páginas, para que fosse um produto educacional, de fácil leitura, não cansativo e que, ao mesmo tempo, servisse como porta de entrada para os conteúdos abordados (arte, produção cultural e a EPT).

5.2 BASES CONCEITUAIS E UTILIZAÇÃO NA EPT

O objetivo do guia “Arte, Cultura e Produção Cultural na EPT: Guia para o Acesso e o Desenvolvimento de Projetos Culturais” é abordar noções sobre indústrias criativas, produção e projetos culturais, relacionando com a EPT e o mundo do trabalho.

O guia é voltado para professores, técnicos e estudantes nos Institutos Federais e, para além de sensibilizar sobre o papel da arte, da cultura em diálogo com a EPT, propiciar possibilidades e oportunidades de trabalho no mundo da criatividade e da produção cultural, agregado ao princípio da transversalidade.

O produto educacional também pode atrair atenção de outros públicos ligados à educação, em geral, às artes, ao entretenimento e interessados em indústrias criativas, em geral.

Nesta aproximação e diálogo entre arte, produção cultural e EPT, o produto educacional se baseou em bases conceituais e informações sobre a EPT (Ramos (2014), Pacheco (2012) e outros), eixos pedagógicos de Paulo Freire (1981,2002) e de Gabriel Kaplún (2008), relatórios e pesquisadores da indústrias criativas e da produção cultural (Adorno e Horkheimer (2006), Featherstone (1995), Teixeira Coelho (1999), UNESCO, IPEA, Itaú Cultura, SENAI, Sebrae, entre outros), além, é claro, de entrevistas com professores e técnicos do IF Campus Osório e com Gabriel Kaplún, realizadas em 2021.

5.3 AVALIAÇÃO E REEDIÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL:

O produto educacional foi avaliado através de convites enviados por grupos de WhatsApp e e-mail, buscando pesquisadores e colegas mestrandos da EPT, curadores, professores, profissionais, produtores culturais e interessados em arte.

Dos 20 convites enviados, 7 responderam positivamente. Ao aceitar o convite, cada avaliador recebeu a capa e o produto educacional (em formato PDF), para leitura do guia, e um link para questionário online (Google Forms), disponível no Apêndice B.

A partir do retorno dos entrevistados, diversos pontos e observações foram avaliados, tais como os que seguem a seguir:

- Definição e ampliação do público: aumentar o espectro de público possível para o guia, pois, segundo vários avaliadores, iria além somente de professores e estudantes, incluindo técnicos, direção, setor responsáveis gestão, administração e captação de recursos

para projetos e atividades artísticas e culturais; bem como ampliar o leque de público além dos Institutos Federais para, por exemplo, redes municipais e estaduais de ensino, bem como, interessados em arte, cultura, produção cultural e que também pudessem conhecer um pouco sobre a própria EPT;

- Vale complementar que os produtos educacionais oriundos de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) são depositados em no Repositório da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior – EduCapes – de acesso público;
- Interatividade e conteúdo adicional: expandir o conteúdo através de ferramentas interativas, o que gerou a inclusão de QR Codes para diversos conteúdos relacionados: entrevistas, relatórios, manuais, vídeos, entre outros; isso também repercutiu na indicação de mais referências na página de sugestões;
- Legibilidade: melhorar contraste de cores e aumentar tamanho da fonte-base do texto;
- Clareza e informação no conteúdo e nas imagens: detalhar conteúdos e legendar imagens, ampliar espaços das imagens no projeto gráfico;
- Produção cultural: incrementar informações sobre o setor cultural e o metiê da produção cultural como por exemplo, comentar sobre leis de incentivo à cultura, formas de financiamento, detalhar melhor etapas de produção, etc;
- Ortografia: muitas dicas em relação à revisão ortográfica, uso de itálicos em estrangeirismos, etc.

Com isso, o guia aumentou de 20 para 25 páginas, e acreditamos que ganhou consistência e clareza e que encontrou forma e conteúdo, para tratar de noções e possibilidades sobre arte, cultura, produção cultural e a EPT.

6. CONCLUSÕES: NOVAS MIRADAS

A jornada que trilhamos nesta pesquisa foi buscar reflexões e estimular aproximações entre arte e educação e, mais especificamente, entre produção cultural e a educação profissional e tecnológica. Advindo da comunicação e das artes, com experiências profissionais em jornalismo, cultura, projetos culturais, o pesquisador pôde conhecer um pouco do vasto campo da educação e tentar exercitar uma transversalidade entre conhecimentos e práticas destas áreas.

Esta pesquisa trouxe a oportunidade de saber a história da criação dos Institutos Federais, de ter contato com as bases conceituais da EPT, o trabalho como princípio educativo, a batalha contra dualismos, a procura pelo homem omnilateral em uma formação integral, de reconhecer a luta cotidiana exercida pelos inúmeros professores, técnicos, gestores e funcionários dos IFs em todo o Brasil junto com os estudantes. É o que tratamos no capítulo “Cultura na Educação: EPT, Arte e Cultura”. Tais preceitos da EPT - o desenvolvimento das diferentes dimensões humanas - são expressos pela educadora e pesquisadora Marise Nogueira Ramos (2014):

Compreender a relação indissociável entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura significa entender o trabalho como princípio educativo, o que não significa “aprender fazendo”, nem é sinônimo de formar para o exercício do trabalho. Considerar o trabalho como princípio educativo equivale dizer que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isto, se apropria dela e pode transformá-la. Equivale dizer, ainda, que nós somos sujeitos de nossa história e de nossa realidade. Em síntese, o trabalho é a primeira mediação entre o homem e a realidade material e social. (RAMOS, 201, p.90).

Reconhecer que a cultura, aliada ao trabalho, ciência e tecnologia, está amalgamada na concepção do trabalho como princípio educativo foi fundamental para delinear os passos seguintes. Ao traçar e problematizar a apreensão de noções e conceitos de arte, cultura e produção cultural na EPT, aliando ainda possibilidades de profissionalização nas indústrias criativas para jovens (mas não tão somente jovens) que, pelo ensino integrado, adentram ao mundo do trabalho.

Ao tratar de jovens, no capítulo “Cultura e Juventude”, fomos averiguar, na literatura acadêmica, conceitos, propostas e projetos que abordavam juventude, culturas juvenis e o espaço escolar. Muitos destes estudos, como o de MARTINS e CARRANO (2011), enaltecem os jovens como criadores de

cultura e de manifestações artísticas e comportamentais, que geram espaços autônomos, que produzem identidades, mas alertam que, muitas vezes, não encontram reverberação disso ou espaço para esta expressão no seio escolar. Um desafio no qual a educação pode encontrar aliados através da arte, da cultura e da produção cultural.

Justamente é o que fomos alinhavar no capítulo seguinte, “Indústrias Criativas, Economia Criativa, Produção e Projetos Culturais”, no qual trouxemos e averiguamos noções, conceitos e informações sobre a área, desde os estudos iniciais sobre as indústrias culturais da Escola de Frankfurt (ADORNO e HORKHEIMER, 2006), relatórios e concepções contemporâneas de indústrias criativas (profissões, linguagens e setores ligados à arte e à cultura) e da economia da cultura (como a cultura movimenta a economia) e sistemas culturais (COELHO, 1999). Boa parte deste material foi fundamental para alicerçarmos conteúdos para a elaboração do produto educacional.

Não podemos ser inocentes e negar as diferenças entre os sujeitos e elementos que integram a indústria criativa. Há inúmeras disparidades entre um artista ou grupos de artistas regionais, que criam, atuam e lutam pela sobrevivência, em campos periféricos do Terceiro Mundo (países da América Latina, África, Ásia), e um conglomerado como a The Walt Disney Company, multinacional norte-americana que, atualmente, além de indústria de animação, filmes em live-action, redes de televisão, plataformas de streaming e parques temáticos, engloba, a partir de aquisições, a rede ABC (1996), o estúdio de animação Pixar (2006), a Marvel Entertainment Inc. (2009), a Lucasfilm (2012) e a 21st Century Fox (2017).

Só as franquias com filmes de super-heróis da Marvel (Universo Cinematográfico da Marvel) e os filmes de fantasia da Lucas Film (Star Wars) são produtos culturais que acumulam faturamento multibilionários em ingressos de cinema e merchandising diversos, ao redor do mundo. É um abismo gigantesco entre recursos, estruturas e alcance, bem como meios de criação, produção, distribuição, comercialização e promoção de bens e produtos culturais, mas, ambos, em menor ou (bem) maior grau, fazem parte da indústria criativa.

Gabriel Kaplún diagnostica na presente pesquisa uma linha estudos que se insere na investigação-ação, que seria uma das chaves para pensar as transformações educativas com e partir dos próprios professores e suas práticas educativas. Sendo assim, fazendo eco a esta proposta de ação, fazem-se importantes o desenvolvimento de "investigações no trabalho do artista, ou do indivíduo criativo (...) bem como estudo de casos sobre as margens das indústrias criativas, a focar o trabalho de indivíduos e grupos de artistas, ou empreendedores culturais, que ajudam a fomentar a matéria-prima criativa e a inovação de seus respectivos setores" (BENDASSOLLI, WOOD, KIRSCHBAUM, PINA E CUNHA, 2009).

O que nos importa é que, principalmente, trabalhadores de pequeno e médio porte da indústria criativa (artistas individuais, grupos de criativos, pequenas empresas de produção cultural, associações culturais e/ou instituições de ensino) possam - através da inter-relação entre arte, produção cultural e formação educação profissional e tecnológica - contar com noções para operar e fluir no âmbito das indústrias culturais, sabendo pesquisar informações e buscar alternativas no mundo do trabalho, cada vez, mais interconectado e globalizado. Para que haja um certo balanço através de conhecimento e de experiência na área.

E para estruturar as metodologias da pesquisa, no capítulo "Eixos Conceituais e Metodológicos" discorreremos, brevemente, sobre os trabalhos de Paulo Freire (Pedagogia da Autonomia), Gabriel Kaplún (Itinerários Formativos) e José Morán (Metodologias Ativas).

Freire (1982, 2002) foi importante para uma primeira fundamentação da proposta, mas por conta da pandemia não houve oportunidade de realizar um trabalho presencial, onde o conceito da dialogicidade poderia se expressar em sua potência máxima (por exemplo, em ações educativas com professores e estudantes no campus Osório, o que fica como uma possibilidade de ação futura para a pesquisa).

Morán (2015) e suas pesquisas sobre metodologias ativas foram uma interessante descoberta por aliar tecnologia ao processo educativo (sala de aulas e ambientes virtuais), principalmente, porque as diferentes formas de

educação online foram alternativas possíveis para manter funcionando escolas, faculdades e outras instituições de ensino no Brasil e no mundo durante a pandemia. Estas inúmeras transformações e adaptações foram tratadas no capítulo sobre “Metodologia”.

Mas, fundamentalmente, o mestrado propiciou conhecer as obras de Gabriel Kaplún (foram encontradas como uma sugestão de bibliografia adicional em uma das disciplinas do curso). Primeiramente, então, pudemos nos aproximar de Kaplún (2003, 2008) através dos livros e dos artigos que o educador e pesquisador publicou sobre produção de produtos educacionais e culturas juvenis. Na sequência, tivemos a grata possibilidade de contar com uma entrevista exclusiva do pesquisador para a própria pesquisa.

Como apontado nos capítulos “Metodologia Final” e “Nuvens de Palavras”, o trabalho com o espaço da pesquisa, o IF Campus Osório, foi realizado totalmente à distância, através de questionários virtuais e entrevistas online, gravadas em vídeo, com os professores e técnico da instituição. Estas entrevistas foram fundamentais para nortear, tanto o produto educacional, como o rumo da pesquisa, como um todo.

Em “Estratégias de Ensino e Práticas dos Entrevistados”, a narrativa dos interlocutores evidenciou que há necessidade e demanda para trabalhar noções e estímulos sobre indústrias criativas e projetos culturais dentro do âmbito da EPT; o que, quiçá, possa levar estudantes para a profissionalização no universo das artes e da produção cultural, além de fomentar outras ações e propostas artísticas nos Institutos Federais.

Outros dois pontos importantes foram: alteração do tipo do produto educacional, de sequência didática para um guia e o foco do trabalho em produção e projetos culturais (deixando de lado, as experiências narrativas, para um outro momento oportuno). No capítulo “Análise das Entrevistas à Luz dos Eixos Metodológicos de Gabriel Kaplún”, foi possível estabelecer um diálogo entre a narrativa dos profissionais da EPT do IF Campus Osório e os eixos metodológicos de Kaplún - comunicacional, conceitual e pedagógico - o que sedimentou as bases do conteúdo do produto educacional (que contou ainda, evidentemente, contou com sugestões e críticas dos avaliadores).

A questão não é formar artistas ou não tão somente propiciar sensibilização artística, mas dar possibilidades de conhecimentos e ferramentas que, no futuro, possam ser utilizadas no mundo do trabalho, em uma formação crítica, cidadã e humanista. Propiciar sujeitos partícipes que possam dizer se gostam ou não de algo, que tenham olhar crítico, que formulem opinião com consistência de argumentos, de informações e de conhecimentos, e que, para além de tudo, criem, inventem, sonhem... E, ainda, sujeitos que se profissionalizem e se sustentem ao atuar na indústria criativa.

Foi o que tentamos cristalizar no desenvolvimento do produto educacional, estimular noções e conexões para o universo das artes e da produção cultural na EPT, além da sensibilização, como profissionalização e real alternativa de inserção no mundo do trabalho. Foi também o cerne desta pesquisa: gerar reflexões e aproximações entre cultura, ciência e educação estimulando pesquisa, extensão, ensino, educação e produção, aliados ao universo artístico e à indústria criativa, tratando tanto de valores simbólicos como tangíveis.

Claro que há muito para avançar, mas foi um pequeno passo nesta jornada repleta de obstáculos e desafios, conquistas e derrotas, desvios e avanços. Certamente, tanto a pesquisa como o produto educacional devem seguir outras trajetórias; e fica como sugestão de trabalho futuro retornar ao IF Campus Osório, de maneira presencial, em ações educativas in loco, desejando que a pandemia já seja uma história superada.

É no entrelaçamento intrínseco entre conhecimentos e técnicas, saberes e fazeres, unindo racionalidade e sensibilidade, pesquisa e intuição que, humildemente, esperamos ter contribuído. A compreensão das diferenças que geram aprendizados de sistemas e realidades, para – juntos - realizar o impensável, até então. A utopia de um mundo mais justo, plural, humanista e bem-aventurado. E vislumbrar e criar o amanhã, através do entrelaçamento entre educação, cultura, economia, ciência, tecnologia e trabalho na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena, BRANCO, Pedro P. M. (orgs). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania, 2005.

ADORNO, Theodor; Horkheimer, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

AMORIM, Thomas Edson de Jesus Theodoro. Frederic Jameson: a dialética após o “fim da história”. Limiar. Volume 4. Número 7. 18º Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, SBS, 2017. 207-223p.

ARAUJO, Ronaldo M de L.; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. In: Revista Educação em Questão. Vol. 52. Maio/Agosto, pp 61-80, 2015.

BAUDRILLARD, Jean. Tela total: mitos-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997.

BENDASSOLLI, Pedro, WOOD JR, Thomaz, KIRSCHBAUM, Charles, PINA E CUNHA, Miguel. Indústrias criativas: definição, limites e possibilidades. In: RAE, v.49, n. 1, pp. 10-18, jan/mar 2009. São Paulo, Fundação Getúlio Vargas.

BOURDIEU, Pierre, DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. Editora Zouk/EDUSP, Porto Alegre, 2007.

BRASIL. Estatuto da Juventude, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013, disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em 03/11/2020.

BRASIL. Um novo modelo em educação profissional e tecnológica: concepção e diretrizes. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em 19/11/2019.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da USP, 2019.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: Desafios à autonomia e à convivência. In: Revista Teias, v. 12, n. 12, setembro/dezembro, 2011, pp. 07-22. Rio de Janeiro: UERJ.

CESNIK, Fábio de Sá. Guia do incentivo à cultura. Barueri, SP: Manole, 2007.

CIAVATTA, Maria. O ensino integrado, a politecnia e a educação omnilateral: por que lutamos? In: Trabalho & Educação, v. 23, n. 1, janeiro/abril, 2014. Belo Horizonte: UFMG.

CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino médio integrado. In: CALDART, Roseli et al. (org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012^a.

COELHO, Teixeira. Dicionário crítico de política cultural. São Paulo: Iluminuras, 1999. 384p.

CORREIA, Miguel; COSTA, José. Measuring creativity in the EU member states. Investigaciones Regionales, Vol. 30, Pag. 7-26, Espanha. Disponível em: <https://old.aecr.org/images/ImatgesArticles/2014/12/01Correia.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2021.

DALLA COSTA, Armando; SOUZA SANTOS, Elson. Economia criativa: novas oportunidades baseadas no capital intelectual. Economia & Tecnologia. Ano 07, Vol. 25. Abril/Junho de 2011, UFPR.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: Revista Brasileira de Educação, n. 24, setembro/dezembro, 2003.

DOU. Resolução CNE/CP Nº 1/21. Ministério da Educação. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578>. Acesso em 5 de julho de 2021.

ENNE, Ana L. Juventude como espírito do tempo, faixa etária e estilo de vida: processos constitutivos de uma categoria-chave da modernidade. In: Comunicação, mídia e consumo, vol. 7, n. 20, p. 13-35, novembro 2010. São Paulo: ESPM.

EUA. Departamento de Educação. Mudança no número e tipos de instituições pós-secundárias- 2000 – 2014. Washington: National Center for Education Statistics, 2017.

DUARTE, NEWTON. Arte e formação humana em Vigotsi e Lukács. In: DUARTE, Newton e DELLA FONTE, Sandra Soares. Arte, conhecimento e paixão na formação humana: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2010.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. StudioNobel, 2007.

FERREIRA, Vitor S. Ondas, cenas e microculturas juvenis. In: Plural, v. 15, 2008, pp.99-128. São Paulo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade: e outros escritos. 10ª edição. Editora Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982. 13ª edição.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In: Revista Ideação V. 10 N. 1 (2008): Dossiê especial: interdisciplinaridade, pp.41–62, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4143>. Acesso em: 9 nov. 2021.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Programa RS Criativo completa dois anos de fomento à economia criativa. Disponível em <https://estado.rs.gov.br/programa-rs-criativo-completa-dois-anos-de-fomento-a-economia-criativa>. Acesso em 20/10/2021.

IPEA. Panorama da economia criativa no Brasil. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2013.

ITAÚ CULTURAL. Observatório do Itaú Cultural. Disponível em <https://www.itaucultural.org.br/observatorio-itaucultural>

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Considerações sobre o conceito de cultura. Em: PRESTES FILHO, LUIZ CARLOS (org.). Economia da cultura: a força da indústria cultural no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faperj e Coppe/UFRJ, 2002.

JAMESON, Fredric. A cultura do dinheiro. São Paulo: Vozes, 2001.

KAPLÚN, Gabriel. Educar ya fué?: culturas juveniles y educacion. Gabriel Kaplun, Uruguai, 2008.

KAPLÚN, Gabriel. Material educativo: a experiência de aprendizado. In: Revista Comunicação & Educação. São Paulo, 2003, p. 46-60.

MARTINS, Carlos H. dos S., CARRANO, Paulo C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. In: Revista do Centro de Educação, vol. 36, núm. 1, janeiro/abril, 2011, pp. 43-56. Santa Maria: UFSM, 2011.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Livro 1, s/d.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens. Coleção Mídias Contemporâneas, Vol. II, PROEX – UEPG, Ponta Grossa, 2015, p. 15-33.

- MORAES, Dênis de (org). Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Livre, 1997.
- MOREIRA, Marco Antonio. As pedagogias de Paulo Freire. In: Teorias de Aprendizagem. São Paulo: E.P.U., 2014, p. 149-157.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- MOURA, Dante H. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? Editora da Faculdade de Educação da USP. São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, jul./set. 2013.
- PACHECO, Eliezer M.; CALDAS, Luiz; SOBRINHO, Moisés D. Institutos federais de educação, ciência e tecnologia: limites e possibilidades. In: PACHECO, Eliezer M. and MORIGI, Valter (org). Ensino Técnico, Formação Profissional e Cidadania: A Revolução da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil. Selo Tekne, Penso Editora Ltda. Porto Alegre, 2012.
- PAIS, José M. Lazer e sociabilidades juvenis — um ensaio de análise etnográfica. In: Análise Social, vol. XXV (108-109), 1990.
- PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: Revista Brasileira de Educação, n. 5 e 6, maio/dezembro, 1997.
- PRESTES FILHO, Luiz Carlos. Economia da cultura: a força da indústria cultural no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.
- RAMOS, Marise N. História e política da educação profissional. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.
- SAVIANI, Dermeval. O legado de Marx para a educação. In: Germinal: Marxismo e educação em debate, Salvador, v. 10, n. 1, p. 72-83, mai. 2018.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007.
- SCHWERTNER, Suzana F., FISCHER, Rosa Maria B. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. In: Educação em Revista, v. 28, n. 01, março, 2012, pp. 395-420. Belo Horizonte: UFMG.
- SENAI/FIRJAN. Mapeamento da indústria criativa no Brasil – 2019. Disponível em <https://www.firjan.com.br/EconomiaCriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2021.

SETEC. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia: Concepção e Diretrizes. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12503&Itemid=841 Acesso em: 23. Mar. 2013.

THE WALT DISNEY COMPANY. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=The_Walt_Disney_Company&oldid=62909670>. Acesso em: 27 jan. 2022.

THIESEN, Juares da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. Rev. Bras. Educ. 13 (39), Dez, 2008. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300010> - Acesso em: 9 nov. 2021.

UNCTAD. Relatório de economia criativa 2008/2010: economia criativa uma opção de desenvolvimento. – Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. Disponível em https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_pt.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2021.

UNESCO. Cultura e desenvolvimento no Brasil. Disponível em <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/culture-development-brazil>. Acesso em 12 de outubro de 2021.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES

Projeto "ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA"

Mestrando ProfEPT – Rodrigo Nolte Martins (Rodrigo dMart)

***Obrigatório**

1. 1. Dados de identificação: NOME *

2. 1. Dados de identificação: IDADE

3. 1. Dados de identificação: PROFISSÃO *

4. 1. Dados de identificação: INSTITUIÇÃO / CIDADE ONDE TRABALHA *

5. 1. Dados de identificação: E-MAIL *

6. 2. Qual o significado que a arte tem na sua vida?

7. 3. Qual é o tipo de arte que você tem preferência? Cite um ou mais tipos e/ou estilos, se você quiser.

8. 4. Que sentido você atribui à arte desenvolvida no meio escolar?

9. 5. Como você imaginaria a arte dentro da escola?

10. 6. Como a arte se integra (ou pode se integrar) às disciplinas e ao cotidiano da escola?

11. 7. Você gostaria de participar de algum projeto artístico? Se sim, que tipo seria? Se já participa, descreva brevemente o que seria o projeto.

12. 8. Você já participou ou gostaria de participar de alguma experiência narrativa?

13. 9. Na sua opinião, como a escola pode se tornar mais criativa?

14. 10. Você sabe o que é ou já trabalhou com produção cultural?

15. 11. Na sua visão, o que é produção cultural?

16. 12. Se houvesse oportunidade, você trabalharia com arte?

17. 13. Como você vê a possibilidade de união entre arte, educação e trabalho?
Quais são os elos em comum?

18. 14. Como a arte na escola poderia facilitar ou dar ferramentas para o universo do trabalho?

19. 15. De que forma a arte impacta seu cotidiano?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DOS AVALIADORES
DO PRODUTO EDUCACIONAL**

Formulário de Avaliação - Produto Educacional

ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA EPT: GUIA PARA O ACESSO E PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS CULTURAIS

Autores: Rodrigo Nolte Martins (Rodrigo dMart) e Maria Cristina Caminha de Castilhos França

INTRODUÇÃO

Este questionário refere-se ao produto educacional "ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA EPT: GUIA PARA O ACESSO E PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS CULTURAIS" que é parte do projeto de pesquisa "ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA", desenvolvido no Programa de Pós-graduação Mestrado em Educação Profissional Tecnológica (ProfEPT), no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Porto Alegre (ProfEPT/IFRS).

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

1. Nome Completo

2. E-mail

3. Profissão

SOBRE A ESTÉTICA E O FORMATO:

4. O visual do projeto gráfico do produto educacional é atrativo?

5. Quanto à legibilidade: é fácil de ler? As fontes estão em tamanho adequado?

6. A paleta de cores usada está adequada?

7. As imagens (fotografias e desenhos) são interessantes? Ajudam na leitura e a identificar os conteúdos? Enriquecem o produto?

8. O formato em arquivo PDF é útil e de fácil acesso?

SOBRE O CONTEÚDO:

9. A estrutura e ordem dos capítulos ajuda no fluxo de entendimento do conteúdo?

10. A escolha do público-alvo (professores) fica clara e está adequada?

11. O produto serve como porta de entrada para conhecer noções sobre indústrias criativas e produção cultural?

12. As relações entre arte, produção cultural e EPT (Educação Profissional e Tecnológica): o problema de pesquisa foi abordado?

13. O conteúdo denota ser um produto próprio de ensino, auxiliando no entendimento sobre noções voltadas à atuação em produção cultural?

14. Os aspectos teóricos e práticos apresentados no produto conversam e se complementam?

15. Nos capítulos sobre economia criativa e projetos culturais: as sugestões de atividades são pertinentes? Passíveis de aplicação?

16. Na sua opinião: qual é o ponto forte do produto? E qual, o fraco?

17. Solicitamos sugestões, críticas e comentários para aprimoramento do produto educacional.

Agradecemos a sua participação. Suas respostas são muito importantes para o desenvolvimento da pesquisa ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. Obrigado!

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

ANEXO A – NUVENS DE PALAVRAS

ANEXO B – PRODUTO EDUCACIONAL

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA
E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL

Campus Porto Alegre

Programa de Pós-Graduação - Mestrado
Profissional em Educação Profissional Tecnológica

PRODUTO EDUCACIONAL

Novembro 2021

ARTE, CULTURA E
PRODUÇÃO CULTURAL NA EPT:

GUIA

PARA O ACESSO E PARA
O DESENVOLVIMENTO DE

PROJETOS CULTURAIS

Autores:

RODRIGO NOLTE MARTINS (RODRIGO DMART)

MARIA CRISTINA CAMINHA DE CASTILHOS FRANÇA



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul





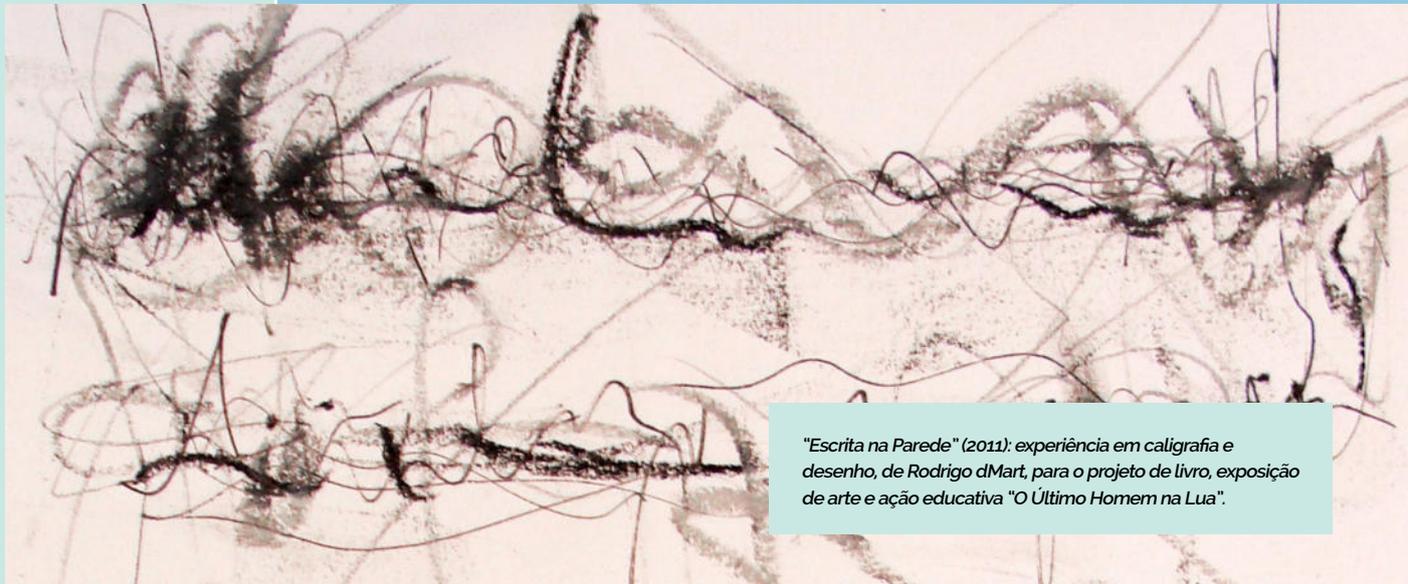
"Minha Mona Lisa" (2018): desenho em lápis, carvão e caneta preta, de Rodrigo d'Mart, numa reinterpretação da clássica obra de Leonardo da Vinci.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 04

**EPT, PESQUISA
E EIXOS PEDAGÓGICOS 06**

INDÚSTRIAS CRIATIVAS 10



"Escrita na Parede" (2011): experiência em caligrafia e desenho, de Rodrigo dMart, para o projeto de livro, exposição de arte e ação educativa "O Último Homem na Lua".

CAMPUS OSÓRIO 14

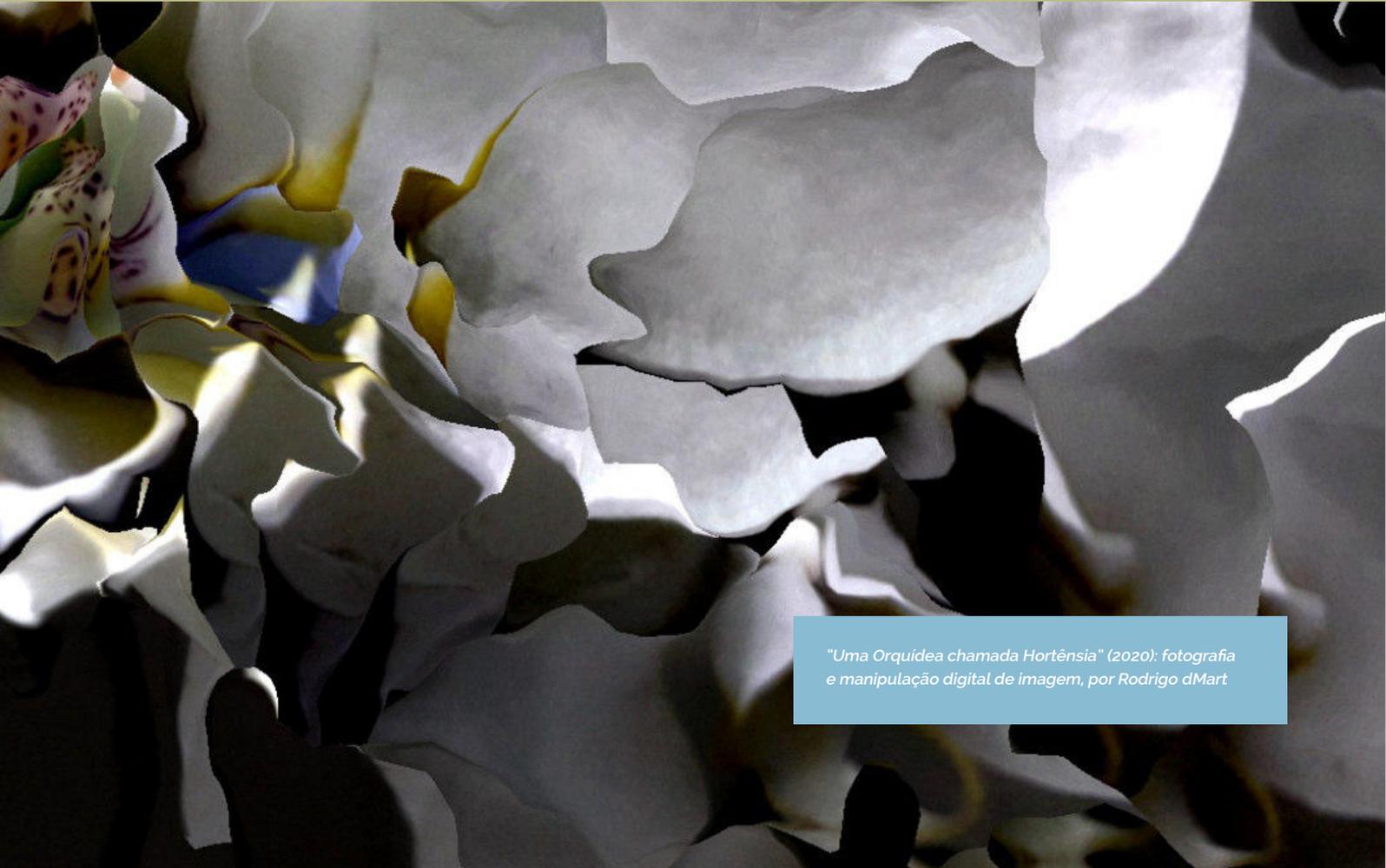
PROJETOS CULTURAIS 16

CONCLUSÃO E REFERÊNCIAS 22

SUGESTÕES E CONTATOS 24



INTRODUÇÃO



"Uma Orquídea chamada Hortênsia" (2020): fotografia e manipulação digital de imagem, por Rodrigo dMart

O produto educacional "Arte, Cultura e Produção Cultural na EPT: guia para o acesso e para o desenvolvimento de projetos culturais" é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação Profissional Tecnológica (ProfEPT), no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), campus Porto Alegre (ProfEPT/IFRS), que teve como problema: Quais são as possibilidades de ensino em Educação Profissional e Tecnológica que levem (podem levar) à apreensão das noções e conceitos de arte, cultura e produção cultural por meio de dinâmicas educativas na perspectiva da transversalidade?

Os mestrados profissionais preveem uma pesquisa aplicada com a perspectiva de intervenção e, neste caso específico, a pesquisa tratou sobre os processos de ensino voltados à EPT. Ou seja, a proposta deseja ir além de sensibilizar professores e estudantes sobre o papel da arte, mas poder propiciar oportunidades de trabalho no mundo da criatividade, da arte e da produção cultural, agregada ao princípio da transversalidade.

A proposta aborda noções sobre as indústrias criativas e projetos culturais, além de referências,

sugestões de leituras e conteúdos adicionais. Mas a gênese deste trabalho surge bem antes disso... Começa há mais de 30 anos, no final dos anos 1980, com as primeiras vivências de um jovem baterista de rock, em trajetória profissional que se desdobra na arte, na comunicação e na produção cultural, atuando em diversas áreas de indústria criativa.

Uma carreira pautada pela curiosidade de conhecer, aprender, atuar e dialogar com os diversos ramos, grupos, comunidades e instituições integrantes dos diferentes sistemas culturais, levando questões: Como valorizar a arte? Como gerar sustentabilidade? Como estimular a criatividade? Como integrar arte, educação, tecnologia, economia e sociedade? E ainda, como compartilhar estes aprendizados e experiências?

São práticas e reflexões em arte, criação e produção cultural que chegam, agora, ao encontro do universo da Educação Profissional e Tecnológica e buscam articular diálogos entre arte, cultura, produção cultural e a educação profissional e tecnológica. Trata da compreensão múltipla de diferentes conhecimentos.

"Os Institutos Federais, em sua concepção, amalgamam trabalho-ciência-tecnologia-cultura na busca de soluções para os problemas de seu tempo, aspectos que necessariamente devem estar em movimento e articulados ao dinamismo histórico da sociedade em seu processo de desenvolvimento."

(BRASIL, 2010, p. 35)

Em resumo, de um trabalho inicial, intuitivo e autodidata, com ações educativas e formativas em projetos culturais desenvolvidos pelas motivações de falar, lançar e compartilhar experiências criativas em música, literatura, histórias em quadrinhos, videogame, artes visuais, com professores, estudantes e públicos interessados em diversas partes do Brasil, nos últimos dois anos, através do mestrado em EPT encontro instrumentos como a didática, pedagogias e metodologias, para aprimorar estas atividades, bem como recebo outras lentes teóricas facilitadoras à observação do mundo.

” A transversalidade auxilia a verticalização curricular ao tomar as dimensões do trabalho, da cultura, da ciência e da tecnologia como vetores na escolha e na organização dos conteúdos, dos métodos, enfim, da ação pedagógica (PACHECO, 2012).

Considerando, então, a Área de Concentração do ProfEPT ser a Educação Profissional e Tecnológica que tem como objetivo geral "compreender os processos educativos, formais e não formais relacionados ao mundo do trabalho e à produção de conheci-

mento, numa perspectiva interdisciplinar, com vistas a integração dos campos do Trabalho, da Ciência, da Cultura e da Tecnologia", o produto educacional foi desenvolvido por meio de uma pesquisa científica vinculada à Linha de Práticas Educativas em EPT, com base nos "fundamentos das práticas educativas e do desenvolvimento curricular na Educação Profissional e Tecnológica, em suas diversas formas de oferta, a partir de uma abordagem inclusiva, interdisciplinar, em espaços formais e não formais, em conformidade com a perspectiva do trabalho como princípio educativo e do currículo integrado".

Antes de encerrar esta introdução, especiais agradecimentos à minha orientadora, a Profa. Dra. Maria Cristina Caminha de Castilhos França, ao comunicador e educador uruguaio Prof. Dr. Gabriel Kaplún da Universidad de la República (Uruguay), aos professores e técnico do IFRS/Campus Osório, Profa. Dra. Agnes Schmeling, Prof. Dr. Estevão Haeser e Téc. Audiovisual Esp. Bruno Acosta, e aos produtores culturais Me. Alexandre Barreto (IFACre) e Ma. Yara Marina Baungarten Bueno. Todos foram interlocutores fundamentais nesta pesquisa e forneceram dados importantes para o desenvolvimento deste trabalho.

EPT, PESQUISA E EIXOS PEDAGÓGICOS

CULTURA, TRABALHO E EDUCAÇÃO: A CULTURA COMO UMA DAS BASES PRIMORDIAIS DA EPT

A presente proposta dialoga diretamente com os conceitos da Educação Profissional e Tecnológica, também preocupada com o processo de globalização, e como isto impacta na educação e no mundo do trabalho.

A pesquisa e o produto educacional desejam não só sensibilizar professores e estudantes sobre noções de arte, criatividade e indústria criativa, mas mostrar e gerar oportunidades de trabalhar profissionalmente com produções culturais.

Desde 2008, quando foi criada a Lei de reorganização da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, a cultura já figura amalgamada, intimamente, aos conceitos de criação dos Institutos Federais (IFs): "um espaço de formação e aprendizagem construído por seus componentes, um lugar em que os profissionais podem decidir sobre o seu trabalho e aprender mais sobre sua profissão" (Libâneo, 2012. In: VIEIRA, Josimar; CASTAMAN, Ana S., 2020, p. 57)

”

Não seria suficiente, pois, perceber que os Institutos Federais estão situados numa determinada área geográfica e associados a projetos e programas mais amplos e globais. É preciso estabelecer o vínculo entre o local e o global. É necessário que suas ações conduzam à construção de uma cultura que supere a identidade global a partir de uma identidade sedimentada no sentimento de pertencimento territorial (BRASIL, 2008).

EPT, O QUE É?

No Brasil, em dados do Ministério da Educação referentes a 2018, a rede de Ensino técnico federal recebeu 964.593 matrículas, em 11.159 cursos ofertados em 647 unidades de todo o país. Destes, distribuídos em 38 Institutos Federais, 23 escolas técnicas vinculadas à universidades federais, dois centros federais de educação tecnológica (Cefets) e o Colégio Pedro II.

A Educação Profissional e Tecnológica é modalidade educacional que perpassa todos os níveis da educação nacional, integrada às demais modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, organizada por eixos tecnológicos, em consonância com a estrutura sócio-ocupacional do trabalho e as exigências da formação profissional nos diferentes níveis de desenvolvimento, observadas as leis e normas vigentes.

(Artigo 2º, da Resolução 1/21, do CNE/CP)

Os IFs foram criados na fundamentação do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura e na compreensão de uma educação integrada para um homem integral. Uma articulação que é "um dos mais importantes diferenciais identitários dos institutos" que possibilita "desenvolvimento local e regional" e "implicará necessariamente em um embate simbólico de significações e ressignificações dos modelos e educação preexistentes na rede" (PACHECO *et al*, 2012, p.30).

A EPT está voltada aos níveis de ensino médio, de graduação e pós-graduação, podendo constituir um itinerário formativo contínuo de aprendizagem ao longo da vida. A cultura entra na concepção do trabalho como princípio educativo, como um dos elementos primordiais para a organização e desenvolvimento curricular da EPT. Corroborar esta afirmação, Marise Nogueira Ramos (2014):

”

Compreender a relação indissociável entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura significa entender o trabalho como princípio educativo, o que não significa "aprender fazendo", nem é sinônimo de formar para o exercício do trabalho. (...) Equivale dizer que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isto, se apropria dela e pode transformá-la" (RAMOS, 2014, p. 90).

SOBRE O PROJETO DE PESQUISA

ARTE, CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NA FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL:

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Para os ritos desta pesquisa, buscou-se conhecer as estruturas e atividades do IFRS Campus Osório, bem como o trabalho de profissionais lá integrados, que estejam envolvidos no âmbito da produção artística-cultural. Os dados e informações compreendidos no processo auxiliam no resultado do guia que está apresentado em capítulo posterior.

OBJETIVO GERAL

Contribuir para o desenvolvimento da educação integral através do inter-relacionamento da arte, da criatividade e da produção cultural na dimensão na Educação Profissional e Tecnológica, por meio de dinâmicas educativas na perspectiva da transversalidade.



Rodrigo dMart em oficina de narrativa com estudantes da E.M.E.F. Ministro Fernando Osório, em outubro de 2019, em Pelotas (RS), nas ações educativas de lançamento do livro infantojuvenil "Zeca Bum - Chaminé Não é Vulcão".

”

A transversalidade auxilia a verticalização curricular ao tomar as dimensões do trabalho, da cultura, da ciência e da tecnologia como vetores na escolha e na organização dos conteúdos, dos métodos, enfim, da ação pedagógica (PACHECO, 2012).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar o papel da arte e da cultura na concepção da Educação Profissional e Tecnológica em sintonia com os valores universais do homem.
- Adequar, desenvolver e sugerir atividades com base no papel da arte e da produção cultural na formação omnilateral em EPT.
- Detectar nas práticas já adotadas no Campus Osório, do IFRS, as concepções do papel da arte e da cultura na EPT.
- Instrumentalizar professores e envolver estudantes, servidores públicos e comunidades ligadas à EPT quanto à adoção e reflexão sobre as temáticas e à educação, voltadas ao desenvolvimento da arte, enquanto dimensão cultural e ao domínio do sistema de acesso aos processos de apropriação da produção cultural.



"Desenhescrita" (2013): experiência em caligrafia e desenho, de Rodrigo dMart.

CONSTRUINDO O PRODUTO EDUCACIONAL

A proposta de investigação é atuar na educação em todos os âmbitos, em quaisquer espaços possíveis, com o viés cultural, semeando sensibilidade e criatividade, possibilitando conhecimentos e ferramentas que, no futuro, possam ser utilizadas no mundo do trabalho.

Para o desenvolvimento dos produtos educacionais, seguiu-se os eixos pedagógicos e metodológicos propostos por Paulo Freire, José Morán e Gabriel Kaplún. As metodologias aplicadas procuram conforme Libâneo (2008) destacar o caráter democrático e inclusivo da educação.

Sobre a criação de produtos educacionais, José Morán, sugere que:

"os materiais sejam mais atraentes, com muitos recursos típicos dos jogos: fases, desafios, competição, colaboração, recompensas. O design educacional é cada vez mais decisivo para contar com roteiros cognitivos inteligentes, com equilíbrio entre aprender juntos e sozinhos. Estes roteiros preveem atividades significativas em grupo e também individualizadas, com alto envolvimento, utilizando formas atuais de contar, de narrar (MORÁN, 2015, p. 29).

EIXOS PEDAGÓGICOS: PAULO FREIRE

Sobre eixos pedagógicos, aproximação nas reflexões de Paulo Freire (1982,2002).



Problematização

Reflete sobre as estratégias de ensino em Educação Profissional e Tecnológica que levam à apreensão das noções e conceitos de arte, cultura e produção cultural por meio de dinâmicas educativas na perspectiva da transversalidade, enquanto um espaço criativo.

Nas imagens: atividades do projeto "O Último Homem na Lua," de Rodrigo dMart e Antônio Augusto Bueno, entre 2010 e 2012 (da esquerda pra direita): experiência em fanzine, lançamento do livro na escola Neuza Goulart Brizola e ação com alunos e professores na galeria Xico Stockinger, Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre (RS).



Contextualização

Propõe o envolvimento de professores e estudantes do ensino médio integrado nos Institutos Federais quanto à adoção e criação de dinâmicas educativas, voltadas ao desenvolvimento da arte, enquanto dimensão cultural, e ao domínio do processo da cadeia criativa da cultura.



Dialogicidade

Proporciona que o tema da indústria criativa esteja em debate no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica, através de diálogo das noções sobre arte e cultura e sobre experiências narrativas com estudantes, professores, profissionais, servidores demais pessoas envolvidas no cotidiano dos espaços de educação.

”

É preciso escolher as ideias centrais que serão abordadas pelo material, bem como o tema ou temas principais através dos quais se procurará gerar uma experiência de aprendizado.

KAPLÚN (2003)

EIXOS PEDAGÓGICOS E CONCEITOS: GABRIEL KAPLÚN (2003)

● Conceitual

Kaplún propõe – em termos de criação do material educativo – dois tipos de pesquisa: diagnóstico (“conhecer a fundo a matéria em questão”) e temático (é o que será investigado e trabalhado junto à comunidade educativa – estudantes, educadores e comunidade do ensino médio integrado).

● Pedagógico

Segundo Kaplún, o eixo pedagógico trata dos itinerários. É a jornada pela qual o articulador deseja que o destinatário realize o aprendizado.

● Comunicacional

É a concretização dos eixos – pedagógico e conceitual – através de aspectos visuais, interativos e comunicacionais.

A entrevista com Gabriel Kaplún nos leva a refletir sobre o reencantamento. A necessidade de reencantar-se: em relação à vida, ao trabalho, ao ensino, à ciência. Trazer este reencanto, alicerçado em uma “visão crítica e humanística” (como declara Kaplún), para realizar este encontro entre cultura, EPT e o mundo do trabalho, tendo a arte como meio de sensibilização, de imaginação e de expressão.

DEPOIMENTO DE KAPLÚN

Gabriel Kaplún é uma forte referência à pesquisa e ao desenvolvimento deste produto educacional. Desde Montevideo, gentilmente, o professor cedeu entrevista em vídeo online para o uso neste trabalho. A seguir, trechos deste depoimento.

Sobre a EPT: “A educação profissional e tecnológica tem uma grande vantagem e potência em relação à educação, de forma geral, que é o vínculo com o mundo do trabalho de modo explícito. Mas, o sistema educativo nunca tem um ajuste perfeito com o sistema de trabalho, sobretudo com o emprego, que são duas coisas distintas. Uma coisa é saber trabalhar (como pedreiro, carpinteiro, o que seja), outra é ter emprego na área”.

Arte e EPT: “Há a necessidade de articular o aspecto artístico com o ensino técnico, porque se não a formação se torna plana (unidimensional), sem a densidade que necessita para formar uma pessoa com a visão crítica e humanística. Aqueles com capacidade para perceber o artístico e produzir arte em alguma medida, saem com mais aptidão para ver melhor os objetos concretos que produzem, pensar nos usos desses objetos”.

O papel da imaginação: “A arte e o artístico permitem imaginar. Faz arte, imagina! Imagina mundos possíveis. Se imagina o que não existe. Ou até mesmo, aquilo que não haverá nunca, mas que se põe no horizonte de possibilidades. E permite romper com que já está estabelecido. Sem imaginação, a educação se transforma em reprodução e formamos agentes somente capazes de reproduzir modelos já existentes, nunca capazes de imaginar coisas novas”.

A arte permite a expressão: “A possibilidade de expressão para jovens e crianças, em processo de formação é a chave para a própria formação, mas também para pensar seu projeto de vida. Construir projeto de vida precisa de expressão, mas nem todos falam com palavras escritas ou faladas, mas com imagens, sons, teatro, dança”.



Gabriel Kaplún: entrevista (2018)
no 9º Simpósio Internacional
de Educação e Comunicação.



Detalhe de mosaico produzido por professores e estudantes na Escola Neuza Goulart Brizola, em Porto Alegre (RS). Fotografia de Rodrigo dMart.

INDÚSTRIAS CRIATIVAS

DA INDÚSTRIA CULTURAL ÀS INDÚSTRIAS CRIATIVAS

Um olhar mais apurado e reflexivo sobre a produção de conteúdos, produtos e serviços nas áreas de arte, cultura e lazer tem sido exercido há décadas por pesquisadores e acadêmicos que percebem no setor cultural vieses entre a administração, a economia, a sociologia, a comunicação social e as artes aplicadas.

No sentido da produção destes bens e serviços culturais, eles são mensuráveis em consumo, geração de emprego e renda, critérios financeiros e de desenvolvimento social e, importante destacar, são também fruto da criatividade, do imaginário, da sensibilidade, do pensamento e da conquista técnica e tecnológica.

Entre os conceitos mais aplicados para a intersecção entre uso de técnica e consumo generalizado de bens culturais, o termo da indústria cultural foi desenvolvido com aplicação pela Escola de Frankfurt, encabeçada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, por volta de 1944. À época, a terminologia enaltecia e legitimava a alta cultura em detrimento à padronização do processo tecnológico de consumo de música, teatro, leitura, que imputava mais prazer do que reflexão – a cultura popular, acessível à população, segundo os autores (2006).

Para os pensadores, a indústria cultural

“imporia métodos de reprodução que tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais” (2006, p. 100).

Com o passar dos anos, a estruturação do trabalho cultural e as atividades em torno dele foram se mostrando potenciais indústrias, em maior ou menor porte. E a cultura popular também recebeu, gradualmente, valorização com as manifestações e expressões de artífices, detentores de memória oral, *griots* e tantos outros mestres.

Notadamente, a indústria cultural norte-americana tem produtos que podem ser reconhecidos com facilidade mundialmente, das artes cinematográficas ao modo de falar e vestir. A arte e entretenimento fazem parte da estratégia de dominação geopolítica dos EUA, agregando e exportando valores e serviços, de modo que o campo criativo, em 2012, representou um total de 1 trilhão de dólares do PIB do país. Em termos de EPT, nos Estados Unidos, a taxa de procura pelo ensino profissional e tecnológico aumentou 10% na primeira quinzena dos anos 2000, segundo estudo do Governo dos EUA (2017).

”

As indústrias criativas são os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade e capital intelectual como estímulo primário.

Relatório UNCTAD (2008)

Mas a dinâmica de ação do trabalho cultural está presente em muitos países. Na França, por exemplo, a definição é de “um conjunto de atividades econômicas que combine as funções de criação, concepção e produção de cultura com mais funções industriais de larga escala e comercialização de produtos” (repositório IPEA – Panorama da Economia Criativa do Brasil, 2013).

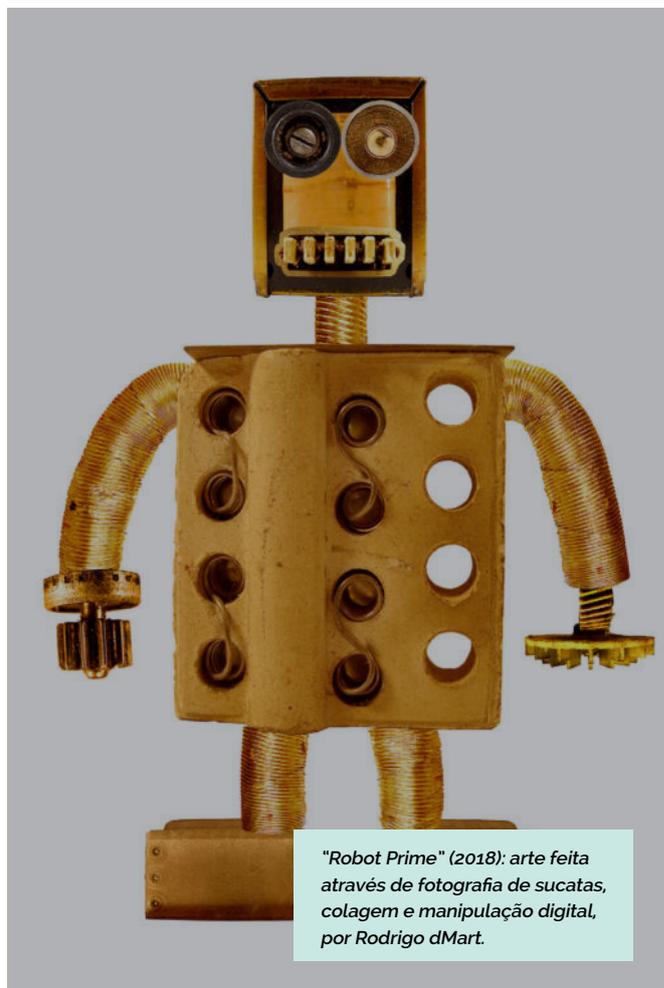
Segundo IPEA (2013), no Brasil, o número de trabalhadores da economia criativa se situa em torno de 2%. No recorte ocupacional, a economia criativa empregou 575 mil trabalhadores formais em 2010; de acordo com o critério setorial, foram 583 mil empregados. Do ponto de vista espacial, a maior parte dos trabalhadores está no estado e na cidade de São Paulo. Com efeito, a cidade de São Paulo emprega mais de 80 mil trabalhadores criativos. No entanto, as cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Brasília e Campo Grande empregam, cada uma delas, mais de 10 mil trabalhadores criativos.

No Rio Grande do Sul, uma pesquisa desenvolvida pelo Departamento de Economia e Estatística do Estado (DEE), em 2019, aponta que o setor da Economia Criativa é responsável por 130 mil empregos formais, o que faria o setor ultrapassar segmentos como o da indústria calçadista e automobilística no Estado.

A partir da década de 1970, a temática da criatividade em relação aos critérios de avaliação dos campos das artes e economia aflora pela percepção da influência da cultura na vida cotidiana e no desenvolvimento de grandes cidades americanas e europeias. Nos anos 1990, têm-se as primeiras análises da economia criativa com o “impacto da indústria cultural e da ‘classe criativa’ na economia regional” (DALLA COSTA, SOUZA SANTOS, 2011, p. 2).

As pessoas com ocupação no sistema da indústria de bens e serviços culturais são, segundo FEATHERSTONE (1995), as que

“dedicam-se à oferta dos bens e serviços simbólicos aos quais nos referimos. (...) adotam uma atitude de aprendiz perante a vida (...) eles promovem e transmitem o estilo de vida dos intelectuais a um público mais amplo e se aliam aos intelectuais para converter temas como esporte, moda, música popular e cultura popular em campos legítimos de análise intelectual” (p. 71).



“Robot Prime” (2018): arte feita através de fotografia de sucatas, colagem e manipulação digital, por Rodrigo dMart.

O QUE SÃO AS INDÚSTRIAS CRIATIVAS

As indústrias criativas são os ciclos de criação, produção e distribuição de bens e serviços que usam criatividade e capital intelectual como estímulo primário.

Em 2008, a UNCTAD, a conferência da ONU para comércio e desenvolvimento publica um relatório sobre a economia criativa que apresenta a definição acima, para o termo nascido na Austrália, em 1994, com o documento *Creative Nation* (DALLA COSTA, SOUZA SANTOS, 2011, p. 3).

Para o contexto da criatividade, a UNCTAD propõe que a criação advém da arte, da cultura, da ciência, da tecnologia, da educação, da economia, da pesquisa acadêmica e que todas interagem transversalmente (2008, p. 9).

ECONOMIA CRIATIVA E CRIATIVIDADE

A UNESCO declarou 2021 o Ano Internacional da Economia Criativa para o Desenvolvimento Sustentável. Para a agência, "as indústrias culturais e criativas se tornaram essenciais para o crescimento econômico inclusivo, reduzindo as desigualdades e colaborando para o desenvolvimento sustentável" (UNESCO, 2021).

No Brasil, a indústria criativa tem representado cerca de 2,6% do PIB, em um número constante desde 2015. De acordo com o SENAI e Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN), em relatório de 2019, o percentual estava avaliado cerca de 180 bilhões de reais e equivalia a quase 900 mil empregos formais.

É evidente que o impacto da pandemia de covid-19, de maneira global, e mudanças na legislação trabalhista, na esfera nacional, afetaram esses números durante os anos de 2020 e 2021, quando o fechamento de em-

pregos de setores especializados em cultura reduziu a formalidade em 50% das vagas (Itaú Cultural/IBGE, 2020).

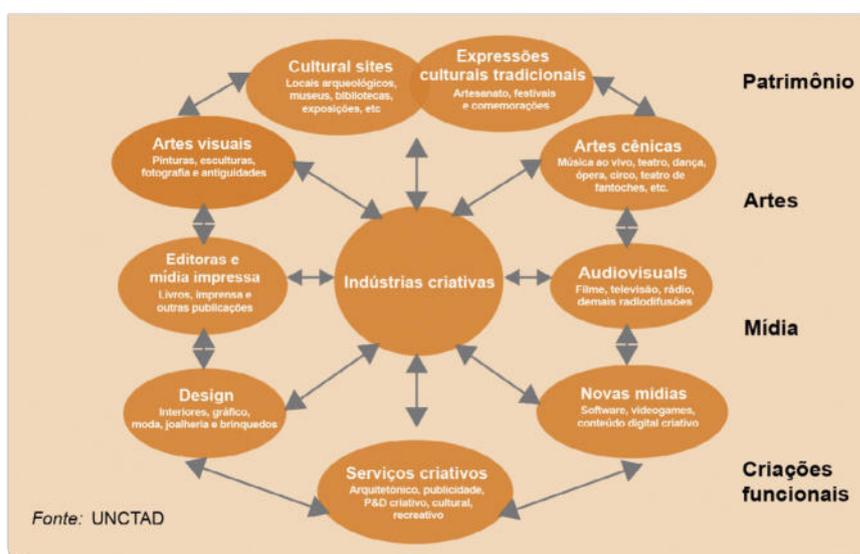
Um cenário de recuperação é esperado na retomada das atividades presenciais, em dados que apontam que o trabalhador da indústria criativa do Rio Grande do Sul é jovem, na faixa dos 25 anos, com representatividade entre os gêneros, majoritariamente branca (mais de 65%), e que 80% tem o ensino médio completo, mas é um público empreendedor que não tem formação específica em produção cultural, criativa ou de negócios (II Mapa da Economia Criativa, SEDACRS/SEBRAE, 2019).

A Educação Profissional e Tecnológica, através da criação dos Institutos Federais, em 2008, se torna um espaço privilegiado e fértil para isso, pois busca o homem multidimensional, produtor de seu caminho e de sua história.

Entre os parâmetros de medição para o incremento dos conceitos de criatividade, CORREIA, COSTA (2014) destacam 10 pilares – educação, diversidade e tolerância, cultura e turismo, tecnologia e inovação, políticas de financiamento, emprego, empreendedorismo, infraestrutura e acessibilidade, habitação, indústria.

Primeira nos pilares citados, a educação precisa de conceitos, metodologias e recursos apropriados. No Brasil, os IFs são espaços para propostas educativas inovadoras, debates críticos, experimentações e práticas voltadas ao processo de profissionalização. Os campos da arte, cultura e produção cultural nos IFs encontram espaço no ensino, pesquisa e extensão, como o Campus Osório (RS) serve de parâmetro, e ainda, com o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (2008), que oferta em EPT, cerca de 30 cursos de cultura, arte, design, comunicação e patrimônio.

ÁREAS DA INDÚSTRIA CRIATIVA: SEGUNDO A UNCTAD (2008/2010)



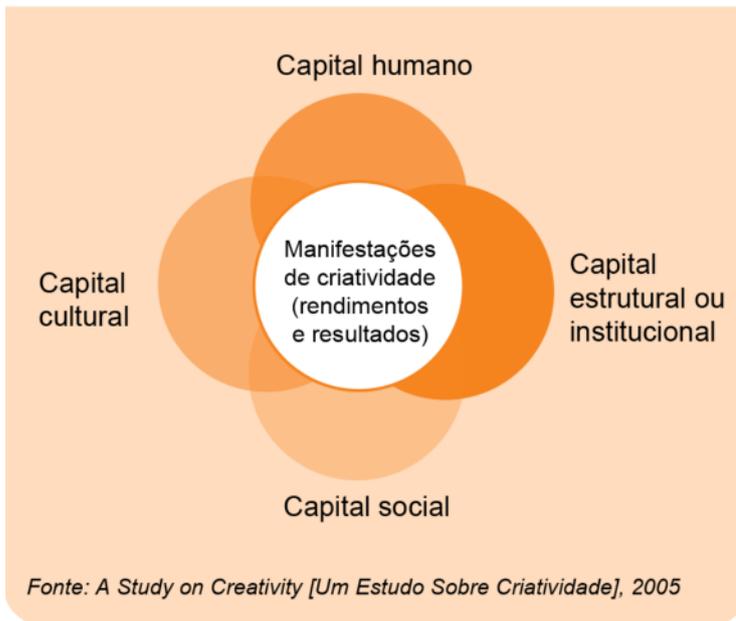
”

Criatividade é o processo pelo qual as ideias são geradas, conectadas e transformadas em coisas, objetos e conceitos que são valorizáveis e valorizados

(Boston Creativty Economy, UNCTAD, 2008, p.10).

No sentido da criação dos bens e serviços e na articulação de noções de arte e cultura, o relatório da UNCTAD propõe interrelação de 5 Cs:

- Capital Humano
- Capital Cultural
- Capital Institucional
- Capital Social
- Criatividade



SUGESTÃO DE ATIVIDADE

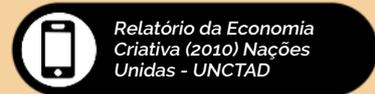
Trabalho individual, com duração de uma hora.

A partir da leitura do capítulo "Indústrias Criativas", sugerimos que você escreva sobre as seguintes questões:

- Em que área da indústria criativa você gostaria de atuar? E por quê?
- Na sua visão, o que é criatividade?

Sugestão de trabalho em duplas, com duração de uma a duas horas.

- Delimite um espaço físico (escola, comunidade, bairro, cidade, região etc).
- Dentro das áreas da indústria criativa, identifique profissionais, empresas e instituições que você conhece e que estão localizados no espaço escolhido.
- Crie um gráfico (exemplo da página 12) com o que você pesquisou.



“As atividades do setor cultural agora contam com 6,1% da economia mundial. Elas geram uma renda anual de US\$ 2,25 bilhões e quase 30 milhões de empregos no mundo, empregando mais pessoas com idades entre 15 e 29 que qualquer outro setor”.

Relatório UNESCO (2021)

ANTES DE PROSSEGUIR:

A seguir, apresentam-se os dados de pesquisa produzidos por meio de entrevistas semi-estruturadas, mediadas por computador em razão do momento de pandemia. Outro instrumento adotado foi o questionário encaminhado por formulário eletrônico.



Rodrigo dMart realiza experiências narrativas em ação educativa na Escola Municipal Fernando Osório, em Pelotas (RS), em 2019.

CAMPUS OSÓRIO: UM ESPAÇO DE ARTE E DE EDUCAÇÃO

Desde a criação, em 2010, o Campus Osório do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) se notabiliza pela atuação no campo artístico, desenvolvendo inúmeros projetos de extensão nas áreas de música, dança, teatro, artes visuais e audiovisual, envolvendo estudantes em ações educativas e culturais.

Entre os cursos técnicos, subsequentes e superiores oferecidos estão administração, informática, panificação, eventos, letras, matemática, análise e desenvolvimento de sistemas e processos gerenciais, além de um pós-graduação em educação básica e profissional.

A efervescência que pode ser vista no campus - unindo arte e EPT - conta com o apoio institucional, da direção, do IFRS e da própria comunidade onde está inserida, na cidade de Osório, no litoral norte gaúcho.

No cerne deste clima cultural está o trabalho persistente de três profissionais da educação - os professores Agnes Schmeling (música), Estevão Haeser (artes visuais) e o técnico Bruno Acosta (teatro e audiovisual) - que, em grupo ou individualmente, ensinam, fomentam e criam ações artísticas junto com os estudantes, em atividades curriculares ou de extensão, tais como os espetáculos musicais "Um Pouquinho de Brasil", "Som da Liberdade" e "Elas", o projeto musical "Cultural Afro Beat", o projeto de cinema "Curta IFRS", entre outros.

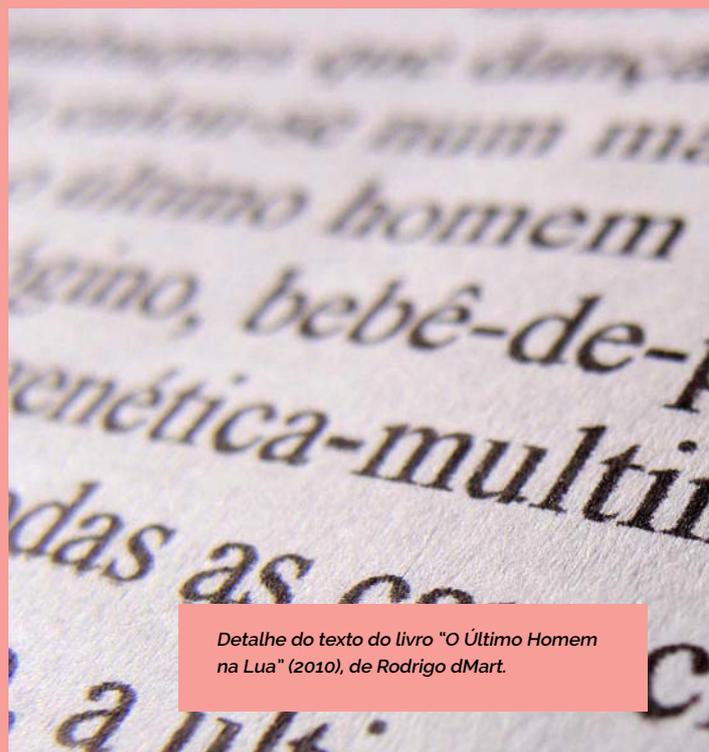
Os três servidores foram os importantes interlocutores entrevistados para o desenvolvimento da pesquisa e deste produto, como é possível ver na próxima página.



Programa Música no IFRS:
Asa Branca (Luiz Gonzaga)
Espetáculo "Um Pouco de Brasil
la la" (2016)



Projeto Autoral Afrobeat (2020):
aquilombamento e cidadania



Detalhe do texto do livro "O Último Homem na Lua" (2010), de Rodrigo dMart.

ARTE E EPT: DEPOIMENTOS DOS PROFISSIONAIS

AGNES SCHMELING

Precursora dos trabalhos em arte no campus, a professora de música **Agnes Schmeling**, fala um pouco sobre as atividades educativas e artísticas.

Teatro e música: "O Campus Osório não tem curso de música, mas, ao mesmo tempo é reconhecido pelos espetáculos de música e de teatro. (...) Paralelo à disciplina de música dentro do currículo, oferecemos diversas atividades: oficinas, aulas de instrumentos, formação de grupos instrumentais".

Projeto integradores: "Algumas disciplinas se unem e a gente desenvolve um projeto, por exemplo, com temática indígena. Além da música, unimos português, educação física, história com este tema norteador. Daí, temos falas, palestras, vídeos, que servem de material base. Cada disciplina aborda, pelo seu viés, esta temática. Depois, temos um trabalho avaliativo em comum".

Formação integral: "A partir destes projetos, e das próprias aulas, independentemente do estudante cursar administração ou informática, a gente trabalha com arte pois são aspectos culturais que vão ficar para sempre, na formação deste aluno".

Projeto cultural: "No curso de administração, trabalhar com os estudantes a organização de um projeto, de como planejar um trabalho assim, isso é muito profissionalizante".

ESTEVÃO HAESER

O professor de artes visuais Estevão Haeser elabora e conduz projetos musicais e transmidiáticos em Osório.

Projetos Culturais: "Dentro da realidade da EPT nos IFs, essa perspectiva dos projetos culturais seriam os professores e os estudantes estarem antenados e serem capazes de acessar recursos, como os editais de política de arte e cultura (aprovados em 2020), para criar projetos e desenvolver atividades diversas".

Importância da arte no ensino: "Nós, das artes, ainda somos vistos como parte do ensino básico, que não seria profissionalizante. Mas, vale destacar, que existem sete *campi* do IF no Brasil que tem ensino médio integrado em Arte, como é o caso do Campus Centro Histórico São Luis do Maranhão, que além dos cursos técnicos, oferece cursos superiores em dança, artes, música e teatro. Um sonho".

Arte no mundo do trabalho: "Olhar para arte e cultura como trabalho, como profissão é um olhar de respeito. Eu tenho que mostrar esta possibilidade para os estudantes, para que eles percebam que arte é trabalho. Sei que não é um mar de rosas. A gente sabe que não é um mar de rosas. Mas mostrar para eles que existem editais, recursos, meios. Eu já ganhei editais...".

Através das entrevistas com os servidores, mesmo à distância, foi possível conhecer um pouco do cotidiano de trabalho em arte na EPT que ocorre no Campus Osório. Saber sobre iniciativas, experiências e projetos em arte, bem como perceber as dificuldades e os desafios enfrentados pelos professores e técnicos na área.

As entrevistas também foram importantes para apontar o caminho para o produto educacional, direcionando o conteúdo para as noções sobre indústria criativa, produção cultural e projetos culturais, como uma demanda da instituição e algo que possa ser útil e potencializar os encontros entre arte, cultura, produção cultural e a EPT.

BRUNO ACOSTA

Profissional técnico do Campus Osório, atuando na área do audiovisual, **Bruno Acosta** vê possibilidade na **profissionalização na arte:** "Através do projeto, que eu coordenei, de cinema Curta IFRS, eu percebo vários alunos que me procuram para contar que foram buscar o cinema como carreira".

Diálogo e transversalidade: "No processo de arte, ter trabalhos teórico-práticos. Percebo que o professor precisa ouvir e lidar com as expressões dos alunos, com as ideias que eles trazem, para se moldar a um processo, gerando troca de conhecimentos".

Didáticas aplicadas: "Trazer as pessoas, criar um grupo unido, não segregar por qualidade e entender a importância de tratar todos iguais. Arte tem isso. Perceber a importância da descentralização na arte, enfatizar o teórico-prático, dar as bases e sair fazendo, fazendo...".

Este produto educacional é dirigido para professores, técnicos e estudantes da EPT para aplicação em disciplinas, atividades de extensão e pesquisa, como forma de estimular noções sobre arte e produção cultural, apresentando conexões entre cultura, educação, indústria criativa e o mundo do trabalho.

Em paralelo, este trabalho também pode auxiliar aos setores de gestão e administração dos Institutos Federais, no que tange ao planejamento, organização e captação de recursos para atividades artísticas e culturais. Além disso, este produto educacional é de livre acesso a todos os interessados em desenvolver projetos de arte, cultura e educação.

PROJETOS CULTURAIS

Projeto cultural é uma forma de organizar e descrever uma ideia de produto ou serviço, no objetivo de que ela se concretize. Serve para representar em palavras e imagens um conceito que se quer realizar.

Como resultado, um projeto cultural é um documento - em formato de formulário, planilha, portfolio, dossiê ou ofício - que contém todos os elementos possíveis e as demandas de uma proposta para, por exemplo:

- **Apresentação em editais;**
- **Concorrência em licitação;**
- **Explicação de conceitos, histórias e ideias;**
- **Captação de recursos financeiros em fundos, leis de incentivo, patrocínios etc.;**
- **Defesas em *pitch* (reuniões ou encontros para “vender seu peixe”).**

O QUE PROJETAR?

O projeto pode prever um **evento ou uma série** deles: show musical, espetáculo teatral ou de dança, festivais e mostras de arte, exposições e bienais artísticas, realização de um desfile, feiras de artesanato etc.;

O projeto pode ser de um **bem ou produto cultural**, como a escrita e a publicação de um livro ou a gravação de um disco, a edição de um documento, a criação de uma obra de arte, etc.;

O projeto pode ser um **serviço cultural**, como palestra, oficinas, seminários, ações continuadas de formação ligadas à arte, educação e cultura, relaciona-se à informação, à pesquisa e ao apoio à produção cultural;

O projeto pode descrever uma **pesquisa ou um sistema de capacitação** e melhorias, com serviços relacionados à preservação e manutenção de bens, histórias e memórias do patrimônio cultural.

Cada um dos Institutos Federais possui diretrizes próprias para orientação, promoção e desenvolvimento do campo da arte e da cultura através de bolsas e de editais. Professores, técnicos e estudantes podem acessar informações através dos sites e das secretarias dos IFs no âmbito de ações de ensino, pesquisa e extensão.

Para além dos muros escolares, há um espaço profissional para a elaboração e produção de projetos culturais, desde a iniciativa privada (contratações e patrocínios diretos) às diferentes formas incentivo e de patrocínio, tais como, bolsas, leis, editais e - até mesmo - financiamento coletivo (“*crowdfunding*”).

Entre as formas de fundo e de incentivos gerenciadas pela área pública, existem, por exemplo, no Rio Grande do Sul: Lei de Incentivo à Cultura (LIC-RS), Fundo de Apoio à Cultura (FAC), ambos geridos pela Secretaria de Cultura do RS, além dos fundos municipais de apoio à produção artística: Procultura, de Pelotas, PIC, de Canoas, Fumproarte, de Porto Alegre, Fundo Municipal de Cultura, de Novo Hamburgo, o Financiarte, de Caxias do Sul, e o Funcultura, de Santa Maria.

Na esfera federal, o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) é o responsável por captar e canalizar recursos para o setor, através da lei incentivo à cultura, mais conhecida como Lei Rouanet, criada em dezembro de 1991. Outros órgãos nacionais, como a Funarte e Fundação Palmares, lançam editais específicos de fomento para produção artística e cultural.

Nas leis de incentivo federais, a proposta cultural é aceita como projeto cultural após análises de admissão, cumprindo o descrito como:

“Programas, planos, ações ou conjunto de ações inter-relacionadas para alcançar objetivos específicos, dentro dos limites de um orçamento e tempo delimitados”

(Pronac – Inciso II do art. 3º - IN 01/24/06/2013).



Rodrigo dMart e o ilustrador Índio San em palestra sobre a graphic novel "Um Outro Pastoreio", durante a Feira do Livro, em 2010, na praça central de Santa Maria (RS).

PRODUTOS CULTURAIS

"Expressam ideias, valores, atitudes e criatividade artística e oferecem entretenimento, informação ou análise sobre o presente, o passado (historiografia) ou o futuro (intuição), quer tenham origem popular (artesanato), quer tratem de produtos massivos (jornais, histórias em quadrinhos), quer circulem por público mais limitado (poesia, música erudita)".

(COELHO, 1997, P. 318)

SERVIÇOS CULTURAIS

"Entende-se por serviço cultural a atividade que, sem assumir a forma de um bem material, atende a um desejo ou necessidade de cultura. Incluem a promoção de espetáculos, a informação cultural, a formação para a produção cultural. Nos casos de Estados e instituições, designa uma política cultural".

(COELHO, 1997, P. 341-342)

PROPRIEDADE INTELECTUAL

Quando se trabalha com produção e projetos culturais, é comum encontrar fontes de informação, com fotografias, imagens, sons, e outros dados que não foram criados pelo artista, pesquisador ou proponente do projeto.

O uso de materiais de terceiros é sempre protegido por direitos autorais do criador da obra e podem ter ainda direitos conexos relacionados à obra em questão, pertencentes às gravadoras de música, editora literárias, bancos de imagens. A utilização indevida deste material pode ainda resultar em processos judiciais de danos morais, além dos financeiros.

A recomendação é sempre utilizar seu próprio material artístico e, quando for necessária a obra de terceiros, que seja feita com as devidas liberações e autorizações, que podem incluir pagamento de cessão de uso e sempre dar os devidos créditos de autoria e fontes.

Dar valor à criação artística é fundamental.

FLUXO DO PROJETO CULTURAL

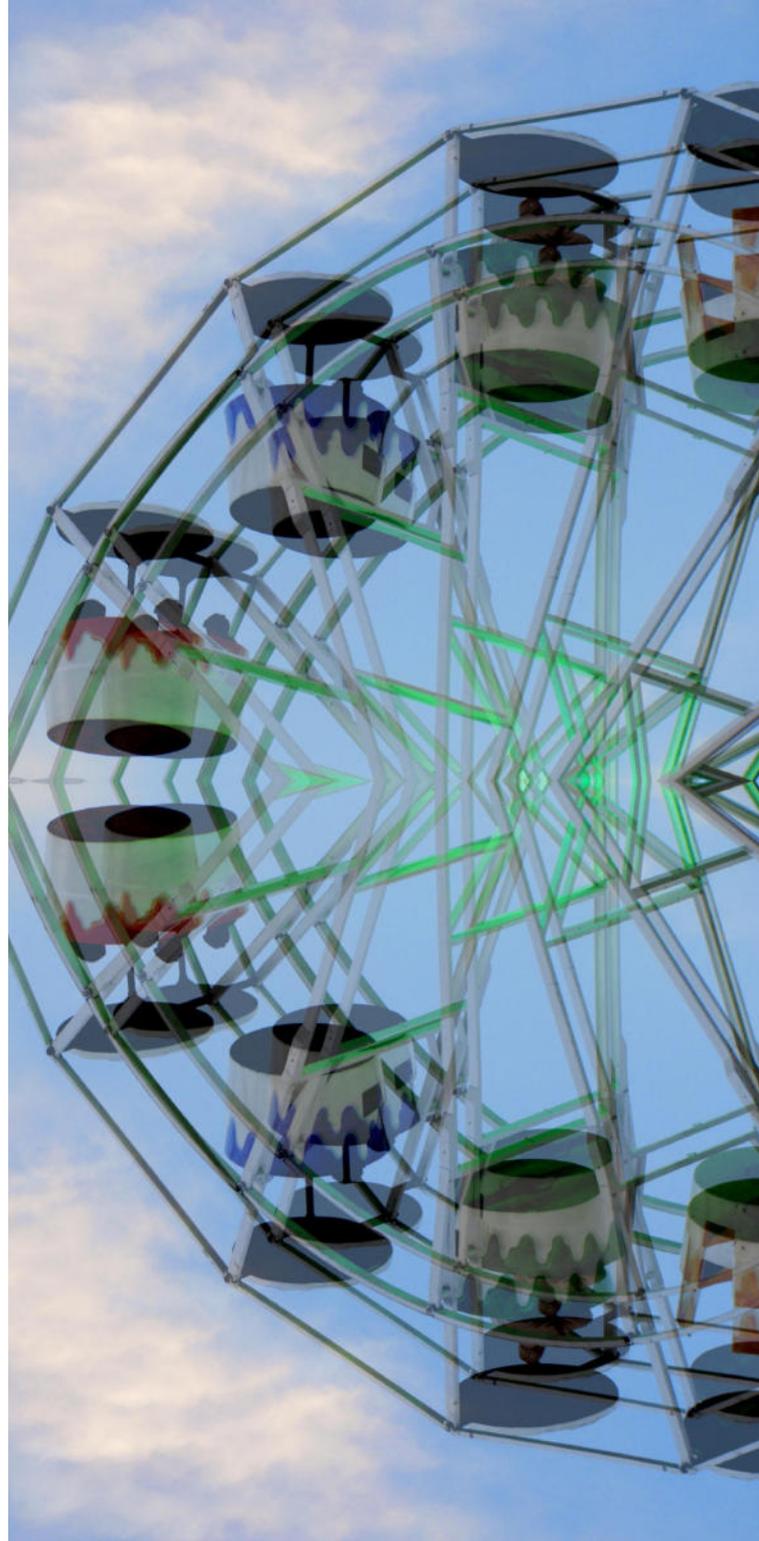
- **Elaboração:** a escrita, a pesquisa, a organização e o planejamento do projeto;
- **Financiamento:** a forma de viabilizar a estrutura e os recursos financeiros para a realização do projeto que podem envolver captação de recursos, patrocínios, apoiadores diretos, inscrições em editais, etc;
- **Execução:** a hora de produzir, colocar a "mão na massa", é que mais, costumeiramente, se chama de produção;
- **Prestação de Contas:** avaliação do trabalho, reunião de notícias e materiais de divulgação, elaboração de relatórios.

A elaboração e o financiamento são etapas que ocorrem antes da execução do projeto.

De acordo com diversas variáveis - como a complexidade de elaboração, busca de patrocínios, inscrição e aprovação em editais, liberação de verbas, questões jurídicas e contratuais, etc - são duas etapas que demandam tempo e organização e que podem levar meses e até mesmo anos, para serem concluídos. Isto, como dito, antecedendo à execução da proposta.



Cartilha "Projetos Culturais: como elaborar, executar e prestar contas" (2014) - Instituto Alvorada Brasil e Sebrae



QUEM ESTÁ PRODUZINDO E PARA QUEM SE DESTINA O PROJETO CULTURAL

Equipe: os proponentes e os principais integrantes da ficha técnica do projeto a ser realizado. É quem vai trabalhar para fazer acontecer a proposta.

Sugerimos que equipe tenha conhecimento e aproximação com o tema a ser trabalhado e uma experiência (mínima) na área de arte e de cultura, que deve ser demonstrada através de currículos, de referências e comprovações de atividades culturais.

Público: Quem vai se interessar por aquilo que está feito. Estimar número de pessoas que serão beneficiadas com o projeto, diretamente e indiretamente.

É pertinente pensar para quem está sendo feita a proposta cultural, de uma maneira democrática, social e comunitária, principalmente, quanto se trabalhando na articulação entre arte e educação profissional e tecnológica. Atentar para incluir questões como acessibilidade, equidade e descentralização das ações.



"Roda Gigante Espelhadas" (2010): fotografia e manipulação digital de imagem, por Rodrigo dMart.

ELEMENTOS DO PROJETO CULTURAL

Em termos gerais, para cada projeto independente da temática é necessária a formulação dos seguintes itens:

- **Objetivo:** o que se quer realizar;
- **Justificativa:** o porquê, os motivos, os anseios, os dados, as referências para a ideia;
- **Metodologia:** como as ações são estruturadas para serem concretizadas;
- **Cronograma:** o quando vai acontecer, a duração e a linha de tempo para a produção do projeto;
- **Planilha de orçamento:** o quanto, quais são os valores e os recursos necessários para realizar as metas propostas.

ETAPAS DE EXECUÇÃO

Para realizar os trabalhos dentro do projeto, recomenda-se as seguintes etapas:

- **Pré-produção:** atividades preliminares como organização, contatos, marcações e contratações;
- **Produção:** realização da ideia, o dia do evento, execução do produto ou serviço;
- **Pós-produção:** fechamento e relatórios, como conferência contábil, registros de divulgação e de atividades etc.



Video-release "Aprenda a Organizar um Show" (2008): Alexandre Barreto - Imagina Conteúdo Criativo

SISTEMAS DE GESTÃO CULTURAL

"Grande esforço tem sido feito em direção ao planejamento e à criação de sistemas de gestão – cultura, museus, patrimônio – que integrem os três níveis de governo, setor privado e comunidade.

Existe a necessidade de criação de novos sistemas e instrumentos de gestão do patrimônio cultural, que, no caso do Brasil, relacionam-se diretamente às questões urbanas, à habitação e às condições de vida".

(RELATÓRIO UNESCO, Escritório Brasil, 2021)

PRODUÇÃO CULTURAL

É o trabalho que integra os campos da elaboração e execução de projetos culturais e que realiza a interlocução entre artistas, governos, instituições e demais elos da cadeia produtiva da cultura.

Os profissionais da produção cultural têm características e interesses multifacetados, com trajetória e repertório de projetos bastante construídos nas práticas e nas oportunidades.

Para uma formação curricular, a produção cultural é um campo acadêmico recente, e as pessoas atuantes vêm de áreas relacionadas como comunicação social, artes cênicas e visuais, música, administração, entre outros.

Como carreira, a produção cultural pode ainda ser subdividida em inúmeras atividades, das quais mais se destacam: produção executiva de projetos, produção artística de carreira, produção de shows (agenciamento), produção de palco de espetáculos de teatro e eventos, produção de rádio, TV, cinema e áudio, captador de recursos, analista de projetos culturais, conforme Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE).

Festival musical de rua "Freak Festival" (2016), em Pelotas (RS). Projeto financiado em edital municipal para eventos, envolve apresentações artísticas, feira e ações educativas.



É DIA DE FEIRA!

Abaixo à esquerda, o modelo traz uma sinopse descritiva e proposta de execução de uma feira fictícia que serve como exemplo para a atividade sugerida ao lado. Como forma de abertura de novas discussões e amadurecimento do processo - tanto nas etapas de pré e de pós-produção - podem ser realizadas pesquisas e avaliações, com equipe e público.

EXEMPLO: PROPOSTA DE EXECUÇÃO E CRONOGRAMA DE UMA FEIRA

PROJETO CULTURAL: A proposta é um festival de artes e ofícios, de múltiplo interesse, com apresentações artísticas, duração de 2 dias, com 5 bancas para artes e artesanato, 2 bancas de alimentação, 5 bancas de empregos e tecnologia, 1 banca para entidade parceira e uma banca para o IF, além de programação de palestras e oficinas. Local: escola, faculdade ou associação de bairro.

CRONOGRAMA:

Pré-Produção:

- **MÊS ANTERIOR AO EVENTO**
Liberações de venda alimentícia, revisão de instalações e autorizações, contatos e confirmações com participantes.
Encargos de execução de música – ECAD.
Divulgação.
- **DIA ANTERIOR AO EVENTO**
Liberação do espaço para realização do evento, com revisão da disponibilidade de energia elétrica.
Montagem estrutural dos estandes e palco de espetáculos.

Produção:

- **DIA DO EVENTO 01**
MANHÃ e TARDE:
Espetáculos e palestras – música, dança e teatro, sonorização, iluminação e telões, ensaios, passagens de som, *datashow*.
Estandes: cada participante é responsável pela arrumação.
NOITE
Desmontagem de equipamento e mostruários.
- **DIA DO EVENTO 02**
MANHÃ e TARDE:
Espetáculos e palestras – música, dança e teatro sonorização, iluminação e telões, ensaios, passagens de som, *datashow*.
Estandes: cada participante é responsável pela arrumação.
NOITE:
Desmontagem de equipamento e mostruários.
Desmontagem final de palco e estrutura de estandes.

Pós-Produção:

- DIAS POSTERIORES AO EVENTO
Prestação de contas, pagamentos e relatório de atividades.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Trabalho de grupo (3 a 4 pessoas), em dois encontros, com duração de duas horas cada, atividade extra-classe (2 horas). Total: 6 horas.

A tarefa é criar uma feira fictícia, seguindo os passos e o exemplo de um projeto cultural, estabelecendo objetivo, justificativa, cronograma, temática (nome), equipe de trabalho, duração, local, fazendo articulação entre arte, cultura, trabalho e EPT.

- **Primeiro encontro:**
 - Palestra sobre projeto cultural
 - Criação dos grupos e desenvolvimento da sinopse do projeto
- **Atividade extra-classe:**
 - Pesquisa para o projeto cultural (programação artística, bancas da feira, oficinas etc)
 - Escrita e montagem da apresentação do projeto da feira
- **Sugestão:** utilize os conhecimentos e as descobertas da atividade prática sobre as indústrias criativas (pág. 13).
- **Segundo encontro:**
 - Apresentação do projeto da feira
 - Avaliação final das propostas e rodada de discussão

Fique atento: Para um projeto verídico, todos os itens previstos em cronograma e metodologia devem ser listados e orçados em planilha de custos. Vale observar também questões como: - O espaço é aberto? O que fazer em caso de chuva? Tem segurança própria? Tem banheiros disponíveis? Como é a acessibilidade?

CONCLUSÃO

Toda jornada encontra desafios. Mas, talvez, nem o mais cético dos autores de ficção científica pensaria que enfrentaríamos uma pandemia em escala global, como ocorreu com a Covid, em 2020, cujos reflexos e desdobramentos ainda estamos sentindo.

Especificamente, para esta proposta, a mudança das atividades presenciais para encontros virtuais gerou inúmeras alterações metodológicas (saindo da observação participante para metodologias ativas, com uso de questionários online, contatos por e-mail, entrevistas via aplicativos de vídeo etc.). Tudo à distância.

O objetivo almejado por esta pesquisa e este produto educacional é uma aproximação entre a arte, cultura, produção cultural e a EPT, em um trabalho que seria desenvolvido junto com professores, técnicos e estudantes no Campus Osório, do IFRS, na cidade de Osório (eu vivo, trabalho e estudo em Porto Alegre).

A pandemia mudou tudo. Impossibilitou a visita ao campus e a interação direta com a comunidade escolar, tão necessária para o desenvolvimento de um aspecto do trabalho que tratava de experiência narrativas (que ficou de fora tanto da pesquisa como do produto) e nos fez focar em projetos culturais, além de restringir os inter-

locutores aos professores e técnicos (sem a presença de estudantes). Paradoxalmente, houve um ganho enorme ao incluir, é claro, as entrevistas com o professor e pesquisador Gabriel Kaplún e poder contar com o apoio dos produtores culturais Alexandre Barreto e Yara Baugarten.

Apesar das diversas adaptações, creio que, de alguma forma, tenhamos conseguido êxito. No produto educacional "Arte, Cultura e Produção Cultural na EPT: guia para o acesso e para o desenvolvimento de projetos culturais", mantivemos o foco na importância de conhecer e aplicar a dinâmica de um projeto nos planos e perspectivas do mundo do trabalho e do mundo da cultura como uma forma de facilitação de organização e coordenação da explanação das metas e expressão de ideais. Assim, humildemente, acreditamos.

Toda esta jornada foi guiada e possibilitada pela orientação e amizade da professora doutora Maria Cristina Caminha de Castilhos França.

Certamente, ainda há muito a avançar. Esperamos ter contribuído na esperança de que os campos da arte, da produção cultural e da EPT se interconectem e sempre se desenvolvam.

A close-up photograph of a car headlight. The headlight is circular and has a grid-like pattern on its lens. It is surrounded by a blue frame, which is splattered with orange paint. The background is dark and out of focus.

Fotografia de Rodrigo dMart (2009).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor; Horkheimer, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- BRASIL. *Um novo modelo em educação profissional e tecnológica: concepção e diretrizes*. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em 19/11/2019.
- CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. *Ensino médio integrado*. In: CALDART, Roseli et al. (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012a.
- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural*. São Paulo: Iluminuras, 1999. 384p.
- CORREIA, Miguel; COSTA, José. *Measuring creativity in the EU member states*. *Investigaciones Regionales*. Vol. 30, Pag. 7-26, Espanha. Disponível em: <https://old.aecr.org/images/ImatgesArticles/2014/12/01Correia.pdf> Acesso em 20 de outubro de 2021.
- DALLA COSTA, Armando; SOUZA SANTOS, Elson. *Economia criativa: novas oportunidades baseadas no capital intelectual*. *Economia & Tecnologia*. Ano 07, Vol. 25, Abril/Junho de 2011, UFPR.
- DOU. *Resolução CNE/CP N° 1/21*. Ministério da Educação. Disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578>. Acesso em 5 de julho de 2021.
- EUA. Departamento de Educação. *Mudança no número e tipos de instituições pós-secundárias- 2000 – 2014*. Washington: National Center for Education Statistics, 2017.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: StudioNobel, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade: e outros escritos*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002. 10ª edição.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1982. 13ª edição.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Programa RS Criativo completa dois anos de fomento à economia criativa*. Disponível em <https://estado.rs.gov.br/programa-rs-criativo-completa-dois-anos-de-fomento-a-economia-criativa>. Acesso em 20/10/2021.
- IPEA. *Panorama da economia criativa no Brasil*. Brasília: Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, 2013.
- ITAÚ CULTURAL. *Observatório do Itaú Cultural*. Disponível em <https://www.itaucultural.org.br/observatorio-itaucultural>
- KAPLÚN, Gabriel. *Educar ya fué?: culturas juveniles y educación*. Gabriel Kaplun, Uruguai, 2008.
- KAPLÚN, Gabriel. *Material educativo: a experiência de aprendido*. In: *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, 2003, p. 46-60.
- LIBÂNEO, José Carlos. *A pedagogia crítico-social dos conteúdos*. In: GAYA, Daniele; FREITAS, Aparecida. *Tendências pedagógicas de Libâneo e Saviani: possíveis influências na educação contemporânea*. Disponível em: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/V2OrYgRk1SbE-qSQ_2020-12-14-17-24-10.pdf. Acesso em: 21/10/2021
- MEC. *Catálogo Nacional de Cursos Técnicos*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=77451-cnct-3a-edicao-pdf. Acesso em: 20 de outubro de 2021
- MORÁN, José. *Mudando a educação com metodologias ativas*. In: *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*. Coleção Mídias Contemporâneas, Vol. II, PROEX – UEPG, Ponta Grossa, 2015, p. 15-33.
- PACHECO, Eliezer M.; CALDAS, Luiz; SOBRINHO, Moisés D. *Institutos federais de educação, ciência e tecnologia: limites e possibilidades*. In: PACHECO, Eliezer M. and MORIGI, Valter (org.). *Ensino Técnico, Formação Profissional e Cidadania: A Revolução da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil*. Selo Tekne, Penso Editora Ltda. Porto Alegre, 2012.
- RAMOS, Marise. *História e política da educação profissional*. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.
- SENAI/FIRJAN. *Mapeamento da indústria criativa no Brasil – 2019*. Disponível em <https://www.firjan.com.br/EconomiaCriativa/downloads/MapeamentoIndustriaCriativa.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2021.
- UNCTAD. *Relatório de economia criativa 2008/2010: economia criativa uma opção de desenvolvimento*. – Brasília: Secretaria da Economia Criativa/Minc; São Paulo: Itaú Cultural, 2012. Disponível em https://unctad.org/system/files/official-document/ditctab20103_pt.pdf. Acesso em 10 de outubro de 2021.
- VIEIRA, Josimar; CASTAMAN, Ana Sara (org.). *Organização e memórias da educação profissional e tecnológica: constatações e proposições*. Curitiba: CRV, 2020.

SUGESTÕES

BARRETO, Alexandre. Aprenda a organizar um show. Porto Alegre: Imagina Conteúdo Criativo, 2008.

BORDIEU, Pierre, DARBEL, Alain. O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público. Editora Zouk/EDUSP, Porto Alegre, 2007.

CANEVACCI, Massimo. Sincréтика: explorações etnográficas sobre artes contemporâneas. Barueri: StudioNobel, 2013.

CAPRA, Fritjof. O ponto de mutação. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

CESNIK, Fábio de Sá. Guia do incentivo à cultura. Barueri, SP: Manole, 2007.

GUEIROS JR., Nehemias. O direito autoral no show business. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

IMAGINA CONTEÚDO CRIATIVO. Site de projetos culturais. Disponível em <https://imaginaconteudo.com>. Acesso em 09 de outubro de 2021.

MARTINS, Rodrigo Nolte. O movimento Mangue Beat: uma alternativa da música regional no processo de globalização. Pelotas: 1997. 51p. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) - ECOS, UCPel, 1997.

MORAES, Dênis de (org). Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Livre, 1997.

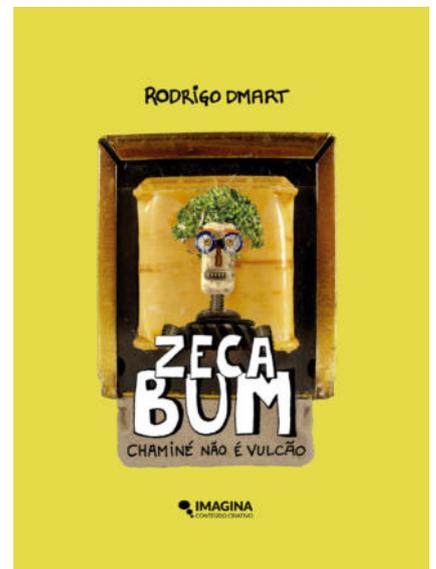
MOREIRA, Marco Antonio. As pedagogias de Paulo Freire. In: Teorias de Aprendizagem. São Paulo: E.P.U., 2014, p. 149-157.

OBSERVATÓRIO DA INDÚSTRIA CRIATIVA. Programa RS Criativo. SEDAC/RS, Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em <https://cultura.rs.gov.br/observatorio>. Acesso em 09 de outubro de 2021.

PRESTES FILHO, Luiz Carlos. Economia da cultura: a força da indústria cultural no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.

REVISTA NONADA. Sobre Viver de Cultura. Porto Alegre, 2021.

SILVERSTONE, Roger. Por que estudar a mídia? Edições Loyola, 2005.



 Site Imagina Conteúdo Criativo: obras e projetos de Rodrigo dMart



Alguns projetos e atividades de Rodrigo dMart, entre 2010 e 2019. Na página anterior: show de lançamento do álbum "Próximos Distantes", da banda Doidivas, em escola municipal, em Pelotas (RS), capa do livro "Zeca Bum - Chaminé Não é Vulcão" (2019), página dupla da graphic novel "Um Outro Pastoreio", de dMart e Indio San (2010-2020), e oficina com educadores em escola (2019). Acima: Oficina de percussão e ritmos regionais, na Escola Municipal Fernando Osório, em Pelotas (RS), e capa do livro ilustrado "O Último Homem na Lua", de dMart e Antônio Augusto Bueno (2012).

AUTORES E CONTATOS

RODRIGO DMART (Rodrigo Nolte Martins) nasceu em Pelotas (Brasil), em 1974. É músico, escritor, jornalista, artista multimídia, pesquisador e produtor cultural. Vive e trabalha em Porto Alegre, junto com a esposa, **Yara Baungarten**, na **Imagina Conteúdo Criativo**, ateliê de arte e escritório de produção que realiza consultoria e **elaboração de projetos culturais**, desde 2008.

Formado em jornalismo na Faculdade de Comunicação Social (UCPel). Pós-graduado em Desenvolvimento de Jogos Digitais (PUC-RS). É mestrando no Mestrado Profissional em Educação Profissional em Rede Nacional (ProfEPT), no Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS).

Como jornalista, trabalhou durante 17 anos na **TVE-RS** e **FM Cultura**, como editor, produtor, diretor de programas e coordenador de projetos especiais. Atualmente, atua como jornalista na Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural do RS. Foi coordenador de Música e Artes Cênicas da Secretaria de Cultura, em Pelotas.

Baterista, letrista e compositor. Tem cinco álbuns com a banda de rock **Doidivas** (1995-atual). Em 2020, lançou o primeiro EP com o duo **Departamento D**. Como escritor, é roteirista e autor da graphic novel "**Um Outro Pastoreio**" (2010-2020), do livro ilustrado "**O Último Homem na Lua**" (2012) e do infantojuvenil "**Zeca Bum – Chaminé Não é Vulcão**" (2019).

MARIA CRISTINA CAMINHA DE CASTILHOS FRANÇA

Doutora em Antropologia Social (UFRGS). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Possui graduação em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997).

Professora e Pesquisadora do IFRS (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Porto Alegre). Desenvolveu projeto de Pós-doutorado no BIEV (Banco de Imagem e Efeitos Visuais)/UFRGS. Atua como docente no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) em Rede e docente colaboradora no Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: química para a vida e saúde (PPGQVS/UFRGS).

É Editora-chefe da Revista ScientiaTec, periódico do IFRS. Sua experiência na área de Antropologia tem ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: memória, envelhecimento, alimentação, representação social, família, genealogia, relação geracional e imagem, ofícios e profissões.

Ficha Técnica:

Textos, artes e projeto gráfico: Rodrigo dMart

Revisão: Rodrigo dMart e Yara Baungarten

Fotografias: Yara Baungarten e Rodrigo dMart.

Todas as imagens deste guia são obras ou fazem parte de projetos artísticos, culturais e educativos realizados por Rodrigo dMart, com os direitos reservados ao autor e à Imagina Conteúdo Criativo, com cedência de uso para este produto educacional.

E-mails:

Rodrigo: rodrigonoltemartins@gmail.com

Maria Cristina: mcristina.franca@poa.ifrs.edu.br